

Nas Asas da Redenção



Rodinei Carlos de Moura

NAS ASAS DA REDEÇÃO

Romance espírita

Rodinei Carlos de Moura

NAS ASAS DA REDENÇÃO

Romance espírita

Rodinei Carlos de Moura

Data da publicação: 30 de setembro de 2020

CAPA: Ana Luísa Barroso da Silva Neto

REVISÃO: Angélica Reis

PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador

Rua Senador Souza Naves, 2245

CEP 86015-430

Fone: (43) 3343-2000

www.oconsolador.com

Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez - CRB9/703

M889n	<p>Moura, Rodinei Carlos de</p> <p>Nas asas da redenção: romance espírita / Rodinei Carlos de Moura; revisão de Angélica Reis; capa de Ana Luísa Barroso da Silva Neto. Londrina, PR: EVOC, 2020 176 p.</p> <p>1. Literatura espírita-romances. 2. Espiritismo. I. Reis, Angélica. II. Silva Neto, Ana Luísa Barroso. III. Título</p> <p>CDD 133.93 19.ed.</p>
-------	--

Índice

Prefácio, 6

I. Projetando o futuro, 8

II. Em busca do merecimento, 18

III. Mãos à obra, João, 29

IV. Uma visita de outro mundo, 34

V. O resgate de Thierry, 41

VI. Num futuro não muito distante, 48

VII. Relação insólita, 65

VIII. Então é Natal, 72

IX. Na casa espírita, 83

X. Alguns anos depois, 93

XI. Um menino revoltado, 99

XII. Uma conversa séria, 105

XIII. O anjo em sua vida, 112

XIV. Bem lá na frente, 118

XV. Ninguém muda, 127

XVI. A magia do amor, 135

XVII. Desapego é sinônimo de amar, 148

XVIII. Última conversa, 155

XIX. Liberte-a, Thierry, 159

XX. Um dia em uma noite, 168

Prefácio

Jean Pierre, reencarnado no Brasil como João Pedro, que na Idade Média foi o chefe de um exército feudal, a trabalho do Senhor Thierry, expia seu passado de erros, onde ele traiu este senhor que o considerava como um filho. Jean Pierre seduziu a filha de Thierry e a abandonou depois de se aproveitar dos prazeres sexuais que ela lhe proporcionou, motivada pelo amor que ela nutria pelo rapaz e o qual ela julgou ser recíproco.

Thierry armou uma cilada para matar Jean Pierre envenenado, no que obteve êxito. Depois o perseguiu pelo Umbral, quando a consciência de Jean começou a despertar, o impedindo de reagir. A culpa que sentia o tornava uma presa fácil, não somente para Thierry, mas também para outros inimigos do jovem guerreiro.

Mas Jean é resgatado, segundo seu merecimento, pelos emissários da luz, depois de muito sofrimento e de voltar a pensar em Deus. E depois de muito tempo no plano espiritual, estudando e preparando-se para reencarnar, Jean volta à Terra como um rapaz órfão, negro e com muitas dificuldades a superar, para conquistar a confiança e o perdão de Thierry, que continua lhe perseguindo, como espírito desencarnado, que a esta altura tornou-se chefe de uma legião das trevas.

Em *Nas Asas da Redenção* nossos amigos estão juntos novamente, com o objetivo de prepararem uma reencarnação que ajude a Thierry a perdoar e seguir em frente rumo ao infinito, acolhendo as bênçãos divinas que caem a todo momento sobre todos nós.

Destacamos a oportunidade que temos de abordar com carinho e muito respeito, pela importância do tema, a questão do planejamento reencarnatório e do acompanhamento dos amigos espirituais em nossa jornada. Nunca estamos sozinhos! É sempre bom lembrar.

Com o auxílio da inspiração, instrumento entre os amantes da literatura, simples aspirantes a escritores, como nos julgamos ser, e desencarnados também amantes da literatura, mas com conhecimento superior ao nosso, é que ofertamos estas páginas cujo objetivo é levar doutrina que console e esclareça, sem fazer prosélitos. Portanto, não somente aos espíritas, mas a todo aquele que simpatize com a mensagem cristã de que a vida verdadeira é do espírito imortal, viajor do universo, em busca de crescer na ciência do amor.

Humildemente, o autor.

Rodinei Carlos de Moura

27 de julho de 2012

Capítulo I

Projetando o futuro

Depois de voltar à colônia espiritual com a qual tinha ligação, e pela qual foi resgatado no momento de sua desencarnação, João Pedro não tinha pensamentos outros senão os de gratidão a Deus por ter empreendido uma reencarnação na qual teve sucesso e principalmente por poder estudar e organizar-se para ajudar Thierry. Sua gratidão era imensa também pelo sofrimento que passou e que o ajudou a ficar mais em paz com sua consciência pela oportunidade de se colocar no lugar dos semelhantes.

Como é natural numa transição, João também precisou de um tempo para ali se adaptar. Uma cidade aproximadamente oitocentos mil habitantes, cujo objetivo era avaliar suas reencarnações e prepararem-se para voltar à crosta terrestre quando necessário, numa nova indumentária carnal, para se corrigir e melhorar-se.

Certo dia ele foi chamado à sala do Ministro Eusébio, para definirem qual seria o melhor caminho a seguir agora. Uma sala simples, muito bem projetada do ponto de vista prático, com uma mesa que parecia de um cristal que emitia uma luz com um efeito calmante, por assim dizer.

João foi recebido com muita simplicidade e carinho por parte do ministro, embora tenha chegado muito tímido, quase constrangido, não sendo acostumado a ver este tipo de comportamento por parte dos superiores da erra dos quais tinha lembrança:

- *Com licença, ministro...*

- *Por favor, João, fique à vontade. Enquanto lhe esperava, eu revisava o projeto de outro irmão nosso que parte em breve para uma nova jornada terrestre. É importante que tudo seja previamente analisado, para favorecer o êxito do espírito de boa vontade.* – O ministro dizendo isto se dirigiu a João, abraçando-o com muito carinho, como quem acabara de receber um irmão que acabava de chegar de uma longa viagem.

É muito bom ter você conosco outra vez. Ainda mais depois de uma reencarnação de sucesso, na acepção cristã da palavra. Precisamos agora definir qual caminho você quer seguir. O ócio não é um bom companheiro.

Mas você pode estudar e trabalhar em nossa colônia e com o tempo escolher sua próxima reencarnação, com nosso auxílio, naturalmente. Já tem a consciência relativamente desenvolvida e já sabe que as oportunidades na veste física são muito importantes para a evolução do espírito. E por esta razão, escolher as reencarnações com posição de destaque no mundo sem noção da responsabilidade que isto acarreta, é atentar contra si mesmo.

- *Mas ministro, se me permite, atendendo ao pedido de meu coração, seria possível escolher minha próxima reencarnação desde já?*

- *Sempre é possível pedir, meu amigo. Receber naturalmente é uma questão de merecimento.* – respondeu o ministro sempre amável, no que João sentiu-se à vontade para continuar.

- *É que tive informações de que Thierry sofre muito nas regiões umbralinas em que se manteve depois que*

desencarnei, preso ao remorso por ter me perseguido em minha última reencarnação. No entanto, quem poderia culpá-lo, ou quem agiria diferente diante de tudo o que lhe fiz, quando vivemos juntos na França, na época do Feudalismo.

O ministro Eusébio, prevendo o que diria João, já que conseguia visualizar a projeção de seus pensamentos, adiantou-se:

- Muito nobre sua intenção, João Pedro. Mas deve saber que o remorso é apenas o começo do despertar da consciência em relação aos seus equívocos. E sabe também que devido ao grau de evolução do planeta em que nos serve de escola, a Terra, um planeta de provas e expiações, o sofrimento é necessário. No entanto, já advertiu Jesus, aí daquele pelo qual venha o sofrimento.

Portanto, fica fácil entender que ninguém passa por nada que não mereça ou não tenha condições de superar. Cabe a cada um de trilhar este caminho da maneira mais suave possível pelo uso do livre-arbítrio, da confiança na Luz e desenvolvimento das potencialidades do espírito.

- Sim, sim, ministro Eusébio. Já começamos a entender que não somos vítimas do acaso e que Deus nos ampara segundo o merecimento e boa vontade que empreendemos. Também já conseguimos vislumbrar que todas nossas reencarnações estão ligadas ao nosso passado e ao mesmo tempo preparando o nosso futuro.

Não conseguimos ainda saber onde tudo isto começou e quem atirou a primeira pedra. Mas confiamos na providência divina, que nos fez esquecer aquilo que não estamos ainda preparados para ter de volta em nossa memória consciente. Mas ainda assim sentimos que podemos, com a benção do Pai Celeste e com o auxílio

dos espíritos já iluminados, a ajudar nosso irmão Thierry e começar um capítulo diferente desta história.

- Você tem algo específico sobre o qual gostaria de trabalhar na sua próxima reencarnação? Pensou em alguma coisa para começarmos um projeto, caso tenha uma resposta positiva?

- Sim, ministro. Na verdade um desejo de estudar física tem me consumido neste período que estou aqui nesta colônia, depois que me recuperei da perturbação espiritual pós desencarnação. Tenho ido muito à biblioteca e lido muito sobre as novas descobertas que vão ajudar a humanidade no futuro e estou maravilhado. Gostaria muito de poder lecionar esta matéria, sem a pretensão de ser eu um grande cientista. Apenas, se permitido for, gostaria de contribuir para formação de profissionais desta área mais próximos de Deus.

- Vejo que não perdeu tempo aqui, meu jovem.

Está bem, João. Vou levar seu pedido ao conselho e em trinta dias terá sua resposta. Continue com seus pensamentos de confiança em Deus.

Despediram-se como amigos o fazem e João seguiu para seu alojamento.

Durante este período João assistiu às palestras com temas altamente motivadores e teve permissão para visitar as bibliotecas. Era um leitor insaciável, que descobria novos temas ainda não abordados na terra. Fez também muitos passeios pelo parque, que tinha uma linda represa, com uma água tão cristalina e com um poder rejuvenescedor, já que esta água recebia com muita facilidade a energia vinda das esferas superiores e também dos próprios espíritos que ali viviam somente com

pensamentos nobres, exceção feita àqueles que estavam nos hospitais em estado grave, recém-chegados da crosta terrestre e que não tinham ainda se habituado à necessidade de vigiar o pensamento para viverem em paz. Mas o bem ali superava em muito a ignorância.

Com tantas atividades nobres, mesmo ainda não estando vinculado a um trabalho específico, João nem percebeu o tempo que o ministro havia lhe prometido para dar a resposta de seu pedido passar. Logo estava ele novamente na sala de Eusébio e sendo recebido com muito carinho e respeito. Desta vez o ministro não estava só:

- Entre, meu caro João, por gentileza. Quero lhe apresentar Fernando, um dos técnicos responsáveis em projetos reencarnacionistas.

Depois da apresentação e os cumprimentos, ministro Eusébio continuou:

- O conselho pode ver o registro de sua sinceridade, João, durante a primeira conversa que tivemos, pela emissão de seus pensamentos que ficaram registrados pela câmera que aqui temos e que enxerga muito além das aparências.

E por esta razão, seu pedido foi aceito, desde que você se submeta às condições necessárias para que possa voltar e ajudar Thierry e naturalmente galgar mais um degrau na sua evolução.

A um sinal do ministro, Fernando ligou um computador transparente, de uma tecnologia ainda não conhecida na Terra, sem fios e que respondia aos comandos de pensamentos, que neste caso eram emitidos por Fernando, e que ficava sobre uma mesa também de

crystal, comunicando-se com uma tela grande como um cinema que desdobrava como o desenrolar de um grande rolo invisível, também respondendo ao comando de pensamentos.

O ministro foi então explicando alguns detalhes importantes a João, que parecia encantado com as novidades. Conforme ele falava aparecia imagens como de um filme na tela, mas um filme que sempre tinha dois ou mais finais possíveis:

- Você já deve saber que com o remorso Thierry perdeu a capacidade de defender-se e foi aprisionado por Victor. Mas o que deve ter em mente é que para poder ajudar nosso amigo como você pretende o melhor é tê-lo como filho na próxima reencarnação.

Você nascerá numa família espírita de classe média, onde não lhe faltará o necessário para bem se preparar para entrar numa boa faculdade, e onde poderá estudar física em período integral.

Será considerado um menino estranho durante toda sua infância, pelos gostos e aptidões diferentes da maioria. Mas vai depender de você, no entanto, escolher trilhar o caminho correto, pois o da sedução estará lhe convidando a abraçá-lo.

Muitas vezes desejará ser igual ao vulgo. Vai querer ser aceito, embora os valores espirituais já estejam bem despertados na sua alma. Até mesmo na faculdade e ainda mais lá, terá a oportunidade de abandonar seus estudos para poder aproveitar-se dos prazeres puramente materiais e degradantes, como drogas e sexo irresponsável. Será preciso muita oração para manter-se sintonizado com os amigos desta colônia que lhe ajudarão nesta jornada.

Superando esta fase encontrará, com o auxílio do determinismo, a mãe de seu filho, companheira que desencarnará logo após dar à luz, colocando, mais uma vez, sua resignação à prova. Terá que cuidar de "Thierry" sozinho, tendo todo cuidado de dar bons exemplos, para ajudá-lo a extirpar de seu íntimo a revolta e rebeldia. Ele, no entanto, não estará preparado para retribuir seu amor. Tudo o que você vai receber dele é desprezo.

Seu filho chegará a vocês com algumas limitações físicas que se agravarão com o tempo. É uma doença degenerativa que causa atrofia muscular. São necessárias para que sua revolta não encontre vazão que possa prejudicar esta reencarnação. Ele é dotado de uma inteligência muito grande e mesmo rebelde poderá ajudar muita gente, o que contribuirá para que numa próxima reencarnação ele tenha ainda mais créditos espirituais para, quem sabe, mudar de direção.

Os detalhes importantes deste projeto você estudará com Fernando por muito tempo numa colônia espiritual próxima daqui, que é mais voltada para o estudo das ciências conhecidas na Terra como física, química e Biologia. É necessário que você para lá vá, que é como uma cidade universitária, para que se prepare para sua missão. Incluso nela, aliás, está o seu sonho de aproximar os físicos de Deus. Depois de formado você dará aula numa renomada faculdade.

Alguma pergunta, João?

- Sim, ministro. Algumas.

A primeira é: o que é determinismo?

- Determinismo é a ferramenta divina que regula as relações entre os seres pensantes, que limita o alcance de

nossas atitudes, para que as consequências destas não prejudiquem ou não beneficiem que não tenha o devido merecimento.

Pois se Deus nos concedeu o livre-arbítrio, este é também limitado, pois não temos discernimento para usá-lo de maneira absoluta.

- Não somos totalmente livres então, ministro, para eleger nossos caminhos?

- Totalmente somente se vivêssemos como o eremita do deserto, João. Enquanto vivermos em sociedade, nosso direito termina onde começa o do nosso semelhante. Isto já é sabido por todos e repetido pela boca de nossos ancestrais mais remotos.

- As tragédias do mundo então, ministro...

- Sim, meu, querido, seu pensamento está correto. Deus não improvisa, e ninguém passa por nada que não mereça ou precise. O que não tira a responsabilidade daqueles que praticam mal, já que não lhes foi concedida tal missão. Mais tarde, estudando a lei de ação e reação, de causa e efeito ou ainda a lei de atração, que são diferentes rótulos para a mesma substância, você entenderá melhor isto.

- Quanto tempo demorará até obtermos permissão para voltar?

- Tudo dependerá dos seus esforços, João e também da melhora de Thierry. Você além de estudar, vai trabalhar nesta colônia, auxiliando os cientistas de lá, para que possa merecer sua próxima reencarnação. Mas em média, pelo que pudemos apurar, uns cem anos. Antes disto será muito difícil estarem ambos preparados.

Esta informação deixou João triste por alguns segundos, mas o ministro percebendo seu estado, interveio bondoso:

- Aprendamos a abençoar a dor, instrumento pelo qual Deus nos permite reencontrar o caminho da luz, do qual nós saímos por conta própria. Somos livres para fazer o que quisermos diante da vida, que sempre nos oferecerá no mínimo dois caminhos. Sofrer as consequências destas escolhas com dignidade é o que nos faz crescer.

Habitue-mos também, desde já, a confiar na sabedoria divina, João. Os pensamentos moldam os acontecimentos e atraem segundo a sintonia que estejam. Quanto mais confiantes, mais auxílio atrairemos. Mais portas conseguiremos enxergar. E elas são muitas, meu amigo, neste universo magnífico.

Do prédio onde eles estavam, todo de vidro transparente, era possível ver as estrelas, que dali tinham um brilho ainda mais interessante. João parecia entender a mensagem do ministro Eusébio e elevando seu pensamento a Deus, através da mentalização do Universo, e do deslumbramento que a beleza deste lhe causava, parecia harmonizar-se com a natureza, com as estrelas e com os astros de modo geral.

Parecia que em segundos de bons pensamentos ele podia conectar-se a toda a galáxia. E pensar na grandeza desta fazia com que ele sentisse em si a grandeza de Deus.

Era como se pudesse sentir dentro de si todos os astros movendo-se harmonicamente no espaço, como que emitindo uma sinfonia que o fazia lembrar do capricho de Deus para com sua criação em seus mínimos detalhes. E

tudo aquilo misteriosamente parecia caber dentro dele. E uma voz conhecida parecia lhe sussurrar ao ouvido:

- Sois deeeuuuses!

Capítulo II

Em busca do merecimento

João seguiu a orientação do ministro Eusébio, mantendo-se confiante e trabalhando para merecer a oportunidade de ajudar Thierry, mesmo sabendo que seu amigo encontrava-se num estado de confusão mental muito grande, entre o remorso e a revolta. E por isto mesmo dificilmente seria nesta próxima reencarnação que Thierry se reencontraria com a Luz.

Foi enviado para uma cidade espiritual especializada em formar cientistas, assim como aqueles que na Terra dedicam-se à nobilíssima profissão de professores das ciências da natureza, como a Matemática, a Física, a Química e a Biologia.

Agora o esforçado aspirante a professor estudava com o auxílio de Isabela, que lhe precedeu a viagem e que tinha mais conhecimento que ele nas matérias do espírito. Cada um deles ali tinha o seu alojamento, e encontravam-se como numa cidade universitária, com cursos que visavam prepará-los para a sua próxima missão. Para isto eles estudavam também as ciências do amor, ignoradas ainda nas escolas que conhecemos quando encarnados. Assim como todas as matérias ligadas às profissões que seguiriam depois de encarnados.

O mais encantador quando começamos conhecer as realidades espirituais, é entender que nosso mundo material é uma cópia imperfeita do mundo espiritual, do qual viemos e para onde vamos retornar. Ou seja, do mundo real, imperecível. E muitas coisas, como por

exemplo as invenções tecnológicas, algumas obras de artes, como quadros e músicas, são trazidas a este plano através da inspiração ou de recordações do que vimos no plano espiritual e desenvolvemos aqui com o auxílio e permissão da espiritualidade.

Certa manhã, quando seguia para sua escola, João Pedro encontrou Isabela pela calçada daquela cidadezinha, que veio ao seu encontro sorridente:

- Como vai, João? Entusiasmado com seus estudos?

- Sim, estou amando meu curso. E preciso me dedicar muito, pois o sucesso de minha nova reencarnação está intimamente ligado com o desenvolvimento desta profissão. Vou lecionar numa faculdade do plano físico, se tudo correr como planejamos.

- Aqui nós aprendemos também, João, que as nossas palavras e nossos pensamentos são determinantes para o sucesso de nossos empreendimentos. Por isto mesmo temos que nos habituar a pensar em nossos objetivos como se eles já estivessem concretizados. Nossos pensamentos dão forma aos nossos desejos com a matéria elementar do universo, o fluido cósmico, assim conceituado pelo Espiritismo. Que é também o éter dos antigos filósofos e físicos, ou seja, a matéria-prima de Deus.

De acordo com a intensidade do nosso pensar, de acordo portanto, com a nossa vontade, é que os nossos desejos vão se tornando real. Os sonhos são energias que para se materializar precisam ser concentradas.

João, depois de meditar um pouco sobre a importância daquelas palavras, brincou:

- Simples, assim?

- Cada um de nós é que vai decidir isto em si João. Fácil ou não tão fácil, vai depender do posicionamento de cada um.

Mas é preciso ainda, ao iniciarmos a busca de cada objetivo, elevar o nosso pensamento, humildemente, a Deus e dizer: que seja feita, Senhor, a sua vontade sábia e não a minha. Para que os emissários da luz nos livre do que nos seria nocivo à nossa evolução e nos auxilie a obter o que nos é benéfico.

João, então, absorvendo aquelas energias em formas de palavras que Isabela lhe oferecia, trouxe a sua tela mental, rapidamente, o projeto da sua próxima reencarnação, o qual ele estava montando com o auxílio de Fernando. Pode ver no arquivo de sua memória o que o motivava para aquele empreendimento. Pode ver seus erros até onde sua memória lhe permitia ir, com a benção divina do esquecimento limitando seu acesso. E, como se tivesse sido transportado, através do espaço-tempo, pôde ver-se com Thierry juntos numa difícil prova de seu amor, no palco da vida, com muitos amigos espirituais os auxiliando. E pode ver emocionado, lá no fim da jornada, o sucesso tão sonhado. Pode sentir a alegria daquela conquista como algo real. Uma lágrima escorreu dos seus olhos neste momento. E, voltando ao presente, disse bem humorado à sua amiga:

- Então, vamos recapitular, Isabela: "Sim, estou amando meu curso. E preciso me dedicar muito, pois o sucesso de minha nova reencarnação está intimamente ligado ao desenvolvimento desta profissão. Vou lecionar numa faculdade do plano físico, e com muita força de vontade, com o auxílio de nossos amigos deste plano e com a benção do Supremo Senhor do universo obteremos o êxito esperado".

João sorriu mais uma vez, abraçou Isabela carinhosamente, e agradeceu:

- Obrigado, minha querida amiga pelas sábias palavras. Sempre que começamos uma nova jornada é muito interessante ouvir aqueles que já estão à nossa frente na caminhada evolutiva.

- Ah, meu amigo, não diga bobeira. Estamos todos na mesma escola da vida, o que nos mostra que estamos mais ou menos no mesmo grau de evolução. Apenas com diferenças naturais da individualidade.

Mas vamos estudar que está na hora, João.

Seguiram, então, para a escola, cada qual para sua classe.

João Pedro estava se dedicando muito. Além de estudar, ele trabalhava na sua escola, como um assistente técnico dos espíritos que ali eram professores e cientistas, como solicitado pelo ministro Eusébio. Dedicava seis horas por dia para o estudo preparatório de sua próxima reencarnação e seis horas ao trabalho. E com isto obtinha ainda mais conhecimento sobre Física, através da prática daquilo que aprendia através da teoria na sala de aula.

Depois de dez anos de dedicação João formou-se num curso que poderia ser comparado a uma faculdade daqui da crosta terrena. Partiria agora para uma pós graduação, uma especialização, por assim dizer, onde ele conheceria a pedagogia por lá ensinada, para que chegasse aqui realmente preparado.

Fernando, que ficou responsável pelo seu projeto reencarnacionista, mas também pela fiscalização do seu preparo para tal missão, estava sempre com ele tirando

dúvidas e orientando-o sobre o que fazer para se preparar.

Os dois encontraram-se na sala de Fernando dois dias após a formatura de João, tudo sem perda de tempo, para uma análise do aproveitamento do jovem estudante e traçarem os próximos passos.

- Bom dia, João. Sente-se, por gentileza.

- Bom dia, Fernando.

- Meus parabéns! Você se formou com as melhores notas. É preciso que saiba que num passado distante você já foi amante destas ciências e por isto sua facilidade na sua compreensão.

- E quando foi isto, Fernando? Será que é possível saber?

- Foi na Atlântida¹ sua última reencarnação ligada a esta ciência, mas não a primeira. É tudo que precisa saber no momento. E isto foi permitido para que a vaidade não lhe pegue em armadilha. Para que não pense que é um privilegiado, como acreditam muitos espíritos desconhecedores da bondade e da justiça divinas.

- Este continente existiu mesmo, então? Sempre pensei que fosse apenas uma lenda.

- Foi um continente que desapareceu, mas você o estudará mais adiante.

Por enquanto o que precisa saber é que não existem privilégios na obra da criação, mas merecimento através dos esforços próprios. Tudo o que aprendemos fica guardado em nós, e é a única coisa que realmente temos de nosso. O esquecimento do passado é temporário, para que não fiquemos presos ao orgulho de posições de

destaque no mundo, ou para facilitar ainda o entendimento com aqueles que nos feriram ou aos quais nós mesmos fizemos mal. Mas o conhecimento que adquirimos está ali guardado, seja ele intelectual ou moral, compondo nossa bagagem de conquistas pelas reencarnações sucessivas. E basta uma leve recapitulação para que aflore, muitas vezes sem que precisemos recorrer a mecanismos que nos permitiriam lembrar completamente de nossas existências pretéritas.

- Isto é maravilhoso, Fernando. Explica o porquê das ideias inatas no mundo. Assim como o porquê dos gênios, e das pessoas comuns. O porquê das diferenças de todos os tipos. É extremamente reconfortante.

- Sim, João Pedro. É esta a contribuição que a doutrina Espírita vem oferecer ao mundo. O esclarecimento através da lógica diante do amor divino, de que somos herdeiros de nós mesmos. E de que Deus, modelo maior de amor e caridade, jamais permitiria que sofrêssemos sem uma razão justa. Jamais privilegiaria a um filho em detrimento de outro. Vem nos esclarecer, acima de tudo, de que somos iguais perante o seu amor, mas diferentes no aproveitamento das oportunidades que já tivemos. E daí as diferenças nas posições evolutivas que nos encontramos.

- Mas Fernando, isto dá o direito a alguém de se achar melhor do que o seu próximo, o fato de ter hoje uma melhor posição? O fato de ser hoje mais inteligente, mais próspero, por exemplo?

- Claro que não, João. A lei da reencarnação nos diz que podemos ter feito tudo aquilo que condenamos hoje nos semelhantes. Ela nos diz também que conhecimento sem amor é com um pássaro de uma asa só, que por mais

que se vanglorie por ter uma asa bela, linda, que é o conhecimento intelectual, não poderá levantar voo apenas com ela.

É nisto que você precisa prestar muito sua atenção. Foi por se deixar levar pela vaidade que nossos irmãos de Capela¹ foram exilados na Terra, quando este planeta passava por uma transformação de mundo e expiação para mundo regenerador. Eles estavam num nível intelectual muito grande, mas moralmente alguns de seus elementos barravam o progresso do planeta.

- Eu li alguma coisa a respeito, Fernando, enquanto estava aguardando a decisão do Conselho de Ministros a respeito do meu pedido. Mas confesso que tal leitura me causou um mal-estar e por isto não conclui a leitura.

- Tudo ao seu tempo, João. Você estudou o projeto melhorado que lhe enviei mês passado?

- Sim, e observei um detalhe que não estava no projeto antes. Thierry vai se envolver com uma moça muito especial. Quem é ela? Eu a conheço?

- Hum, perguntas já esperadas. Sim, vocês a conhecem, naturalmente.

Olhando o histórico de suas reencarnações pretéritas, pude perceber que tinha a possibilidade de alguém que gosta muito de Thierry ajudá-lo de uma maneira que você não poderá fazer. É Angélica, um espírito muito evoluído, pois soube aproveitar a concessão divina do tempo. Não se encontra, por isto, reencarnada em nosso mundo. Logo, o acesso a ela não é muito fácil.

Angélica, no entanto, nunca deixou de observá-los. E a resposta veio logo e foi positiva. Ela quer muito estar com vocês novamente.

João Pedro parecia muito espantado com aquelas notícias.

- Não sabia que isto era possível, Fernando.

- Apenas não se lembra, amigo. Na verdade você conhece o processo muito bem.

Você deve recordar-se que o Cristo advertiu que "existem muitas moradas na casa de nosso pai". E estas moradas, sendo criações de um mesmo Senhor, são solidárias. Somos todos irmão, ligados por uma parentela infinita. Apesar da pueril inferência humana de que só para ele fez Deus o universo, que somos os únicos seres inteligentes nesta imensidão e que a Terra é o único planeta que apresenta condições para o desenvolvimento da vida.

E é natural que os mais adiantados "desçam" para ajudar os mais atrasados. Já o contrário somente em casos excepcionais é possível.

- Fascinante, Fernando!

Eu a encontrarei antes de reencarnarmos?

- Sim, será preciso, para que se harmonizem. Passarão alguns dias juntos. A missão que vão desenvolver solicita este cuidado.

Você dará o exemplo do seu amor, pela perseverança ao seu lado nos momentos mais dolorosos. No entanto, Thierry ainda não está preparado para retribuir.

Mas você concluiu apenas uma etapa da sua preparação para merecer voltar. Precisamos dar início à segunda etapa.

Você vai fazer um curso voltado para formação de professores. É um curso bem aprofundado em como chegar à alma humana. E continuará trabalhando, aliás, mais do que antes, já que terá mais tempo livre. Este curso que fará é somente duas vezes por semana.

No período da manhã, portanto, terá três dias livres para se dedicar a outro trabalho.

- E qual será este outro trabalho, Fernando?

- Você começará a lecionar para um grupo de espíritos que desencarnaram na adolescência ainda e que mantêm seus perísperitos como se assim fossem. Eram, quando encarnados, considerados superdotados. Estavam na faculdade estudando física e desencarnaram de forma traumática, num resgate coletivo.

Como a maioria dos ditos sábios no mundo, eles não acreditavam na vida após a morte. Eram materialistas. Daí não entenderem que desencarnaram. Pois continuam vendo seus corpos, continuam pensando, caminhando, respirando e até mesmo, por não terem uma boa educação espiritual, por não terem ainda se desvinculado das ideias de sua última reencarnação, sentem a necessidade de alimentação mais grosseira, como tinham quando encarnados. Ainda hoje eles duvidam do que falamos e pensam que estão num hospício, internados contra vontade deles.

João está espantando e indaga Fernando:

- Desculpe-me, interrompê-lo, Fernando. Mas eles poderiam tomar a forma que quisessem, não?

- Na verdade, como não é novidade para você, o espírito pode dar ao seu corpo espiritual a forma que bem entender. E o faz pelo seu pensamento, já que este corpo

espiritual ou, se preferir, o perísprito, é constituído por uma matéria muito sutil, extremamente flexível.

Mas é necessário conhecer para bem usar a lei. E por duvidarem de sua condição de espíritos desencarnados, estes espíritos acreditam que ainda são adolescentes, como quando desencarnaram. O que acontece então? Seus períspritos obedecem aos seus pensamentos, as suas lembranças.

- Muito interessante. – disse João, entre o espanto e a sede de aprender.

Mas por que eu?

- Por que a melhor maneira de aprender é sendo útil.

Se você já conseguiu assimilar as lições que os sofrimentos de suas últimas reencarnações lhe ofereceram, se você realmente acredita naquilo que está se propondo a fazer, vencerá as dificuldades e conseguirá ser um ótimo instrumento da Luz.

Por alguns segundos João meditou sobre a época que desdenhou o Deus que tanto o auxiliou nas suas existências. Quando creditava somente a si mesmo o seu sucesso, sem cogitar quantos espíritos trabalhavam anonimamente para que pudesse superar os obstáculos que encontrava pelo caminho. Realmente agora via tudo de forma diferente. Sentia no fundo de seu ser a energia do pai celeste que está presente em tudo e nos ajudando e nos amando principalmente quando estamos na decadência moral.

- Será um enorme prazer, Fernando. Tenho a certeza que vou aprender muito com este amigos.

- Certo, João. Começamos daqui uma semana. Enquanto isto trace planos de ensino. Mas, acima de tudo, harmonize-se com Jesus, através da meditação e da vontade de servir, para que os emissários do Cristo o inspirem em seu trabalho.

⁽¹⁾ Sobre Capela e Atlântida, veja o livro *A Caminho de Luz*, de Emmanuel, psicografado por Chico Xavier.

Capítulo III

Mãos à obra, João

- *João, chegamos ao seu local de trabalho.* – Disse Fernando, apresentando ao rapaz um lindo prédio em vidro, por onde era possível ver o interior do recinto. Eram apenas dez andares, com elevadores que prescindiam de cabos, mas com uma arquitetura e engenharia não muito diferente da que temos em nosso plano.

- *Este prédio, na verdade este bairro todo, é o que vi de mais terra a terra até agora, Fernando, no plano espiritual.*

- *Ah, não poderia ser de outra forma, João. Como lhe disse, os espíritos que aqui habitam têm ainda suas ideias presas à última encarnação que tiveram. Não podemos impor o despertar a eles, seria contraproducente.*

Os que farão parte da sua classe são vinte e um espíritos altamente endividados com a humanidade. Eles usaram sua inteligência para construir armas e fazer experiências nefastas nos prisioneiros da Segunda Guerra Mundial.

Enquanto Fernando colocava João a par da sua situação, outro espírito de grande envergadura espiritual vinha ao encontro deles. Era João Paulo, o responsável por aquela escola. Era um espírito simples, com grande conhecimento científico, mas também pedagógico. Era também Senhor de uma grande capacidade de amar.

- *Fernando, meu amigo. Vejo que trouxe nosso novo colaborador.*

- Sim, João Paulo. Este é João Pedro, o aluno brilhante que acabou de se formar em um dos nossos cursos de física, preparando para uma missão muito importante na Crosta terrena.

- Muito prazer, João. Seja bem-vindo e saiba que estamos aqui para lhe ajudar no que for preciso, muito embora tenhamos também nossas limitações. Fique sempre muito à vontade para nos procurar quando julgar necessário.

- O prazer é meu, Senhor João Paulo.

- Ah, somente João Paulo, por gentileza. Sou seu irmão de caminhada apenas.

Por favor, vamos conhecer sua sala. Eles o aguardam.

Caminharam um pouco e logo estavam em frente a uma sala com alguns espíritos que tinham seus perísperitos totalmente deformados, como os deficientes físicos do nosso plano. Alguns com dificuldade até para locomoverem-se, tendo que usar cadeiras de rodas. Outros falando com muita dificuldade.

João Pedro não esperava por aquilo e sua surpresa fez com que a sua primeira impressão fosse de repulsa. Isto fazia com que ele se sentisse mal, pois não achava certo rejeitar irmãos que estavam naquelas condições. Mas era o que ele sentia. Como lidar com aquilo então? João Paulo foi quem primeiro veio em seu socorro, já que podia ver o que João Pedro estava pensando:

- Não se deixe levar pelas aparências, João Pedro. E lembre-se que o Soberano Senhor do Universo nos ama a todos de igual maneira. No entanto, somos nós mesmos que escolhemos os frutos que vamos colher quando lançamos ao solo as sementes.

João Pedro pareceu entender a breve, mais significativa mensagem, elevando novamente seus pensamentos a Jesus, pedindo em silêncio que o ajudasse a servir sem julgar. Mas entendia também que a pena não seria ali útil. Lembrou-se ainda que Thierry reencarnaria também com algum tipo de deficiência, sem ser vítima do destino e entendeu que ali poderia preparar-se para ajudá-lo.

Fernando, percebendo que João começava a entender a grandeza da oportunidade que lhe fora concedida, despediu-se breve:

- Meu caro, amigo, que Jesus seja seu guia nesta sua nova jornada, embora muitos outros espíritos estarão aqui para ajudá-lo, caso precise.

Mãos à obra, João.

Fernando e João Paulo retiraram-se, enquanto João Pedro preparava-se para dar sua primeira aula.

- Bom dia, meus amigos. Como devem saber, sou seu novo professor de física quântica. Meu nome é João Pedro.

Nisto um jovem ali presente, Werner, interrompeu João como uma pergunta Irônica:

- Você também vai tentar nos convencer de que estamos mortos?

Todos os outros começaram a rir de forma debochada.

João meditou por alguns instantes, e depois respondeu com tranquilidade:

- Ora, por que eu mentiria para você? Estamos vivos, conversando, estudando. Apenas nos situamos numa outra dimensão.

- E por que a ciência não consegue descobrir esta suposta dimensão, suposto professor?

João começava a perceber que sua missão ali seria mais complicada do que ele imaginava. Eram todos espíritos muitos arrogantes, que emanavam uma energia extremamente desagradável.

Ele instintivamente elevou o pensamento a Jesus e depois de uma ligeira prece concentrou-se no aluno que o interpelava. Pode ver então, na sua atmosfera mental, a imagem de uma época em que este jovem reencarnou como cientista no século XX, e fazia experiências terríveis com judeus e negros, a serviço de Hitler. E logo após respondeu com tranquilidade, mas muita firmeza:

- Por que o homem ainda insiste em usar os dons divinos para dominar e fazer o mal. Logo, não é permitido que tudo faça, que tudo descubra.

Ah, mas você vai perguntar: e o suposto livre-arbítrio? E num tom ainda mais firme, embora com muito amor, João completou: ele é absoluto em relação a nossa vontade de fazer, mas relativo quanto a sua exteriorização. O determinismo divino o regula, para aquele que não mereça passar por determinada situação não sofra injustiças, que não existem da parte de Deus. E não poderia ser de outra forma, pois somente assim são compreensíveis as palavras do Cristo: "a cada um segundo suas obras".

A força moral daquelas palavras fez com que o rebelde Werner aquiescesse, muito embora a contragosto.

João prosseguiu com a sua aula. Era necessário aproveitar o tempo, concessão divina, pois aqueles jovens cientistas logo iriam reencarnar.

Capítulo IV

Uma visita de outro mundo

Certo dia, ao final da tarde, quando João saia de uma aula sua, ele foi abordado por Isabela:

- João, chegaram até nós notícias de Thierry que nos entristeceram muito. Apesar de todo sofrimento que tem passado ele continua rebelde. Não tem cogitado dos valores espirituais e não consegue ver a irmã Célia que está ao seu lado, em revezamento com outros amigos, para cuidar dele e ajudá-lo a sair daquela região de sofrimento.

João ficou pensativo por alguns instantes e respondeu:

- Vamos apelar mais uma vez para a misericórdia divina. Se obtivermos a permissão necessária dos espíritos superiores, poderemos resgatá-lo e alojá-lo num hospital daqui de nosso plano.

- Concordo com você, João. Vamos juntos amanhã falar com o ministro.

No dia seguinte, como combinado, os dois amigos se dirigiram à sala do ministro Eusébio, e foram recebidos por ele com muito carinho e atenção. E depois de ouvi-los atentamente, o ministro respondeu sereno:

- O pedido de vocês é muito justo e oportuno. O departamento de Reencarnação vem acompanhando o caso de nosso irmão Thierry e de fato ele terá, a partir de agora, mais êxito fora daquela região.

No entanto, ele não tem méritos próprios para isto, mas atendendo ao pedido de uma amiga de uma esfera muito superior à nossa, aliás de um mundo superior a Terra, que tem Thierry como alguém muito querido, nós já vínhamos organizando este resgate.

Thierry ficará nesta colônia com quem fica numa UTI, em sono profundo e induzido, por longos anos, em nosso hospital, sob o cuidado de enfermeiros abnegados. Ele não tem condições de se manter acordado, pois traria prejuízos aos outros habitantes daqui e a si mesmo.

A esta altura da conversa Thierry e Isabela estavam emocionados. O ministro Eusébio continuou:

- Vocês terão, no entanto, um grande reforço para esta missão de resgate. Angélica é a amiga que lhes falei e que habita atualmente Júpiter. Seja bem vida, Angélica.

Neste momento entrou pela porta um espírito de uma luz maravilhosa, com forma de mulher que mais se assemelhava aos anjos das sagradas escrituras. Sua energia irradiava de forma esplendorosa, seu sorriso denotava muita simplicidade.

- Olá, meus queridos amigos – disse Angélica com espontaneidade e com a mesma aproximou-se de Isabela e João, abraçando-os.

Como é natural nos espíritos mais elevados, fez questão de deixar todos à vontade, já que percebeu que sua superioridade espiritual os constrangia:

- Quero muito agradecê-los por estarem preocupados com Thierry e trabalhando para ajudá-lo, pois ele me é um tesouro muito querido. – dizia isto acariciando lhes a face, com uma irmã mais velha afagando e motivando os

mais jovens, deixando escorrer por seus dedos aquela energia maravilhosa de amor.

De onde a conheceria, pensava João? Sentia que Angélica não lhe era uma estranha, mas não conseguia se lembrar de onde eles se conheciam. Queria responder que eles que tinham que agradecer por Angélica ajudá-los, dizer que era apenas sua obrigação perante um amigo ao qual ele atraindo em outra existência. Mas estava paralisado diante daquela figura com tanta simplicidade e magnetismo. Conseguiu apenas deixar escorrer mais algumas lágrimas, em silêncio, para continuar ouvindo as instruções do bondoso ministro, que lhes percebia a emoção.

Terminadas as instruções do ministro Eusébio sobre como deveria ser o resgate de Thierry, os três amigos saíram juntos, rumo ao parque da cidade para se harmonizarem, requisito este importante para o sucesso da missão que empreenderiam.

Já era noite e a Lua era ainda mais bela vista dali. O ar saturado de elementos renovadores. E a conversa seguia espontânea, como entre velhos conhecidos. João Pedro e Isabela se entreolharam e com risos não puderam conter a curiosidade. Angélica, por sua superioridade espiritual podia ver os pensamentos de ambos, mas por uma questão de simplicidade aguardava eles se manifestarem. Foi Isabela, no entanto, que perguntou:

- Desculpe-nos a curiosidade, Angélica. Mas como é habitar este planeta que nos parece tão belo e ao mesmo tempo tão misterioso?

- Ah, é tão natural a curiosidade de vocês. E antes de qualquer coisa nós somos amigos, e por esta razão peço

que se comportem como tal – disse Angélica, bem humorada.

É de fato um lugar muito interessante. Belíssimas construções quase que flutuam por lá. A gravidade é muito intensa, se comparada com a da Terra, mas os corpos que lá utilizamos são extremamente sutis. E por esta razão nossa facilidade de locomoção é ainda mais privilegiada que a de vocês.

- E qual sua principal ocupação lá? – Perguntou João.

- Bem, João, eu tenho me dedicado à música por um bom tempo. Na minha última reencarnação eu lecionava numa universidade.

- Ah, a boa música é fantástica, não, Angélica? – Disse Isabela. – Deve ser muito complicado criá-la. Tem que se estudar muito, provavelmente.

- Na verdade não criamos a música, Isabela. Ela vem de Deus, como a luz também o vêm. Somos os médiuns da música, da harmonia celeste, assim como existem os médiuns dos espíritos, como a lâmpada poderia ser o médium da luz. Nós a recebemos de acordo com a nossa capacidade de harmonização com o belo, com o nobre e a partilhamos com aquelas almas sensíveis, capazes já de reconhecer este sopro de Deus.

Cada dimensão, ou seja, cada plano em que a vida se manifesta no universo, tem sua própria melodia. No entanto, o mais exato seria dizer, sua própria harmonia. Naturalmente a questão precisa ser estudada mais a fundo para que não venhamos a disseminar a confusão.

Tudo no universo que se move emite também um tipo de música, que é por sua vez mais ou menos harmoniosa, segundo o grau de evolução de cada mundo.

Nos mundos mais adiantados a música é ouvida em toda parte, como por exemplo, no balançar das plantas pelo vento e pelo próprio movimento do ar, da chuva, do caminhar dos habitantes de seus habitantes, dos instrumentos de trabalho, que lá são maravilhosos de ser ouvir. Isto em função de órgãos desenvolvidos para este mister.

Mas em alguns mundos, como podem imaginar, onde o amor não é ainda o sentimento dominante, estes sons não seriam agradáveis. Daí a natureza limitar os sentidos dos seus habitantes para que estes não percebam mais do o que o necessário para bem cumprirem suas missões, que todos têm, já que ninguém reencarna para tirar férias, mas para crescer na ciência do amor.

Mas a música está por toda parte, no mundo espiritual, em cada lugar do universo, como resultado da harmonia do mesmo. E nos mais sublimes ela se confunde com a prece. E aquele que a concebe, assim como aquele que a recebe entra em êxtase, por se harmonizar desta forma com as forças mais sutis do universo.

- Encantador, Angélica. Mas é difícil para os encarnados imaginarem a música fora do corpo físico, já que esta nada mais é para eles do que a vibração, ainda que de forma harmoniosa, do ar. – Disse João.

- Sim, meu amigo. Mas temos o éter, que é o instrumento de propagação de ondas sutis. E temos ainda mais sentidos do que nossos irmãos encarnados, de acordo com a evolução de cada um, evidentemente. O Espírito quando desencarnado, vocês já o sabem, tem os sentidos em todo o seu corpo, e não somente órgãos localizados.

Agora quando encarnados em mundos mais avançados, como no caso de Júpiter, mesmo os nossos corpos possuem mais sentidos, e os mesmos sentidos que já possuímos quando na Terra são mais desenvolvidos. E, como dizíamos, tudo no universo emite sua nota musical, e lá no atual mundo em que estagiamos podemos ouvir os sonidos da natureza, que pelo seu próprio grau de adiantamento, é maravilhoso.

Aliás, o próprio Maestro Rossini, que viveu nesta terra em meados de ... deu uma linda mensagem numa obra de Allan Kardec, intitulada "Obras Póstumas", a respeito da harmonia celeste. Mais tarde nossos irmãos entenderão que a música é na verdade a médium desta harmonia que é transmitida no mundo espiritual através do fluido cósmico universal dos espíritas, que nada mais é do que o éter dos antigos filósofos.

- É fascinante a música, não Angélica? – disse Isabela encantada com o assunto. – Se pudesse o homem encarnado entender a grandeza da música e sua capacidade de moralização, e até mesmo de desenvolver o intelecto do ser. Não perderiam mais tempo com a música frívola, que é também uma armadilha que nossos irmãos ainda presos à ideia de fazer o mal se utilizam para atingir os seus fins lamentáveis. É uma pena, não?

Angélica ouvia mantendo o seu sorriso que não se afetava pelas considerações menos felizes, mas reais, acerca do grau de evolução que nos encontramos neste plano, feitas por Isabela. E com a mesma tranquilidade e fé inabalável na sabedoria divina, ela respondeu:

- Um dia entenderão, Isabela. Quando quiserem crescer, quando resolverem buscar algo além do vulgo, quando estiverem decididos a se enxergar como um ser

transcendental e divino, muito além dos corpos físicos e quando conseguirem enxergar no sexo, que é tema frequente de muitas de suas músicas, algo sagrado e além do ato comum. Mas enfim, são livres, e até lá temos apenas que respeitá-los.

- Tem razão, Angélica. O Belo é o destino de todos nós. Quando conseguiremos enxerga-lo é um problema de cada um, de esforço próprio. E o que seria de nós mesmos se o Cristo não respeitasse o nosso tempo também.

Os três riram ao mesmo tempo, sem motivos para tristeza, e a conversa seguiu animada por algumas horas.

Capítulo V

O resgate de Thierry

Thierry foi resgatado no umbral depois de trinta anos de muito sofrimento. Pois ele tinha sido arrastado pela falange de Victor, e não sendo mais útil para seus fins, já que sua consciência começava despertar, foi aprisionado e torturado por um bom tempo.

Victor ficou com uma raiva imensa daquela situação, pois perdia um grande aliado. E isto para ele era frustrante. Mas trazia em seu íntimo uma satisfação muito grande em ver outros espíritos sofrerem. E por esta razão ordenou que torturassem Thierry, que se encontrava confuso, sem conseguir usar a habilidade que tinha adquirido naquela região para se defender. No entanto, depois de alguns anos, permitiu que Thierry fosse solto, pois seu estado era catatônico. Ele ria e chorava quase que ao mesmo tempo, preso em suas lembranças, hora com muita raiva, hora com muito remorso.

Por muito tempo, então, ele vagou naquelas regiões, recebendo, através da lei que rege o Universo infinito, a lei de ação e reação, toda maldade que fez a Jean, quando este desencarnou ainda na idade média e a muitos outros espíritos que ele fez sofrer por ali com sua crueldade.

Mas com a permissão do plano espiritual superior, os amigos de Thierry foram ao seu socorro. João Vítor, Isabela e Angélica, auxiliada por um coral de espíritos que mantinham seu perísprito na forma infantil, outros espíritos com tipos de arpas e outros instrumentos e muitos trabalhadores que ajudariam no transporte dos

resgatados, adentraram aquele vale de lágrimas como se visitassem um hospital psiquiátrico. Eles aproveitariam a oportunidade para resgatar o maior número possível de espíritos, segundo o merecimento de cada um, naturalmente.

A cena era maravilhosa. Deus, o Ser Supremo de Amor, através de seus emissários, não tinha esquecido os seus filhos rebeldes. E se aquele lugar podia ser comparado ao inferno no qual ainda acreditam muitas almas infantis e através do que muitos espíritos que se julgam acima do bem e do mal se utilizam para manipular seus irmãos, aqueles irmãos desinteressados e confiantes não somente em si, mas acima de tudo na da luz, que jorra a princípio do Pai Amoroso e chega até cada criatura com o auxílio de incontáveis intermediários, podem ser comparados a anjos. Não por terem sido criados intocáveis e com poderes mágicos, com privilégios inadmissíveis à justiça divina, mas por terem escolhido desenvolver a sua capacidade de amar os seus irmãos e louvar o Criador através do bem que espalhem as suas criaturas.

Uma música sublime ia iluminando aquele ambiente tão sombrio, tão carente de amor entre as criaturas que ali habitavam. Cada nota musical ia entrando contato com a atmosfera local, dissipando as trevas por onde eles passavam. E muitos naturalmente iam chorando, deixando-se penetrar por aquela prece depois de muito tempo com suas almas fechadas para a luz. Outros fugiam estarecidos, como não se não se achassem dignos daquele momento.

Thierry encontrava-se numa poça de lama, entre choro e risos, como alguém que estivesse preso as suas próprias lembranças. Pouca percebia do que acontecia a

sua volta. Foi quando Angélica, toda iluminada, como uma figura alada envolta em luz muito forte e ao mesmo tempo tão sublime, uma luz que quase escondia a sua face, deixando perceber apenas um vulto de mulher, foi em sua direção, com lágrimas descendo pelo rosto, ajoelhou-se perto dele, que instintivamente atirou-se ao seu colo, agarrando-a como um filho que confia numa mãe. Angélica fez-lhe alguns afagos, elevando seus pensamentos a Deus, agradecendo por aquele momento tão sublime e iluminando-se ainda mais desta forma. Depois de alguns minutos, talvez dois ou três, dirigiu-se a alguns trabalhadores que a acompanhavam solícitos:

- Por gentileza, amigos, coloquem-no numa maca. –
E de forma ainda mais delicada e num tom bem humorado, arrematou – *Mas com muito cuidado, pois são vocês, agora, o carro forte que conduzirá uma joia que me é muito cara.*

Outros espíritos eram também socorridos neste momento, depois do que a caravana retornou a cidade espiritual de sua origem. E lá chegando João Pedro, Isabela e Angélica acompanharam os amigos que conduziam Thierry para um hospital, no qual ele ficaria num departamento que onde se encontravam outros espíritos na mesma situação que ele, ou seja, inconscientes.

Os internos daquele pavilhão ficavam em pranchas flutuantes, que tinham acoplado na sua cabeceira um leitor de memória, aparelho que se assemelha na forma a um que usamos aqui no nosso plano para fazer eletroencefalograma. Nos “pés” da maca tinha ainda um visor, no qual apareciam os sonhos de nossos amigos que ali estavam em tratamento, sendo tudo acompanhando pelos enfermeiros e médicos. Cada um ali ainda recebia

um feixe de luz que também era controlado pelo leitor de memória. Parecia-se com um escâner portátil que ia e vinha por sobre o corpo espiritual deles, mas que distribuía esta luz com cores diferentes em momentos diferentes, dependendo do estado de cada um. Aliviando as dores morais que eles enfrentavam. Ali eles recebiam ainda o auxílio da música sublime como medida de terapia dia e noite ininterruptamente, pois estavam como que num pesadelo terrível e contínuo, que nada mais era do que lembranças dolorosas de seu passado de equívocos, de perseguição que passaram e que ocasionaram também. Enfim, estavam como que expurgando o mal ao qual se aliaram de dentro de si, mas já com a proteção e auxílio dos trabalhadores daquele hospital e também acompanhados de perto por seus amigos.

Num período de dez anos ele ali ficou, pois não estava pronto ainda para conviver com sua realidade. Era angustiante olhar para ele naquela situação, pois ele sofria com suas lembranças e este sofrimento se refletia no seu corpo espiritual. Mas o tempo passou e quando Thierry despertou, Angélica estava ao seu lado, aguardando-o com a paciência que somente os espíritos que já se desprenderam dos preconceitos de nosso mundo podem ter.

- Olha, olha, se não é o bom filho que a casa torna. Seja bem-vindo, Thierry. Estávamos todos muitos ansiosos pelo seu despertar.

Depois de olhar para Angélica por alguns longos segundos, tentando buscar na sua memória de onde conheceria aquela doce alma, sem que ele soubesse o porquê, cativava a sua, com aquelas palavras amorosas, mas também e principalmente com sua energia que saía de todo o seu ser, mas principalmente do centro

coronário, atingindo Thierry e o acalmando, o rapaz respondeu:

- Todos?

- Sim, Thierry, todos os seus amigos, cujo tempo não afastou de você. Pelo contrário, estamos juntos de novo, com a permissão de Deus, que permite que nos afastemos temporariamente das almas que amamos, para através da solidão, aprender valorizar estes tesouros imperecíveis.

Depois de meditar um pouco, Thierry começou a chorar. Não perguntou mais nada naquele dia. Angélica o abraçou e prometeu estar com ele ainda por algum tempo, durante todo o seu tratamento e também em sua preparação para reencarnar. A palavra reencarnar, é verdade, assustou um pouco o rapaz. Mas depois daquele abraço com tantas energias maravilhosas, ele aclamou-se e voltou a dormir.

O tratamento continuou e num breve período ele já estava caminhando com Angélica pelo Jardim do hospital. Conversavam muito sobre muitos temas. Angélica lhe contou que viveram juntos pela última vez na lendária Atlântida.

- Então este continente existiu mesmo, Angélica?

- Sim, meu querido. E quando ele atingiu o auge de sua evolução alguns espíritos ali, embora muito avançados intelectualmente, começaram a valorizar seu ego mesmo acima de Deus, colocando-se como senhores da natureza e não apenas como parte dela, que é o que somos.

A maioria, no entanto, prosseguiu a marcha da evolução, reencarnando em outros mundos que pudessem lhes oferecer ambiente para novos aprendizados. Levando

consigo a imensa gratidão pelo Cristo que sempre nos guiou a jornada na Terra.

Os rebeldes, porém, tiveram que ficar para ajudar aos irmãos de retaguarda, com sua grande bagagem espiritual, e ao mesmo tempo aprender a valorizar os que lhes são caros pela ausência destes. Começar em ambientes não evoluídos tecnologicamente seria também uma grande prova para a humildade destes irmãos que ficaram.

Thierry depois de meditar por alguns segundos, respondeu em tom de brincadeira:

- Você conhece muitos destes irmãos?

E depois de rirem gostosamente, foi angélica que gracejou:

- Alguns, Thierry! Alguns.

- Isabela me visitou dia destes, Angélica. Mas e Jean Pierre? Onde se esconde? – Disse Thierry ainda com certa mágoa.

- Ah, ele tem aproveitado o tempo, meu querido. Tem estudado e trabalhado muito para merecer reencarnar junto com você novamente. Devemos a ele, em grande parte, a permissão para que você fosse resgatado mesmo em condições diferentes das quais são aceitos os regressos a esta colônia.

Thierry nada dizia, mas trazia ainda grande dificuldade em ver João Pedro como amigo. Sentimentos contraditórios a respeito de *João tomavam conta de seu ser. Angélica podia ver seus pensamentos, mas nada cobrava, nada impunha. Apenas tentava animá-lo com sua sabedoria e seu bom humor.*

- Não se apresse, Thierry. Sei que a saudade é grande de ambas as partes, mas logo ele também virá lhe ver.

Thierry deixou escapar um sorriso amarelo e cabeça baixa começou a pensar em como seria tal reencontro.

Capítulo VI

Num futuro não muito distante

O mundo no ano de dois mil cento e cinquenta e cinco ainda sobrevivia às profecias pessimistas e apocalípticas que de tempos em tempos pululam à imaginação de seus habitantes, assim como às insanidades dos mesmos. Apesar de não ter acontecido também nenhum milagre, as pessoas melhoravam pouco a pouco a sua consciência sobre o respeito que devemos ter com a natureza, ou seja, sobre a busca pelo desenvolvimento sustentável.

A tecnologia seguia voando nas suas inovações. O acesso a elas ainda não era de forma igualitária. A população diminuiu bastante devido a algumas guerras e a alguns flagelos naturais. Tudo sem nada de fantástico, tudo acontecendo como sempre aconteceu desde que o mundo é mundo, com as diferenças inerentes a suas épocas.

Paulo Sérgio era formado em física pela Universidade de São Paulo, fez mestrado em física quântica na mesma instituição, e lecionou em algumas universidades do interior de São Paulo, por alguns anos. Mas mudou-se para a “Cidade Maravilhosa” no ano de dois mil cento e cinquenta e cinco, quando contava com trinta e quatro primaveras, para lecionar na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Era um rapaz moreno, cabelos lisos, setenta e três kg aproximadamente, um metro e oitenta de altura, olhos negros como jabuticaba. Vestia-se quase sempre de maneira muito discreta, era espírita de berço e

completamente encantado com esta doutrina e acima de tudo com os ensinamentos do Cristo. Como a maioria dos espíritas, era ainda admirador profundo de São Francisco de Assis.

No seu primeiro dia de aula na UFRJ, uma garota de vinte e um anos já chamou muito a sua atenção. Era Marina, uma jovem que não media suas palavras, embora não tivesse em si a maldade propriamente dita. Ela queria apenas escandalizar, ser diferente. Trazia no corpo meia dúzia de tatuagens, entre elas uma borboleta, um botão de rosa e uma fénix saindo de uma chama. Ela era intelectualmente muito desenvolvida, pois até ali passou com as melhores notas. Ela estava na verdade no último ano de astronomia.

Mas o que mais intrigava Paulo Sérgio é que aquela linda moça, cabelos longos e pretos como de uma índia, corpo muito belo e bem cuidado pela alimentação saudável e academia que ela frequentava todos os dias da semana, lábios carnudos, era abertamente uma comerciante do sexo. E isto o intrigava.

Mas o seu respeito por Marina, e ao mesmo tempo o fato dele resistir aos seus encantos, também o tornava igualmente um enigma para ela. Isto os aproximou e aos poucos eles foram se tornando amigos.

Certo dia, quase ao final da aula, quando Paulo Sérgio apresentava as provas para os alunos conferirem suas respectivas notas e o porquê destas, a jovem se aproximou e, com seu jeito naturalmente sedutor, disse:

- Professor, pode me dar aulas particulares?

Ele sorriu e respondeu com naturalidade e bom humor:

- Até poderia, Marina. Mas suas notas são quase perfeitas. Qual a justificativa para você me pagar pelas minhas horas, que, aliás, devo lhe advertir, são caríssimas?

- Você mesmo já respondeu, professor. São quase perfeitas e isto não me agrada. Gosto da perfeição em tudo que faço.

Depois de alguns segundos de meditação, Paulo Sérgio respondeu:

- Ok, já me convenceu. Também penso que pelo menos a busca desta é interessante. É o que nos faz crescer.

- E você pode ir até meu apartamento, professor Paulo?

- Não, não, querida. Você irá ao meu. Tome meu endereço, vou lhe aguardar às...

- Vinte horas. – completou a moça, pegando o bilhete com o endereço de Paulo Sérgio.

- Tudo bem, amiguinha.

Marina deu alguns passos em direção à porta, olhando de repente para trás e piscando para Paulo Sérgio, que riu, vendo nela apenas uma menina levada. Mas intuitivamente elevou seu pensamento aos seus amigos espirituais, pedindo que possa ser útil sempre, a todos, mas sem cair nas armadilhas naturais que são colocadas no caminho daqueles que já se comprometeram com a Luz.

Na hora combinada, a moça lá estava. Chegou com seu carro do ano e de alto valor comercial e desceu num grande salto e com roupas sensuais, embora não

decotadas. Calça Jeans e blusinha de manga colante ao corpo, de excelentes marcas, revelando desta forma a sua preocupação com a Moda. Um lindo relógio Rolex no pulso, brincos caros.

Quando entrou no apartamento de Paulo Sérgio, era notório o contraste de seu modo de vida com o de seu professor. Ela encontrava ali um lugar simples, com alguns quadros de paisagens na sala, que segundo foi saber mais tarde, ele mesmo pintou. Também tinha ali uma enorme televisão de duzentas polegadas, tela ultrafina. Era acionada pelo comando de voz, assim como todos os outros eletrodomésticos, e também as portas e janelas. Algo normal para seu tempo, nada de extraordinário como estava acostumada Marina. Havia poucos móveis, apenas o necessário. Ah, o rapaz morava no último andar, de frente para o mar, e na sacada tinha um telescópio newtoniano feito por Paulo Sérgio.

Quando a jovem subiu já encontrou a porta aberta e foi entrando. O rapaz a recebeu de chinelo, bermuda e uma camiseta.

- *Seja bem vinda, Senhorita.* – disse Paulo Sérgio com seu habitual bom humor, enquanto Marina parecia analisar o ambiente, caminhando pela sala e neste momento passando o dedo indicador no telescópio.

- *Você gosta de observar, professor?*

E ele respondeu de bate-pronto:

- *Sim, Marina. Tudo aquilo que seja digno de meus olhos. E que possam enriquecer minha alma.*

A quem pudesse ver o que se passa no mundo espiritual, ficaria claro que estes diálogos entre Marina e Paulo Sérgio eram como a luz e as trevas se digladiando,

através das palavras. As de Marina carregadas de lascívia investiam contra Paulo, como uma poeira pardacenta, com certa viscosidade, como que tentando envolvê-lo. Que por sua vez se defendia com palavras carregadas de amor e respeitos sinceros, cujos efeitos assemelhavam-se a uma irradiação de uma luz fortíssima, que saía de todo seu ser, mas principalmente da região do coração, que devorava, por assim dizer, aquela massa escura. Acrescentemos a isto o fato de que Paulo Sérgio tinha uma companhia espiritual maravilhosa, composta de alguns amigos da colônia da qual reencarnou e que o seguiram na missão de ajudá-lo e que se revezavam para isto e muitos outros que simpatizaram com o rapaz nesta existência através de sua busca em viver os ensinamentos do Cristo. Marina, através do seu comportamento em relação ao sexo, adquiriu muitos parceiros desencarnados que se uniram a ela no intuito de desfrutarem deste prazer através de seu corpo físico, e para isto alimentavam nela cada vez mais o desejo de sexo sem compromisso.

Mas naquele ambiente eles não conseguiam adentrar. Havia um cordão de isolamento vibratório, ou seja, uma proteção através de energias emanadas pelo próprio Paulo e seus amigos espirituais que não permitiam a entrada de tais entidades. Eles aguardavam-na, a contrafeita, lá fora e, assim que Marina saísse, eles se agarrariam a ela novamente energeticamente.

Em momento algum Paulo Sérgio a julgava. Ela por sua vez, não ficava indiferente aos bons exemplos que seu professor lhe passava. Era, de leve, tocada lá no fundo de sua alma. As palavras e atitudes de Paulo eram como sementinhas que poderiam demorar a desabrochar, mas o plantio estava sendo feito. Sementes de Luz.

- *Bem, vamos estudar, menina. Afinal, é para isto que está me pagando.* - Disse o rapaz, descontraído.

- *Sim, professor, vamos estudar.* – Respondeu Marina, cada vez mais intrigada.

Sentaram-se ali mesmo na sala, mesa e cadeiras previamente arrumadas por Paulo Sérgio. Em cima da mesa apenas um lápis, uma borracha e algumas folhas de rascunho. E a primeira aula de muitas correu de forma muito rápida para os dois. Na verdade estudaram por três horas. Mas a empolgação do professor pela matéria aliada a sua grande facilidade de transmitir, contagiaram a moça, que, diga-se de passagem, também tinha grande amor pela natureza de forma geral e por consequência, pela matéria que estudavam.

- *Foi muito boa nossa aula, professor. Devo confessar que fiquei fascinada, e adoraria poder retribuir de alguma forma.* – Disse Marina, acariciando o rosto de Paulo Sérgio.

- *E pode, minha querida.* – Dizendo isto, Paulo entregou-lhe um papel com o valor de suas aulas.

- *Poxa, pelo visto você sabe mesmo valorizar seu trabalho.* – E então a garota foi abrindo sua bolsa e retirando o pagamento.

- *Tenha uma excelente noite, Marina. E lembre-se, só podemos ensinar aquilo que já aprendemos. E somente aprendemos aquilo que já praticamos. Muita luz, minha querida.*

Marina saiu pensativa, um pouco frustrada, mas também um pouco mais encantada com o rapaz. Foi para seu belo apartamento, desligou o celular, deitou-se em sua confortável e imensa cama e ficou sonhando

acordada, tentando entender o que acontecia. O que acontecia com ela? Pensava a moça, que sempre foi tão segura quanto ao que queria da vida.

E a partir dali muitas outras aulas particulares eles faziam juntos, muitas noites eles passariam juntos, janela aberta, convidando a lua a lhes bisbilhotar, conhecendo-se, aprendendo a se respeitarem, tão diferentes que eram. Marina depois de dois meses de insistência, percebeu que não conseguiria nada de Paulo Sérgio, pelo menos não da maneira da qual a princípio pensava em conseguir.

Certa noite, Marina chegou ao apartamento do rapaz, alterada pelo efeito do álcool que havia ingerido naquela tarde e desta forma tornava-se mais facilmente influenciada pelos espíritos com os quais tinha ligação através da sua vida de meretrício. Logo que entrou, sentou-se na sua habitual cadeira e começou a tentar insultá-lo:

- Já sei seu segredo, Paulo Sérgio. Entendi o porquê de ser tão sensível, de não querer aceitar minhas carícias, meus convites ao prazer que uma mulher linda e experiente como eu pode-lhe proporcionar.

Paulo Sérgio era de fato muito sensível, seja pela própria missão que empreendera quando reencarnara, assim como pela própria disciplina que vinha desenvolvendo desde a infância, consequência do grau de evolução que já tinha atingido, surpreendendo até mesmo seus pais biológicos, que vinham nele uma criança precoce e muito misteriosa.

E por toda esta sensibilidade ele podia perceber, com os olhos da alma, que ligada a ela uma falange de espíritos comprometidos com as trevas, influenciando a moça, que

em situações normais poderia até ter vontade, mas não seria capaz de ofendê-lo gratuitamente. E por esta razão seu primeiro ato, depois de arrepiar-se e sentir algo desagradável, entregando-lhe a presença destes irmãos com intenções de tirar-lhe a paz e ao mesmo tempo de prejudicar a moça, foi pedir humildemente a Jesus e aos emissários da luz, em pensamento e com muita segurança, que o auxiliasse a ser útil e a calar, quando nada mais fosse possível fazer.

E de repente, olhando a moça a fundo com muito carinho, ele respondeu:

- Qual deles, Marina? Somos tão enigmáticos, que estimaria muito que me ajudasse a me conhecer um pouco mais.

Marina ficou um pouco desconcertada, assim como os espíritos que a influenciavam, pois esperavam outra resposta.

- Você é gay – disse a moça gritando com tal intensidade, que um vizinho que passava pelo corredor pôde ouvir.

- Hum, sabe que já pensei nesta hipótese, Marina. Mas cheguei à conclusão que não. Apenas não tenho vocação para Dom Juan. Assim como também não quero mais débitos com a sagrada energia do sexo. – Respondeu o rapaz com uma risada que desconcertou Marina ainda mais, pois ficava claro que aquilo não o afetava.

Mas acalme-se, vou fazer um café. Você está precisando.

Ele dirigiu-se à cozinha, pensamento ainda elevado aos emissários da Luz, voltando depois de cinco minutos

com uma xícara de café bem forte, mas que Marina não pôde desfrutar, pois ela tinha adormecido no chão da sala, em cima de um tapete felpudo, cabeça junto a uma almofada.

Paulo Sérgio então a carregou no colo até sua cama, cobriu-a com um edredom macio, dando-lhe um beijo carinhoso na testa. Dormiu na sala, no tapete, para acordar no outro dia cedo, como de costume, para trabalhar, depois de um reforçado café da manhã, deixando tudo pronto para Marina também se alimentar quando acordasse.

E quando ela acordou, já pelas dez da manhã, dirigiu-se a cozinha, e viu que junto à mesa tinha um comprimido para dor de cabeça e um bilhete com os seguintes dizeres:

"Espero que tenha dormido bem, embora eu duvide disto. Na garrafa tem café bem forte, acho que vai precisar. Deixe a chave na portaria, por gentileza. E não se esqueça do pagamento de minhas aulas, afinal, eu estava a sua disposição, como havíamos combinado. Beijinhos. Ass.: Paulo Sérgio."

Marina riu-se, tomou o comprimido com um copo de suco e dispensou o café. Deixou o dinheiro na mesa, e a chave na portaria quando saiu, para voltar somente no dia seguinte.

Chegou de surpresa, aliás, próximo das vinte horas, numa sexta-feira. Apertou a campainha e ouviu um "entra, a porta está encostada". Pegou Paulo Sérgio fazendo yoga e ouvindo mantras, típicos desta prática.

Entrou meio sem jeito, mas Paulo logo descontraiu:

- Ah, parece que descobriu mais um segredinho meu.

E, depois de um riso amarelo, a moça dirigiu-se a Paulo Sérgio:

- *Desculpe pelo outro dia.* Disse a Marina sorrindo timidamente.

- *Não pense nisto, você não estava no seu juízo normal, embora seu juízo normal não seja nada normal também. Mas enfim, o que é ser normal? Fique tranquila, Marina.*

- *Obrigada, Professor.*

É estranho, mas você tem o dom de me deixar constrangida. Não sou assim em meu cotidiano.

Mas quais são seus planos para uma sexta à noite, Paulo?

- *Ah, eu pretendo enlouquecer esta noite. Pedi uma pizza metade quatro queijos, metade brócolis, com uma borda recheada de queijo catupiry, que já deve estar chegando.*

Aluguei também algumas comédias, e você pode assistir comigo se quiser.

- *Você é bem esquisito, mas acho que vou aceitar. Normalmente eu iria trabalhar, mas acho que rir vai me fazer muito bem hoje.*

- *Rir faz bem a todos nós, Marina. E sempre, ou quase sempre. Como diria o poeta: "Desejo ainda que seja triste, mas não o ano todo. Mas somente um dia. E que neste dia descubra que o riso habitual é bom, o diário é insosso e o constante é insano".*

A casa não tem sofás, mas sinta-se à vontade para escolher qualquer almofada.

- *São todas iguais, Paulo.*

- *Hum, só na aparência, Marina. Somente nas aparências.* – respondeu o rapaz fazendo uma careta muito enigmática.

E a noite passou agradável. Marina adormeceu quando o terceiro filme estava pela metade, mais uma vez sobre aquela mesma almofada, ou talvez em outra. Afinal, elas eram de fato iguais. Paulo Sérgio mais uma vez teve o cuidado de cobri-la carinhosamente, despedindo mais uma vez com um beijo na testa.

Quando ele adormeceu por sua vez, deixou o corpo físico e por estar ele numa faixa vibratória muito sutil, pôde ver, sem ser visto, naturalmente com a permissão do Alto, alguns espíritos que acompanhavam Marina. E estes não estavam nada felizes com aquela amizade. Quando acordou, por volta das nove horas da manhã do sábado, trouxe na memória a lembrança de algumas falas destes espíritos e entre elas, uma lhe marcou:

- *Precisamos afastar Marina deste santinho de meia tigela. Isto não vai nada bem, nada bem. Ela já pensa até em mudar de vida. Estes pensamentos já frequentam aquela cabeça oca, ainda que com pouca frequência. Mas logo ela vai pensar que pode constituir família, como se fosse uma moça de bem.*

Além de ouvir estas palavras, ele podia ver os vultos destes espíritos e ao fundo, também sem ser vista por estes, pela vibração sutil em que se encontrava, por sua vibração de mulher digna, de mãe que não abandona a prole, Paulo Sérgio via também uma senhora que parecia olhar bem fundo nos seus olhos, como que lhe dizendo que contava com sua ajuda para bem encaminhar Marina.

Ele entendeu o sonho e sentia-se venturoso pela oportunidade.

Marina acordou por volta das dez horas e pôde ver novamente a mesa arrumada, como que a aguardando para um delicioso café da manhã e também um botão de rosa com um bilhete com os dizeres: *"Aproveite o desjejum, estou no quarto meditando"*.

A moça então sorriu, contagiada pelo carinho e sentou-se para apreciar o seu café da manhã, calmamente, sentido que algo dentro de si estava mudando. Sentia ali uma paz da qual nunca tinha cogitado antes.

E passados alguns minutos, chega Paulo Sérgio à cozinha:

- Bom dia, dorminhoca! Gostou dos filmes?

- Sim, Paulo. Adorei a noite que passei aqui com você. Foi diferente, senti e ainda sinto uma paz muito grande.

- Que bom, Marina! A paz é algo importante para a evolução do espírito. Não a paz almejada pelos homens, a da ociosidade. Mas a paz tal qual o mestre Jesus nos ofereceu. A paz da consciência tranquila pelo dever cumprido.

Sempre que quiser, está convidada.

Dizendo isto Paulo Sérgio sentou-se de frente para Marina e pegou um copo de suco natural e uma fatia de queijo tipo minas. Mas a moça queria ainda falar sobre a noite em que teve a infelicidade de chegar alcoolizada no apartamento de Paulo:

- É estranho, mas você não ficou mesmo chateado por eu ter te chamado de gay aquela noite. Eu estava com

uma raiva muito grande por você estar me rejeitando, então, recordo-me que queria muito te ofender.

- Mas pela minha maneira de ver a vida ser gay não é uma ofensa, minha querida. No entanto, por este prisma ser consequência de minha crença, ou seja, decorrente do fato de eu ser espírita, talvez você não queira saber mais detalhes.

- Engano seu, Professor. Gostaria muito de ouvir sobre, pois é no mínimo intrigante uma doutrina que ensina o respeito às diversidades da maneira de se levar a vida.

- Então vamos lá: o que ocorre é que esta doutrina nos ensina que os espíritos não tem sexo. Pelo menos não como o entendemos aqui quando encarnados. E como somos espíritos imortais, reencarnando neste e em outros mundos para ganhar experiência, para aprender através das lições repetidas, somos forçados a concordar que precisamos reencarnar como homens e como mulheres, ou só um ponto de vista teríamos.

- E por que então alguns destes espíritos reencarnariam com um sexo que não lhes agrada?

- Por várias razões, Marina. Mas podemos dizer que tudo decorre da interação entre o livre arbítrio, sem o qual seríamos apenas máquinas nas mãos de Deus e, portanto, a vida não teria sentido, e do determinismo divino, ferramenta através da qual Deus regula as relações humanas e mantém a justiça onde normalmente não conseguimos enxergá-la ainda.

Mas o que ocorre geralmente, é que o espírito tende a reencarnar muitas vezes numa situação, ou seja, reencarna como homem muitas vezes, por exemplo, e

assim sendo acaba criando hábitos de um homem, principalmente, na sua infância espiritual. E quando reencarna como mulher pode trazer consigo estes traços psicológicos de homem, e vice-versa.

- A homossexualidade seria, então, uma inadaptação do espírito ao seu atual corpo por uma conformação de sua psique através das suas muitas reencarnações numa mesma condição morfológica?

Paulo Sérgio sorriu com certo espanto pela facilidade com que Marina assimilava o assunto e respondeu:

- Sim, mocinha. É basicamente isto. Mas devemos levar em consideração que o exemplo que acabamos de dar é apenas uma entre as várias possibilidades a respeito deste assunto, que não poderá jamais ser analisado e entendido sem a contribuição do amor. E mais especificamente, sem nos recordamos que Deus é amor e que por esta razão não julga criatura alguma.

- E poderia me dar outro exemplo, Paulo Sérgio? – perguntou a moça em tom de fina ironia.

- Sim, claro. O espírito que se aproveita de sua situação de homem para maltratar as mulheres, ou seja, de sua força física, pode reencarnar compulsoriamente como mulher, mas também pode pedir isto, quando sua consciência já está despertando para a Lei de Amor, para compreender pelas experiências que passará que não pode ferir a ninguém sem ferir a si mesmo. No entanto, como somos livres para cumprir ou não cumprir este projeto que traçamos na espiritualidade, que visa sempre o nosso bem, pode ser que quando reencarnado o espírito rebele-se. Não aceite sua atual condição, por também não ser permitido lembrar o que foi planejado na espiritualidade. E ainda pelo fato de que não mudamos

repentinamente. Tudo aquilo que foi plantando em nós será expurgado por nós através de nossa própria vontade e não sem esforços. Aliás, a este respeito, já disse um sábio que Deus usa o tempo e não a violência.

- Muito, bem, Sr. Professor.

Devemos concluir disto que Deus é um feminista? – Disse Marina em tom de brincadeira.

Paulo Sérgio não pode deixar de rir do jeito da menina. E foi também rindo que emendou com profunda convicção:

- Deus é justo, Marina. E o contrário também é possível. Pode ser que uma mulher que tenha abusado desta sua condição para seduzir homens de maneira leviana, possa reencarnar compulsoriamente também, naturalmente para se colocar no lugar do próximo.

Mas veja bem, a violência, seja em que situação for é uma escolha, ou seja, decorre do grau de evolução em que se encontra a pessoa violenta, e que ainda não sabe, por isto mesmo, resolver seus conflitos de maneira civilizada. Aliás, não existe determinismo quanto às ocorrências que derivam das situações morais, ele somente pode ocorrer nas situações materiais.

Ao que ela respondeu, balançando a cabeça para um lado e para o outro, como que nem concordando e nem discordando:

- Hum, pode ser, professor. Pode ser. Então quer dizer somos nós mesmos que escolhemos nossos caminhos, invariavelmente? Pode ser.

Quer dizer que ninguém reencarna para maltratar os homossexuais?

- Jamais, Marina. Ninguém tem a missão de fazer o mal. Reencarnamos para aprender a amar e para isto temos que, invariavelmente, aprender a nos colocar no lugar de nossos semelhantes. O resto é consequência de nossas escolhas. E, muitas vezes, de não sabermos ainda nos perdoar.

- Pode ser, professor Paulo Sérgio. Pode ser. Como cientista que sou não posso rejeitar nada sem antes analisar, sem estudar o assunto. – Ponderou a jovem sorrindo e abrindo os braços.

Mas terá que dedicar muito do seu tempo a me convencer disto. São muitas dúvidas. Está disposto?

Depois sorrir com o jeito encantador da moça e de meditar um pouco sobre sua pergunta, o jovem físico respondeu:

- Sua companhia me agrada muito, Marina. E poderemos trocar muitas experiências sim. Mas sem pretensões de convencer ninguém a nada. Vejamos o próprio Deus, que tanta paciência tem tido conosco, sem jamais ter violentado nossa capacidade de assimilar as coisas.

Mas naturalmente posso lhe fornecer algum material para seu estudo.

Os dois riram-se gostosamente.

Aquele clima era maravilhoso, seja pela companhia espiritual que Paulo já tinha adquirido, assim como pela sua própria emissão de energias de amor verdadeiro, sem segundas intenções, sem cobrar nada.

E os espíritos que normalmente acompanhavam Marina para vampirizá-la não conseguiam ali adentrar,

que por sua vez vibrava numa dimensão mais sutil do que a habitual, tornando-se receptiva àquele clima.

A moça olhou profundamente nos olhos do rapaz por alguns segundos e de forma espontânea e com desinteresse, como há muito tempo não fazia, levantou-se e deu-lhe um demorado abraço, que foi de pronto correspondido.

Capítulo VII

Relação insólita

Estes dois espíritos, que à primeira análise não teriam nada em comum, foram estreitando seus laços de amizade e o amor verdadeiro foi acontecendo. Paulo ia falando sobre sua vida para Marina, como cresceu dentro do movimento espírita e como esta doutrina norteou sua vida, como decidiu fazer física e lecionar, sobre seus pais e da saudade que sentia deles. E quase nunca tocavam no assunto sobre a profissão de Marina, que perto dele, a esta altura, era outra pessoa.

Na verdade ela ficava agora mais tempo com ele do que trabalhando e cada vez mais ia abandonando, ainda que sem perceber, esta profissão que ela escolheu por saber que poderia ganhar muito dinheiro, haja vista sua beleza, e por julgar o sexo apenas do ponto de vista material, sem conseqüências morais.

Mas ela também lhe falava de sua infância, de como foi precoce seu interesse pelo sexo e de como tinha prazer em chocar as pessoas de sua cidade. Não sem machucar-se algumas vezes, é verdade. Mas ela não queria seguir as regras vigentes. Não era de sua natureza.

Também lhe contou que perdeu sua mãe muito cedo, quando tinha ainda doze anos. E que tinha muitas saudades dela, que se lembrava dos cuidados desta para com ela. De como era bela sua mãezinha.

No entanto, o que aconteciam entre eles, nesta relação insólita, nem mesmo os seus protagonistas

conseguiam ainda entender a fundo. Mas parece que nem era ainda a intenção. Apenas viviam o momento, sem preconceitos, sem se preocupar com o que alguém poderia falar.

Sim, eles estavam namorando. Não que já usassem esta palavra para definir a relação deles, mas ali já tinha carinho de namorado, já tinha confiança que se deve ter entre namorados, embora, e felizmente, não houvesse cobranças, o que, na faixa de evolução em que a maioria de nós se encontra, ainda é algo muito comum. Ali tudo acontecia naturalmente, sem pressão de nenhuma das partes, um aprendendo com as experiências do outro.

Eles eram muito caseiros, assistiam bons filmes juntos, e conversavam muito sobre tudo, sempre com muito respeito de ambas as partes, sem ninguém se julgar mais importante do que ninguém. E também sem nenhum dos dois achar que a história de um era mais sofrida do que a e do outro.

Marina começou a se prostituir aos dezoito anos, tão logo conseguiu entrar na universidade. De família simples, evangélica, pai militar e madrasta que sempre cuidou do lar, tinham o suficiente para viverem com dignidade, materialmente falando. Era a mais velha de três irmãos, uma moça e um rapaz, na verdade. Não via nada de mais em ganhar dinheiro desta forma, e desde muito nova, por volta dos doze anos já tinha muita curiosidade sobre sexo.

Sua madrasta e irmãos não aceitavam sua escolha. Marina não impunha sua presença, apenas telefonava. Seu pai, para sua surpresa, até compareceu na sua formatura no salão de festa da UFRJ. Ele pediu à Marina paciência com sua madrasta e irmãos.

Final de ano, no entanto, nesta época com uma atmosfera tão especial que é o Natal, quando os corações estão geralmente mais sensíveis, mais especificamente no começo de dezembro, Paulo recebe Marina que chega até o seu apartamento com o semblante tristonho, despertando a preocupação do mesmo:

- O que aconteceu, Mocinha? Parece que você não está em um dos seus melhores dias.

- Esta época, Mi Carinho. Não costuma me deixar feliz.

- Bem, para nós espíritas é uma data simbólica. Mas como as pessoas, de um modo geral, estão muito sensíveis, acabam contagiando a atmosfera com seus pensamentos mais enobrecidos que nos outros meses. Mas ainda assim há muito desvirtuamento do verdadeiro significado do Natal.

Mas o que em lhe aflige especificamente, Mi Doçura?

- É que meus pais até já me aceitam como sou. Não sem dificuldade, pois são muitos conservadores, de uma cidadezinha do interior de Minas, Divinópolis. Mas como deve imaginar, numa cidade de cinquenta mil habitantes, todo mundo sabe da vida de todo mundo. E todo mundo também fala da vida de todo mundo.

- Eu compreendo. Sem dúvida é uma situação muito complicada, Marina.

- Além disto, Mi Carinho, meu pai é sargento reformado do Exército. Pode imaginar o desgosto que dei a ele?

Neste ponto da conversa a moça estava com muitas lágrimas escorrendo pelo rosto. Pois seus pais não a proibiam de estar com eles nesta data tão importante para

todos, assim como em qualquer outra data, mas para não constrangê-los, pois seus parentes, tios e tias, também estrariam presentes, ela própria afastou-se.

Mas todo Natal que ela passou só, foi chorando e com seus pais na lembrança que ela o fez.

Paulo Sérgio com muita naturalidade a abraçou e com seu jeito todo espontâneo disse:

- Bem, Mi Doçura, então não será desta vez ainda que conhecerei sua madrastra e seus irmãos.

Mas tudo tem sempre um lado positivo. E neste caso é o fato de que você terá o prazer de conhecer os meus.

Marina não disse nada, apenas continuou chorando por alguns minutos, como que desabafando, como que se desfazendo de um fardo que pesava sobre seus ombros e que ela carregou sozinha por alguns anos. Para em seguida sentar-se no chão, abraçando umas das almofadas e perguntando a Paulo Sérgio:

- Você acredita mesmo que o Deus que eu já vi você pintar para mim e para seus outros alunos de forma tão eloquente, como um ser tão amoroso, e ao mesmo tempo tão justo, de uma pureza em si mesmo ainda tão distante para nós, pela sua sublimidade, possa amar alguém como eu?

- Hum, parece que eu não fui tão eloquente assim, Mi Doçura. Pois você ainda não acredita no que acabou de dizer a respeito de Deus.

Mas sim, Ele é amor. E dentro deste, que é o maior dos sentimentos, o mais nobre deles, o mais sublime, estão todos os outros sentimentos nobres e que dele derivam, assim como a justiça.

Devemos refletir, no entanto, em como seria possível que houvesse justiça sem a presença do amor?

E na criatura, diferentemente do Criador que já possui tudo em plenitude, o amor ao próximo só é possível de se desenvolver quando se ama a si mesmo. Só é possível a nós perdoarmos ao semelhante quando aprendermos a perdoar a nós mesmos. A nos aceitar primeiramente como filhos do Sol das Almas, sem sermos ainda anjos.

E quando julgarmos que devemos modificar algo em nossa jornada, que seja pelo chamado de nossa consciência, e não pelo que dizem de nós, embora agradecendo sempre pelos pontos de vistas que nos são muitas vezes ofertados por amigos generosos. E que o façamos pegando o atalho do amor-próprio, que nos livrará das armadilhas da autopiedade.

As palavras de Paulo Sérgio eram carregadas de sinceridade, de confiança extrema no Supremo Senhor do Universo, e por esta razão elas penetravam o âmago de Marina com imensa facilidade. Por outro lado Marina também era sincera em sua emoção, em sua preocupação com seus genitores e em sua vontade de estar com eles. E, por esta razão, era de alma à alma que aquela conversa acontecia, que aquelas experiências eram permutadas.

- *Você tem razão, Mi Carinho.* – disse Marina enxugando as lágrimas que lhes escorriam do rosto e se recompondo, aos poucos, da emoção que sentiu.

Na verdade eu nunca fui de me achar vítima de nada. Pelo contrário, sempre fui muito segura. Mas parece que depois que nos conhecemos muitas coisas mudaram em mim, parece que um mundo novo, mas com o qual eu acabei me afinizando, surgiu. E não tenho vontade de sair deste mundo.

Mas ao mesmo tempo ele contrasta com o modo de vida que levei até hoje. E muitas vezes me sinto indigna dele.

- Ah, querida Marina, o mestre de Nazaré já nos advertiu que da mesma forma que julgarmos os nossos semelhantes, seremos também julgados. Por estes mesmos semelhantes, aliás. E, principalmente, pela nossa própria consciência.

Por muitas existências, nós que temos uma bagagem cultural e uma inteligência razoavelmente desenvolvida, temos julgado e sobrepujado aqueles que eram colocados em situações de inferioridade com relação a nós, do ponto de vista social. Hoje nós temos a oportunidade de passarmos por algumas situações semelhantes, para que desta forma possamos entender que ferir alguém em qualquer setor da vida, diante das leis que regem o universo, é ferir a si mesmo.

Mas se temos discernimento suficiente para entendermos que o caminho que estamos não é o que nos permitirá encontrar a verdadeira felicidade mais rapidamente, ou seja, não é o das consequências mais felizes para nós, espíritos imortais, então já temos também capacidade para efetuar o reajuste necessário.

- Tem razão, Mi Carinho. Tem razão, como sempre, aliás. – disse Marina fazendo um carinho no rosto de Paulo Sérgio, que lhe correspondeu o gesto.

Vou me empenhar, prometo. E aceito conhecer seus pais, como início de um exercício desta mudança e da busca pela humildade. Pois confesso que a primeira vista, parece-me uma situação muito embaraçosa.

Mas como vai me apresentar aos seus pais? E ainda, falará a verdade sobre quem eu sou e sobre o que fiz até hoje?

- Queria muito poder lhe apresentar com minha namorada, Mi Doçura. O que acha?

- Está me pedindo em namoro, Senhor Paulo Sérgio, ou é impressão minha? Está se aproveitando de minha situação momentaneamente emotiva?

- Pois é, Marina. Apenas pareço um ser generoso. – Disse Paulo Sérgio também bem humorado.

E quanto ao que dizer a eles sobre você, penso que deveríamos sim ser sinceros com meus pais, se você concordar. Quanto as outras pessoas, seria expor-se sem necessidade.

Marina o olhou por alguns segundos, encantada, e sem nada dizer deu-lhe um beijo muito carinhoso.

Capítulo VIII

Então é Natal

No dia vinte e três de dezembro Paulo Sérgio e Marina foram viajar, felizes da vida, para Caraguatatuba, localizada no litoral Norte de São Paulo, cidade Natal de Paulo Sérgio e onde residiam seus pais.

Durante a viagem de avião, que apesar de rápida, eles foram conversando sobre o futuro.

- *Mi Carinho* – disse Marina, um pouco constrangida – *sei que você nunca perguntou, e nem mesmo toca neste assunto, mas queria que soubesse que bem antes de você me pedir em namoro eu já tinha parado de trabalhar.*

- *Que bom, Mi Doçura. Mas eu sempre soube o que fazia, então não há porque ficar constrangida.*

Mas e agora, pensa em se dedicar a que profissionalmente?

- *Bem, tenho minhas economias e pretendo lecionar física em uma universidade particular do Rio, que já me convidou para isto. É verdade que eu corri atrás e entreguei curriculum em várias faculdades, inclusive nesta. E como não há muitos profissionais interessados em lecionar e principalmente nesta disciplina há muita defasagem, não foi difícil encontrar esta oportunidade.*

- *Muito bem, menina. Fico muito feliz por você.*

- *Mas tenho mais uma coisa para lhe contar, Mi Carinho. E confesso que não sei como isto foi acontecer.*

- Diga, Mi Doçura. Sou todo ouvidos para você, sempre.

- Estou grávida de um mês. Eu vou entender se não acreditar...

- Ora, Mi Doçura, isto é maravilhoso! – disse Paulo Sérgio interrompendo Marina, que se espantou com a alegria do rapaz.

Ele, empolgado, gritou para todos ouvirem:

- Vou ser papai, uhuuuuu.

Ao que todos os passageiros aplaudiram. A aeromoça aproximou-se e trocou algumas palavras com Paulo Sérgio, para depois adentrar a cabine de comando. Foi quando foi possível ouvir a seguinte mensagem:

- Olá, Senhores passageiros. Aqui é o Comandante Estevão.

É com muita alegria que esta empresa aérea parabena os senhores Paulo Sérgio Franceschini e Marina Toledo por estarem esperando o seu primeiro filho. Que Deus os abençoe, assim como esta criança que está por chegar.

Mais uma vez os passageiros aplaudiram com entusiasmo. Marina e Paulo abraçaram-se emocionados. A viagem estava findando.

No útero materno, aquele espírito que já se encontrava ligado ao feto desde o momento da concepção, podia sentir aquela vibração de alegria que os seus genitores emitiam pela satisfação que aquela gravidez lhes causava. Assim como a energia de boas-vindas do Comandante e do aplauso dos passageiros. Tudo isto era extremamente estimulante para ele, já que

se encontrava numa fase de perturbação espiritual, de confusão mental, com os receios naturais de quem está iniciando uma viagem importante, para um lugar novo, com um projeto traçado, mas com muitos obstáculos a superar, do qual o sucesso é que determinará sua felicidade futura.

Ao seu lado encontrava-se aquele mesmo espírito iluminado, Angélica, além de alguns outros experientes na ciência da reencarnação e outros amigos que seguiriam com ele como espíritos protetores por toda esta existência, cuidando para que tudo ocorresse da melhor maneira possível. Uma cena maravilhosa, recordando-nos que ninguém está só, abandonado a própria sorte.

Aproveitando-se da emoção do momento, que deixava o reencarnante mais suscetível às boas influências, Angélica "sussurrava-lhe aos ouvidos":

- Confiança, meu querido. Confiança em Deus e si mesmo, que é feito à imagem e semelhança do Criador, como espírito.

Seus futuros pais o aguardam com muitas expectativas. De sua confiança começa o sucesso de sua trajetória.

Quando desembarcaram, os pais de Paulo Sérgio aguardavam por eles no aeroporto de Guarulhos, São Paulo. Mas foi a mãe do rapaz, Sônia, que deixou Marina muito à vontade:

- Dê-me cá um abraço, menina. Fico muito feliz por conhecer a pessoa que conquistou o coração de nosso filho. E tenho certeza que você é uma pessoa muito especial, pois este menino é muito criterioso.

Marina retribuiu o carinho com um abraço apertado e emocionada disse:

- Obrigada a vocês, por me receberem numa data tão importante e principalmente por me terem dado este presente que é o Paulo Sérgio.

Desta vez foi Sr. Moacir, pai de Paulo, homem de aproximadamente um metro e setenta, sessenta e três quilos, olhos e cabelos castanhos, contando agora sessenta e cinco anos, um engenheiro civil bem sucedido, mas que sempre manteve os pés no chão, que respondeu:

- Não nos agradeça, já que tudo se resume a merecimento, minha querida. Pois Deus não improvisa e não se furta de cuidar de cada uma de suas criaturas.

Dizendo isto, abraçou Marina, com muita espontaneidade, que lhe retribuiu também, feliz da vida, pela maneira positiva com que era recebida por aquele casal tão elegante no vestir, mas principalmente na postura simples, sem ostentação, acolhedores, apesar de já saberem de tudo sobre Marina através de Paulo, via telefone.

Eles seguiram de carro para sua residência, naquela bela cidade litorânea. Paulo junto com Marina no banco de trás. E foi ainda no caminho que o rapaz pediu à Marina que contasse a seus pais a novidade.

- Queria esperar chegarmos em casa para lhes dar a boa nova, mas não consigo, Marina. A ansiedade me consome. Conte-lhes, Mi Doçura.

- Paulo, não seja apressado. Não pensei ainda em como dar esta notícia a seus pais.

- Ora, meu amor, meus pais não são cerimoniais, como já pode ver. Conte-lhes, por favor.

Sônia foi ao socorro de Marina:

- Conte-nos, meu bem, por gentileza. Não há lugar e nem hora para ouvirmos boas notícias.

- Tudo bem, Dona Sônia. – disse Marina, já mais à vontade – É que estamos grávidos.

- Isto sim merece comemoração, Marina. Não acha, Moacir? – disse Sônia, dirigindo-se ao seu esposo.

- Claro que sim, esposa querida. Afinal, nosso bebê vai ter um bebê.

Toda aquela alegria era percebida ainda pelo espírito reencarnante, Thierry, o duro Senhor feudal, que ia amolecendo seu coração aos poucos, sem se aperceber deste fato. E desta forma ele ia se entregando cada vez mais ao processo reencarnatório, que poderia ser interrompido pelas energias deletérias que ele mesmo geraria caso não se harmonizasse com seus genitores. O que poderia se dar por medo, raiva, ou qualquer outro sentimento negativo. Muitas vezes esta é a causa dos abortos ditos espontâneos, embora não a única.

- Vamos jantar num ótimo restaurante, cuja especialidade é peixe, tudo bem Marina? Como comemoração por este momento tão especial. – perguntou Sr. Moacir todo simpático e coruja.

- Por mim tudo bem, desde que Mi Carinho concorde. – respondeu a moça, já entrosada com aquela família.

- Claro, Mi Doçura. Afinal, não como nada que tenha ou já tenha tido um coração dentro, então, para mim, tendo massas a salada, está ótimo.

Eles seguiram primeiramente para a casa dos Frasceschinis, chegando lá por volta das quinze horas. E marina encontrou uma casa muito elegante, mais decorada e confortável do que o apartamento de seu namorado.

- Muito bela a casa de vocês. – disse Marina aos pais de Paulo Sérgio.

- Ah, obrigado, Marina. E fique à vontade, a casa também é sua. – respondeu Sônia.

- Foi o senhor que projetou? – perguntou a moça ao pai de Paulo.

- Não, não, Marina. Se você quiser um casa bem projetada procure um arquiteto. Estes sim tem sensibilidade para um belo e prático projeto. Os engenheiros só pensam se a construção vai ser sólida. – brincou Sr. Moacir, esquivando-se de possíveis elogios.

Depois de descansarem um pouco e banharem-se, foram todos para a comemoração combinada.

Marina estava muito bem arrumada, com um belo salto alto, um lindo rabo de cavalo, realçando a beleza de seu rosto, com roupas que nem de longe eram vulgares, como poderia supor a mente menos imaginativa. Não, este nunca foi seu estilo. Era uma moça muito elegante.

Paulo Sérgio, Sônia e Marina aguardavam a sala, enquanto Sr. Moacir atendia um cliente pelo telefone no escritório, que o procurava fora de hora para sanar uma dúvida a respeito do término de uma obra.

Marina trazia ainda um relógio muito caro no pulso, que chamou a atenção de Paulo Sérgio, pelo fato dele nunca tê-la visto usando-o antes. Ainda na casa de seus

pais e ele tocou de leve esta peça, que trouxe a sua tela mental uma cena muito curiosa, num fenômeno mediúnico denominado psicometria.

Uma mulher desencarnada, beirando os quarenta anos, se ligava ao relógio, por um sentimento de posse e nutria muita raiva por Marina. Ela acompanhava a namorada de Paulo Sérgio já por uns três anos.

Era ainda possível a ele ver, através das lembranças da mulher desencarnada, uma cena que o intrigou muito. Esta mulher foi casada por quase vinte anos e brigava, nesta cena, com seu marido por causa de uma paixão que ele tinha por Marina. Depois de procurar-lhe muitas vezes para obter prazer sexual como uma válvula de escape para o seu casamento que já passava por muitos problemas, Marcos foi se envolvendo além do que pretendia com Marina. Afinal, ela era também culta e sabia ouvi-lo e elogiá-lo, como um adendo a seu trabalho, mas também por fazer isto parte de sua personalidade. E, segundo ele confessou a sua esposa, já pensava até mesmo em deixá-la para casar-se com aquela jovem que vendia prazer e que nem imaginava quão forte era o sentimento daquele homem por ela.

Ele cumpriu o prometido, apesar dos apelos de sua esposa, alegando não ter ela conseguido lhe dar um filho, pois era estéril. Mas quando procurou Marina no intuito de pedi-la em casamento, decepcionou-se. Não era isto que ela tinha em mente e nunca lhe prometeu nada. Muito embora aceitasse não somente seu dinheiro, mas também aquele lindo relógio, que ele não ousou pedir de volta.

Quando voltou para casa e contou o ocorrido, sua esposa apesar de muito humilhada, disse que eles poderiam continuar sua história. Que todos os casais

passavam por problemas. Mas ele, nada respondendo, trancou-se no quarto e suicidou-se com um tiro na cabeça.

Sua esposa desesperou-se, e entrou em depressão logo em seguida. Seus familiares tentaram ajudá-la e levaram até ela médicos, padres, pastores e até mesmo um senhor com profundo conhecimento espírita. Mas ela somente pensava em vingar-se, e se existisse mesmo vida após a morte, seria desta forma que o faria.

Estes pensamentos atraíram uma legião de espíritos que a incentivava a buscar seu objetivo, muito embora seus amigos espirituais também tentassem influenciá-la em sentido contrário. Mas devido ao seu sentimento de raiva, ela não conseguia se sintonizar aos bons espíritos.

Certo dia ela saiu de casa seguindo para uma avenida movimentada perto dali e repentinamente jogou-se na frente de um ônibus que trafegava em alta velocidade. A desencarnação foi consumada.

Depois de um período não muito extenso de confusão mental ela foi acolhida pelos espíritos que a incentivaram ao ato insano, sendo integrada aquela gangue. Daí em diante, com o auxílio de seus novos companheiros, não saiu mais de perto de Marina, influenciando-a a beber e beber muito, além de fumar, principalmente quando estava se prostituindo, pois apesar de não admitir, aquilo exigia algo que lhe proporcionasse certo torpor.

Marina percebeu que Paulo Sérgio estava muito longe e passando a mão no seu rosto, perguntou:

- *Tudo bem com você, Mi Carinho?*

- *Sim, Mi doçura.*

Mas você lembra quando conversamos sobre a mediunidade? E disse a você que eu tinha uma específica?

- Sim, Mi Carinho. Recordo-me muito bem. Mas você não entrou em detalhes, apenas disse que parecia que ela estava adormecida.

- Sim, Mi Doçura. Realmente ela dormiu por algum tempo, mas parece que agora ela retornou. Bem, mas depois lhe conto mais detalhes, pois ainda estou tentando entender a situação.

Renata por todo este ano que passou teve muita dificuldade para ficar perto de Marina, que por estar aceitando a influência de Paulo Sérgio e, por consequência, de seus amigos espirituais, melhorou seu padrão vibratório, além do que, quando estava em companhia do jovem professor, não conseguia de forma alguma aproximar-se pela barreira vibratória que protegem as pessoas de bem e nem mesmo o queria. Por entender que ser vista por alguém com o conhecimento espiritual dele era entregar-se e colocar por água abaixo todo seu plano. E também nisto era orientada por seus cúmplices.

Mas quando Marina usava este relógio ela naturalmente lembrava-se de quem lhe presentou com ele. E neste instante ela sentia um arrepio sem conseguir identificar sua causa. Mas eram as energias enviadas por Renata, que não conseguia ainda pensar em outra coisa.

Paulo Sérgio sentia que Renata não estava perto fisicamente, mas que conseguiria se ligar à Marina caso esta não orasse e vigiasse como recomendado por Jesus e principalmente neste período de gravidez, quando as mulheres ficam mais sensíveis.

O rapaz podia ver ao longe que alguns espíritos iluminados, abnegados trabalhadores do Cristo, entre eles a mãe biológica de Marina, tentavam envolver Renata com fluidos mais agradáveis, sem que esta pudesse vê-los por estarem em faixas vibratórias diferentes, tentando colocar na sua mente os bons tempos que ela viveu com seu marido, assim como um período que ela própria pensou em abandoná-lo, por se sentir atraída por um ex-namorado que teve na faculdade e que ela reencontrou depois de alguns anos de casada.

Ela pensava agora que também tinha errado e que poderia ter cometido o mesmo erro que aqueles que hoje ela condenava. E aí, como teria reagido seu esposo? Provavelmente teria também procurado o ilusório caminho do suicídio, já era ele tão instável emocionalmente, e então não seria ela a culpada de sua morte?

Tais pensamentos a deixava atordoada por alguns instantes e não tinha mais certeza se era Marina a vilã como suponha outrora. Talvez a moça nem mesmo soubesse que ele se matara, afinal para ela aquilo era apenas um negócio. E esta suposição ficava ainda mais patente pelo fato de que a jovem o rejeitou quando pedida em casamento.

Sem perceber, Renata deixou-se levar para um hospital espiritual que funcionava num centro espírita, e ali ficaria adormecida, até que pudesse comunicar-se e quem sabe entender-se com aquela a quem hoje perseguia.

Tudo isto era visualizado por Paulo Sérgio que, aos olhos das duas mulheres de sua vida e que o acompanhavam naquela sala a espera de seu pai, parecia imerso em seus próprios pensamentos ou no mundo da

lua, como se diz popularmente, e por isto mesmo nem prestava atenção na animada conversa de Marina e Sônia:

- Onde será que está Mi Carinho neste momento, minha querida sogra? – Perguntou Marina com muito bom humor, depois de muito conversar com Sônia.

- Ah, minha filha, acostume-se, pois não é incomum ele viajar para outros mundos.

Nisto riram-se as duas, sendo interrompidas logo pelo Senhor Moacir, para seguirem para a tão esperada comemoração. Nesta, aliás, que durou grande parte da noite, elas puderam conversar mais e conhecerem-se melhor.

Dona Sônia, aliás, convidou Marina para conhecer o trabalho do Centro Espírita que frequentava. Em especial um chamou a atenção da moça. Um trabalho com crianças carentes que acontecia aos domingos à tarde. Ficou combinado que passado o Natal elas iriam visitar este trabalho.

Capítulo IX

Na casa espírita

Num belo domingo, passada a comemoração natalina daquele ano, Sônia e Marina foram ao centro espírita Francisco de Assis, como tinham combinado.

Às quatorze horas iniciava-se o trabalho com crianças carentes e elas lá chegaram faltando quinze minutos para o início. Foi o tempo suficiente para as apresentações e, numa destas, Marina conheceu Roberto, que era quem dirigia aquele trabalho há mais de vinte anos.

Um homem de cinquenta e cinco anos, magro, calvo, moreno, olhos castanhos e muito brilhantes, denotando uma longa caminhada na trilha da caridade sincera.

Ele conversava com muita calma, muita serenidade e também com palavras simples. E por isto logo cativou Marina, que por sua vez envolveu-se depressa com as crianças. Roberto vendo seu envolvimento, disse-lhe:

- Vamos trabalhar, Marina, porque isto faz muito bem à alma. Você cuidará deste grupinho de dez crianças.

O monitor deles faltou, não por acaso, já que a vida não improvisa. Mas, penso eu, para lhe dar esta oportunidade maravilhosa de conhecer as benesses da caridade para aquele que a pratica. E também dar às crianças a oportunidade de conhecer mais um espírito abnegado, que apesar de imperfeito, como todos os outros que habitam este planeta, tem uma das virtudes que, segundo a espiritualidade, é a mais meritória de todas: o desinteresse pessoal. ¹

Marina emocionou-se com as palavras daquele humilde trabalhador do Cristo, deixando escorrer uma lágrima entre um sorriso de gratidão, que falava inspirado por outro espírito mais elevado que a ele se ligava e que pela sua própria elevação entendia a necessidade de incentivar a moça. Com o intuito de com algumas palavras simples, mas sinceras, ajudá-la a encontrar o amor próprio, que até mesmo por tantas críticas recebidas, estava um pouco esquecido.

De fato a espiritualidade não conta com o acaso. E do outro lado da vida, no plano espiritual, mas ali perto destes nossos amigos encarnados, alguns desencarnados conversavam. Entre eles estavam este espírito que inspirava Roberto, Elias, a mãe desencarnada de Marina, Márcia e um espírito, Jorge, que se ligava ao monitor que faltou naquele dia.

- Peço que recebam minha gratidão sincera, meus queridos amigos. – Dizia Márcia, também com emoção. –

Um ato aparentemente tão pequeno aos olhos do mundo vai ajudar tanto Marina a se reencontrar com Jesus. Pois ela nunca foi mesquinha e nem mesmo má, no sentido comum desta palavra. Mas passou por muitas encarnações na Europa e diante da liberalidade que há por lá, não conseguiu vencer em si a ideia de liberdade extrema, que na verdade mais revela uma insensatez.

- Não há do que agradecer, Márcia. – adiantou-se Elias. Todos nós somos seus devedores e conhecedores de todo trabalho que você desenvolve na espiritualidade com aqueles espíritos que desencarnaram quando crianças e que ainda acreditam sê-los aqui em nosso plano.

- Além do que – disse Jorge – Henrique precisava viajar para a cidade de sua família para resolver assuntos pessoais. Logo, é Marina que lhe está prestando um favor.

Márcia disse bem humorada:

- Bem, parece que nós concordamos que devemos todos agradecer a Deus, Pai de extrema sabedoria que faz do ato de nos ajudarmos mutuamente lei de evolução.

Todos riram, mas neste momento Renata adentrou o recinto. Cega pela raiva, não consegue nada perceber ao seu redor, além dos espíritos que a auxiliam, dos quais apenas dois entram com ela, por não ser permitido o acesso aos outros. Pois ali também haviam espíritos responsáveis pela proteção da casa, com tamanha envergadura moral, que pela sua concentração contínua eles formavam uma barreira vibratória, de uma energia tão sutil, com tanta luz, que causavam repulsa aos espíritos aliados às falanges das trevas.

Mas junto com Renata e seus dois comparsas, sem que eles pudessem ver, amigos espirituais mais elevados e abnegados sorriam para os trabalhadores desencarnados desta casa, como que dizendo: “sim, é hora”.

Renata vendo a alegria de Marina sentia-se ainda mais raivosa. E investiu num médium que ali estava, afinizando-se e deixando transparecer sua raiva no rosto do encarnado, fazendo uso desta sua faculdade para comunicar-se:

- Você não é digna de estar aqui, não é digna. Suma, suma. Volte para a vida que você levava. Tire suas mãos imundas destas crianças. Afaste delas este corpo profano.

Na verdade Renata queria ofender Marina com palavras de baixíssimo calão. Mas a médium, experiente que era, ainda que pega de surpresa, não permitiu, filtrando as palavras daquele espírito revoltado.

Marina assustou-se, naturalmente, por não estar familiarizada com este tipo de fenômeno. E começou a chorar, sendo seu primeiro intuito obedecer, afastar-se correndo das crianças por realmente julgar-se indigna de estar perto delas, haja vista ter por um bom tempo se dedicado à prostituição.

Mas algumas das crianças que ali estavam não permitiram. Agarraram-se a jovem com tamanha intensidade que pareciam querer lhe proteger. Aquele gesto a imobilizou. E do lado espiritual uma cena linda também se desenrolava. Os espíritos protetores destas crianças, aliados a Márcia que ali ainda estava, rodeavam Marina, mãos dadas, protegendo-a do assédio das trevas. Esta barreira espiritual emitia uma luz magnífica, pela confiança que tinham todos os envolvidos no Supremo Senhor do Universo, impedindo que a raiva de Renata, que emitia também irradiações, um tipo de energia densa e nociva ao espírito, chegasse a Marina.

Ah, se pudéssemos ver como somos importantes para aqueles que nos precederam a jornada rumo à pátria espiritual, ficaríamos maravilhados. Se pudéssemos ver como eles se desdobram em cuidados para conosco não reclamaríamos jamais de estarmos sozinhos nas horas mais difíceis de nossa existência.

Alguns trabalhadores encarnados daquela instituição mais experientes e orientados por Roberto levaram a médium para a sala de passes e conseguiram controlar a situação. Renata adormeceu e ficou alojada por ali

mesmo, para mais tarde ter a oportunidade de se comunicar.

Os dois espíritos que a seguiam ficaram assustados com a organização e a capacidade de defesa daquele lugar. Mas pela interseção de seus familiares junto aos dirigentes da casa ficariam ali também, como curiosos que tentam conhecer para destruir, sem saber que eram, a todo momento, vigiados. Para que, na oportunidade certa, pudessem retornar à Luz.

Sônia também abraçou Marina e Roberto prestou os esclarecimentos:

- É minha querida, você acabou de conhecer o fenômeno da psicofonia. Que é na verdade quando um espírito desencarnado fala através de um encarnado, utilizando-se para isto de seu corpo físico.

- Eu nunca tinha visto algo assim! – exclamou Marina.
– É isto que chamam de possessão?

- Bem, Marina, na verdade este termo não traduz a realidade dos fatos, embora seja este o termo popular.

Um espírito desencarnado não entra num corpo de um encarnado para se comunicar. Ele se sintoniza com os pensamentos do médium e passa sua mensagem. Mas, muitas vezes, nem mesmo ele sabe que as coisas acontecem desta forma e se jogam na direção do médium, como que querendo de fato possuir seu corpo.

- Mas por que ele estava com tanta raiva de mim? – perguntou a jovem trazendo a sua tela mental as reminiscências da vida que levava até então e entristecendo-se.

- Ah, não se aflija, Marina. Isto nós vamos saber em breve, quando ele ou ela, não sabemos ainda, comparecer na reunião de atendimento fraterno aos desencarnados, conhecida vulgarmente como reunião de desobsessão.

Provavelmente este espírito ficou na casa e logo dará sua versão dos fatos. Mas se foi permitido que ele aqui comparecesse é porque já está suscetível de entender que ninguém é somente vítima de nada. E que Jesus, mesmo sem merecer passar pelo que o fizemos passar, em suas últimas palavras rogou ao Pai que nos perdoasse, já que quando enveredamos pelo caminho do mal não sabemos de fato o que estamos fazendo. Ou ainda, não sabemos o quão grande será nosso sofrimento em decorrências desta escolha.

Marina depois de enxugar algumas lágrimas, continuou:

- Talvez ele tenha razão, talvez eu não mereça mesmo estar aqui entre vocês...

No que foi interrompida por Roberto, que lhe falou com firmeza:

- Não diga besteiras, minha filha. Pois você aqui não se encontra entre santos, embora muitos companheiros de jornada se sintam nesta condição. Estamos todos juntos na mesma escola abençoada da vida, que nos permite ascender para Deus através de nossas escolhas. Crescemos pelo amor ou pela dor. Mas crescemos através de experiências que ninguém poderá viver por nós. E nem mesmo poderão fazer as escolhas que nos pertencem.

E nada de pena de si mesma. Podemos seguir o caminho que quisermos, pois a vida não nos constrange, em sua sabedoria, a trilhar um caminho que nos

desagrada. Mas temos que ter a dignidade de aceitar as consequências de nossas escolhas, sejam elas quais forem. Cabeça em pé e muita confiança em Deus, modelo de amor, que a prudência nos aconselha a seguir.

Agora vamos trabalhar, minha filha, que as crianças nos aguardam.

Dizendo isto, Roberto seguiu para seus afazeres, enquanto Sônia acompanhava Marina no trato com as crianças. E Assim que terminou o trabalho elas voltaram para casa.

Marina seguia quieta, chateada. Já Sônia tentava animá-la com sua conversa, mas sem sucesso.

- Minha filha, estou ficando agoniada com esta sua tristeza. Quer parar em algum lugar para tomar um café? Pois nossos amores foram ao futebol e chegarão somente daqui a algumas horas.

- A senhora é muito doce, minha sogrinha.

Gostaria de passear na areia da praia. Pode ser? Podemos tomar uma água de coco.

- Ok, se isto vai te fazer bem. Vamos já para lá.

Chegando à praia, elas compraram uma água de coco para cada uma e foram caminhar na areia, como combinado. Marina tirou a sandália, como que querendo sentir a natureza de perto. Era por volta das dezoito horas e o sol estava baixinho. Marina puxou a conversa:

- Sônia, você sabe qual era minha profissão até pouco tempo, não sabe? Paulo Sérgio disse que lhe contou.

- *Sim, Marina. Mas não vamos falar nisto agora, pois parece que é exatamente o que está lhe fazendo mal.* – disse Sônia, algo aflita.

- *Mas eu acho que seria bom falar sobre. Tem uma história que me incomoda muito e que está relacionada com isto.*

- *Neste caso, Marina, sentirei muito prazer em lhe ouvir.*

- *É que nunca liguei para o que os outros disseram a este respeito. Mas tinha um garoto que eu visitava quando ia passear na minha cidade natal, um garoto de nove anos que passava por muitas dificuldades financeiras.*

Eu fui saber pelos seus pais que ele tinha uma doença degenerativa e morreria antes dos quinze anos, segundo os médicos. E como seus pais não tinham muitos recursos para minorar seu sofrimento eu comecei a ajudá-lo. Levava brinquedos e doces. Eu o levava na sorveteria e conversávamos muito. E fomos criando um intenso laço de amizade.

Jonas era uma criança muito diferente e encantadora. Na maioria das vezes, quando eu o procurava na sua casa eu não o encontrava. Ele estava quase sempre na única igreja da cidade, ou ainda observando a natureza na praça desta igreja. Era apaixonado pelos pássaros, pelas árvores. Ele me dizia, emocionado, que Deus fez tudo isto.

Embora a religião não fosse o meu forte eu respeitava e ficava cada dia mais encantada com sua doçura.

Mas uma criatura ruim, uma mulher que era vizinha deles, contou aos seus pais o que eu fazia da vida e eles ficaram escandalizados. Não permitiram mais que eu o

visitasse e nem que o ajudasse. Diziam que meu dinheiro era sujo.

Neste ponto da narrativa Sônia e Marina estavam em lágrimas. E a jovem continuou depois de uma pausa, na tentativa infrutífera de se recompor:

- Fiquei muito triste, mas eles prometeram até chamar a polícia, caso eu insistisse. E pensei que até mesmo seria nocivo, causaria mais confusão na cabeça do menino a minha presença.

Sem auxílio, ele teve complicações e morreu antes do tempo previsto pelos médicos.

- Posso imaginar a sua angústia, minha filha.

Depois de acalmar-se um pouco, já que neste momento estava em soluços, sendo abraçada por Sônia, Marina prosseguiu:

- Fico pensando o porquê de tamanha maldade. Por que contar a uma criança uma coisa destas, algo que a sociedade em sua hipocrisia condena tanto? Por que se vingar de mim numa criança?

Mas acima de tudo penso que eu poderia ajudar Jonas e não o fiz. Talvez ele ainda estivesse entre nós.

- Acalme-se, Marina. – Disse Sônia, aconchegando-a mais fortemente ao peito. Acalme-se minha filha, pois o acaso não poderia fazer parte dos desígnios divinos.

Ninguém parte antes da hora para o mundo espiritual, a não ser em caso de suicídio. E não foi este o caso.

Quanto à maldade humana, Marina, esta é uma questão de livre arbítrio de cada um e de merecimento de

quem passa por determinada situação. Deus o permite para nos fortalecer no caminho da Luz.

A moça parecia não analisar a coisa tão racionalmente. Mas aquelas palavras carregadas de carinho, de amor de mãe, aliados aquele abraço espontâneo, pareciam reconfortar Marina. Que ainda chorou por algum tempo, como que desabafando, mas voltando para casa muito melhor do que quando saiu da casa espírita.

Seus espíritos amigos aproveitaram-se do estado receptivo de Marina e da boa vontade de Sônia para lhe aplicar um passe magnético que a ajudaria a se recompor.

⁽¹⁾ Transcrevemos a questão 893 de *O Livro dos Espíritos*, haja vista sua importância na elucidação dos diferentes graus das virtudes e também na sublimidade da mesma:

- Qual a mais meritória de todas as virtudes?

“Toda virtude tem seu mérito próprio, porque todas indicam progresso na senda do bem. Há virtudes sempre que há resistência voluntária ao arrastamento dos maus pendores. A sublimidade da virtude, porém, está no sacrifício do interesse pessoal, pelo bem do próximo, sem pensamento oculto. A mais meritória é a que se assenta na mais desinteressada caridade.”

Capítulo X

Alguns anos depois

Doze anos após o desaparecimento de Marina, Paulo Sérgio ainda frequentava aquele mesmo parque do Rio de Janeiro, mas agora acompanhando pelo filho que a moça lhe deixou.

Paulo Sérgio tinha o conhecimento da doutrina dos espíritos, o que amenizava sua dor, mas não a destruía. A pergunta, no entanto, era inevitável: Por que ela se foi? Não teria aprendido a se perdoar? Teria encontrado outra pessoa? Teria voltado para a vida que ela tinha antes de conhecê-lo? Perguntas ainda sem respostas.

Thiago Fernando era uma criança muito esperta, arteira, não parava um segundo. Desde seu nascimento tem dado muito trabalho para o papai de primeira viagem. Mas Paulo Sérgio tem lhe dispensado grandes demonstrações de carinho desde quando ainda estava no útero de Marina.

E toda vez que o via, ficava encantado, olhando-o a todo instante, como que cuidando de uma joia muito cara. Mas o carinho não era retribuído. Thiago tinha grande aversão pelo pai e não costumava obedecê-lo.

– Desça daí, menino. – Dizia Paulo Sérgio ao ver que Thiago estava dependurado num brinquedo alto demais.

O menino fazia careta e não se importava. Mas nisto chegou uma doce garota que tinha a sua idade e disse-lhe:

– Você deveria obedecer seu papai. Eles sempre nos aconselham para nosso bem.

Thiago ficou paralisado, olhando para aqueles olhinhos cheios de ternura que não fugiam dos seus. Nisto ela estendeu a mão direita e convidou-o:

– Vem, vamos ouvir o cântico do mar.

Thiago pensou que a menina devia estar louca, pois não ouvia cântico nenhum. Mas a ideia de ficar ao seu lado lhe agradava e, portanto, estranhamente, não lhe deu uma resposta rude como costumava fazer quando alguém dizia algo que ele discordava.

- *Como você se chama?* – Perguntou o menino, todo encantado.

- Angélica. E você?

- Não, eu não... – disse o garoto se embaraçando todo.

- Eu tinha praticamente certeza que não. – disse Angélica com muito charme e bom humor. Ou com um humor leve que lhe dava muito este charme. Mas como é seu nome, menino?

- Ah, eu quis dizer, bem, na verdade, meu nome é Thiago.

- Muito prazer, Thiago.

- O prazer é todo meu. Todo meu.

- Vamos brincar na areia, Thiago?

- Brincar na areia é coisa de criança, Angélica.

- Sim, e é o que somos ainda, não acha? Por que a pressa em crescer, Thiago?

O menino ficava deveras sem argumento diante da assertividade de Angélica, acompanhada de toda sua beleza, de um anjo moreno, como a pele clara como a neve e cabelos longos e lisos, como uma índia.

- Tem razão, deve ter razão. Mas se fossemos adultos poderíamos fazer tudo o que quiséssemos.

Angélica apenas sorriu. Foi o suficiente para desmanchar Thiago. Os dois começaram a brincar na areia e como dois arquitetos construíram lindos castelos. As pessoas que passavam ficavam encantadas. Paulo Sérgio não deixava também de observá-los.

A tarde passou e os dois nem a viram ir-se embora. A noite já aparecia, quando um carro de luxo parou perto do calçadão, de onde desceu um motorista todo trajado como tal e chamou por Angélica.

- Bem, preciso ir, Thiago. Gosto muito de ficar na praia à noite, mas meus pais e aguardam.

Mas amanhã vou tocar no Teatro municipal e gostaria muito que fosse ver minha apresentação.

- Nossa, você é uma garota muito precoce.

Qual instrumento você toca?

- Piano e clarinete.

- Bem, eu estarei lá. Tenha certeza disto, Angélica.

Angélica despediu-se com um beijo mandado com sua delicada mãozinha. Thiago apenas conseguiu esboçar um "até breve".

Até breve, pensava ele. Que seja de fato muito breve.

Paulo Sérgio aproximou-se e tentou uma conversa leve com seu filho, mas não teve sucesso:

– Meu querido, parece que gostou muito de conhecer a nova amiga.

– Pois é, Sr. Jean, pois é. – disse o garoto com um sorriso amarelo e fugindo da conversa.

– Vamos jantar um cachorro quente? – Perguntou Paulo Sérgio.

O menino abanou a cabeça positivamente e seguiu para a barraquinha para comprar seu lanche. Chegando lá, com já era conhecido pela dona do local, apenas disse que queria o mesmo de sempre. Dona Márcia conhecia o jeito do menino, de poucas palavras e simplesmente lhe entregou o cachorro-quente sem puxar muita conversa. O pai veio logo atrás. E com este sim era fácil bater papo:

– Boa noite, Professor. – era assim que a simpática e humilde comerciante o chamava. – Como vão seus alunos?

– Muito boa noite, minha amiga. Ah, eles são “ossos duros de roer”. – Disse o Professor de física com bom humor.

Paulo Sérgio sentou-se na mesma mesa que seu filho. O menino comia seu cachorro quente quieto, enquanto Paulo tomava água de coco.

– Linda noite, não acha, Professor? - Perguntava Dona Márcia para puxar conversa.

– Deveras, linda noite, Márcia. A lua, em especial, sempre me encantou.

– Penso que a todos nós, professor. Mas hoje à noite está especialmente estrelada. É como se Deus quisesse nos brindar com imensa luz.

– Tem razão, Márcia. Tem razão. Mas a questão é ainda mais transcendente. Cada estrela é como um sol nosso, rodeado de planetas. E elas não existem apenas para agraciar nossas noites. São moradas de irmãos nossos em diferentes graus de evolução.

– Será, Professor? Gosto muito de ouvi-lo falar sobre estas coisas. Até penso que tem razão, seria muito desperdício de mão de obra e material, né?

Paulo Sérgio não pôde deixar de rir da maneira de Márcia colocar as coisas. Mas não podia deixar de concordar com ela.

Nisto chega à barraca o mais brilhante aluno de física de Paulo Sérgio. Tão inteligente quanto arrogante.

– Boa noite grande professor da Ciência de Deus. Sempre tentando convencer as pessoas da existência do onipotente.

Thiago riu-se, pois adorava quando alguém além dele mesmo chateava seu genitor. Paulo Sérgio, no entanto, mantinha-se sereno, observando a magnífica presença do Criador na maravilhosa noite estrelada. E depois de alguns segundos de contemplação, deixa sair algumas palavras:

– Esta causa dispensa advogados, meu amigo. Tão certa é a existência de Deus que até mesmo os seres mais primitivos rendem culto a ele desde a antiguidade.

– Você se refere ao Deus Sol, deusa Lua, professor?
– Disse Valter com ironia.

– Cada um acredita no Deus segundo a sua capacidade de assimilação, meu caro. Quanto mais primitivos os seres, mais material o Deus no qual eles acreditam.

– Tem razão, professor. Veja o meu caso, um cientista sério, não consigo ver Deus em nada. Falta-me inteligência? Sensibilidade?

– Falta acreditar nos seus postulados, meu caro.

– E em qual lei científica podemos encontrar a prova da existência de Deus, Professor Paulo?

– A lei zero da termodinâmica diz que a tendência do universo é a bagunça, certo?

– *Certo, professor. O que quer dizer que se você deixar uma taça cair no chão ela quebrará. Mas o contrário é improvável que aconteça. Mas de que forma isto fala sobre a existência de Deus?*

– *Vamos usar outro exemplo ainda mais claro, Valter. Esta lei diz que se comprarmos um terreno e colocarmos material para construirmos uma casa ali a tendência, com o passar do tempo e se não construirmos a casa, é que este material se deteriore. No entanto, se passarmos ali depois de algum tempo e a casa estiver pronta foi porque alguém a fez, pois ela não faria a si mesma.*

Valter simplesmente levantou-se e foi-se embora, com um sorriso amarelo. Dona Márcia olhava com encanto para o professor.

Capítulo XI

Um menino revoltado

Thiago cresceu dando muito trabalho ao seu pai. Apesar de suas excelentes notas na escola, sempre arrumou muita confusão com os professores e colegas de classe. Era um ser intelectualmente muito avançado, mas agia como se dentro dele houvesse um troglodita. Era capaz de aprender rápido tudo o que os professores lhe passavam, mas era incapaz de dizer obrigado a quem quer que seja. Era incapaz, na verdade, de sentir gratidão por tudo que tinha. É como se sentisse muita raiva da vida.

Aos dezesseis se meteu numa briga para defender um amigo gay e ficou com vários machucados. Apesar de seu jeito turrão, não tolerava injustiças. E pelo menos do seu ponto de vista era algo demasiadamente injusto um grupo de dez atacando um seja pelo motivo que for.

Ele caminhava com Angélica pela areia da praia à noite, mãos dadas, a única criatura que o tornava um pouco melhor e que desde aquele dia que se viram na praia quando crianças nunca mais se separaram. Quando de repente presenciaram este ato de selvageria, quando chegavam perto de uma barraca para pedir uma água de coco. Ele, com aparente calma, disse a sua namorada:

– Espere aqui, minha querida! Volto logo.

Ah, com Angélica ele era doce. Com este anjo em forma humana ele era um perfeito cavalheiro e não conseguia retrucar um simples pedido seu. E quando discordava de sua namorada dava um jeito de responder

de maneira tão doce que pairava no ar a dúvida se ele realmente discordava.

No entanto, era somente com Angélica que conseguia deixar fluir o seu melhor. Pois todos temos o nosso lado bom, por sermos seres divinos, filhos da luz e também nosso lado mau, entendo por mau um estado temporário de ignorância, resultado das escolhas repetidas neste sentido durante muitas e muitas reencarnações. Com as outras pessoas Thiago era frio, de raciocínio rápido, mas muitas vezes cruel com as palavras, como se estas fossem hoje a espada que a lei social permitia que ele usasse. Mas não a única que ele gostaria de usar.

O rapaz, apesar de sua pouca idade era alto e muito forte para sua idade. Sempre se interessou por filmes de guerra e artes marciais. Tinha grande paixão por espadas.

Enquanto Angélica, que já estava perdendo a visão, por um problema que os médicos diziam irreversível, aguardava na barraca, Thiago aproximou-se da roda de rapazes que aparentavam ter entre dezoito e vinte anos que humilhavam um outro rapaz de mesma idade, dando-lhe tapas na sua cara e dizendo-lhes ofensas:

– *Você é uma aberração da natureza.* – dizia um dos agressores.

– Não sairá daqui sem levar muitos tapas na cara e dizer que sabe que é uma aberração. – dizia o outro.

O rapaz apenas chorava.

Eram jovens fortes, cujos corpos denotavam serem frequentadores assíduos de academias.

– *Parece que ele não é a única aberração da natureza.*
– disse Thiago ao grupo, cujo primeiro impulso foi partir para cima dele.

Vocês são covardes, que envergonham qualquer homem de verdade. Dez contra um não me parece uma luta justa.

Os rapazes estavam agora entre o espanto e a admiração pela ousadia do garoto de dezesseis anos. Um deles disparou:

– O que você entende sobre ser homem, franguinho? Está nos desafiando?

– Desafio um a um. Mas duvido que aceitem, pois são um amálgama de porcarias. Não são nada individualmente.

O rapaz que interpelou Thiago aceitou o desafio, não sem medo. Pois apesar de sua idade, Thiago tinha um olhar muito assustador, como de um guerreiro que está pronto para tudo. Como um ser estranho que não teme a morte e desconhece a dor. Por alguns segundos eles apenas se encararam, e foi aí que o filho de João Pedro ganhou a luta. Ao seu lado, conectados a ele energeticamente, havia muitos desencarnados que o serviram na sua última encarnação, quando foi um grande e poderoso senhor feudal. Assim como outros com que se aliou enquanto formou sua equipe de vingadores no umbral. Estes desencarnados que somavam um número próximo a trinta, talvez mais, multiplicavam-lhe a força e a resistência.

O outro jovem, além de forte era experiente em briga de rua. Minutos depois, no entanto, ele foi ao chão com vários golpes de capoeira desferidos por Thiago. O jovem

caído sangrava muito e seus companheiros queriam quebrar o pacto, mas seu chefe não permitia. Ele levantava-se e apanhava mais e mais. Mas era também um espírito muito rebelde e cheio de ódio. Lutou até desmaiar.

Neste momento alguns policiais que faziam a ronda por ali, param carro e correram para prender todos os arruaceiros. Mas os jovens correram, pois já eram fichados e não queriam ser presos novamente. Thiago não correu.

Um dos policiais conhecia seu pai e perguntou a Thiago o que aconteceu ali. O jovem não mentiu e nem omitiu nada. Eles chamaram uma ambulância e levaram Thiago para delegacia. Na verdade este foi um pedido dele, quando o policial que conhecia seu pai mencionou que poderia deixar para lá desta vez. Ele alegraria que não houve flagrante. Thiago não aceitou. A ideia de dever um favor a seu pai deixava extremamente irritado.

O policial não teve escolha, levou-o para delegacia e notificou Paulo Sérgio. Lá chegando o professor de física encontrou Angélica, a fiel e paciente namorada de Thiago.

– Olá, Angélica. Por que não me espanto de vê-la aqui, minha querida? – disse João, com um sorriso amarelo no rosto.

– É que conhece, por experiência própria, o que é o amor, Sr. Paulo Sérgio.

– Mas seus pais sabem que está aqui?

– Sabem sim. Minha mãe está no carro e disse que eu deveria esperar pelo senhor lá, mas não consegui. Tive que aguardar aqui na porta.

– Ah, este amor só pode ser de outras vidas, Angélica. Somente a ti ele ouve. Somente você, sua presença iluminada, consegue minorar a rebeldia deste rapaz. Eu mesmo confesso já não sei mais o que fazer.

– Não desista dele, Sr. Paulo Sérgio. Thiago precisa muito do senhor e apesar dele não admitir e talvez nem mesmo entender, seus exemplos são preciosos para o amadurecimento dele. Ele já cresceu sem a presença da mãe e isto o amargura demais.

– Tem razão, menina Angélica. Como sempre tem razão. A mãe dele me faz muita falta também.

Dizendo isto Paulo Sérgio trouxe a sua mente algumas lembranças de quando namorava Marina. Lembranças agradáveis, que carregavam os seus sonhos de construir uma família e envelhecerem juntos.

Nisto adentra aquele ambiente a própria Marina, desencarnada e acompanhada por sua mãe e por Jonas. Aquele mesmo espírito que morava na cidade natal de Marina e o qual ela ajudava por ter grande carinho por ele, e que desencarnou ainda criança e impedido de ver a moça, pela qual ele tinha também grande estima e sentimentos que somente as reencarnações pregressas poderiam explicar.

Estes três espíritos ali estavam para demonstrarem sua gratidão por Paulo Sérgio, ajudando-o neste momento difícil, em que precisaria de muita fé raciocinada e resignação para superar as provas que se aproximavam. Angélica que era extremamente sensível sorriu à aproximação deles e disse a Paulo Sérgio:

– Talvez ela esteja mais perto do que imaginemos. Pois o amor não permite uma separação muito longa.

Paulo ficou meio que espantado com aquelas palavras ditas com tamanha convicção, mas foi chamado pelo delegado para resolver a questão do seu filho.

– O jovem é primário e o senhor vai poder leva-lo para casa agora. Cuide dele, senhor. O rapaz parece não ter juízo nenhum e muito menos amor pela vida. No entanto, parece ser uma boa pessoa, pois estava defendendo uma pessoa pertencente a uma classe minoritária. – Disse o delegado, que também era uma ótima pessoa.

– Obrigado, Senhor delegado. Tenha certeza de que vamos cuidar bem dele. Vamos, no mínimo, fazer nossa obrigação de pai. – Disse Paulo Sérgio estendendo a mão direita em direção à mão do delegado e externando sua gratidão através das energias que enviava ao delegado.

Uma conversa séria

Paulo Sérgio voltou para casa com Thiago e Angélica seguiu com sua mãe. Logo que chegaram, Thiago pensou que seu pai lhe daria um sermão, estava preparado para revidar, mas nada disto aconteceu:

– Pode dar sua lição de moral. Sei que é o que está ansioso para fazer, Sr. Paulo Sérgio. Não vejo a hora de completar dezoito anos para seguir minha vida sozinho. Já fui abandonado por minha mãe, e não vou depender de você para nada.

Paulo Sérgio nada disse. Apenas foi para seu quarto e voltou com um grande envelope na mão, entregando-o ao seu filho, que ficou espantado, mas começou a abri-lo. Seu pai dirigiu-se para cozinha e começou a preparar uma caneca de café solúvel com leite quente.

O rapaz abriu o envelope e encontrou uma carta escrita por um delegado de uma pequena cidade do interior de Madri, na Espanha, onde notificava um detetive contratado por Paulo Sérgio sobre o assassinato de uma moça, com as características de Marina, de maneira muito cruel.

Numa casa, perto da mata onde o corpo dela foi encontrado, tinha também outra carta, assinada por Marina, que dizia que ela devia muito dinheiro para um cafetão cruel e que este tinha prometido matar sua família se ela não fosse vê-lo. Mas na verdade a jovem sabia que dinheiro não era mais o problema e nem a solução para

este caso. O cafetão era um doente que ficou apaixonado por ela numa temporada que Marina trabalhou por lá. Ele a tinha localizado e por esta razão Marina foi ao seu encontro para poupar a vida de seu esposo e filho.

Com lágrimas nos olhos Thiago foi até a cozinha onde seu pai tomava seu leite com café sentado à mesa e chorando, perguntou:

– *Desde quando você sabe disto.*

– *Recebi este envelope esta semana.*

– *Desde quando tem procurado pela mamãe?*

Paulo Sérgio deixou escorrer algumas lágrimas também.

– *Desde que ela desapareceu, Thiago. Eu nunca a esqueci, nem por um segundo. E lá dentro de mim sempre soube que sua mãe somente nos deixaria por um motivo muito grave e acima da vontade dela.*

Neste momento, Marina, sua mãe e Jonas, que ali estavam, influenciavam Paulo Sérgio, que se levantou e abraçou seu filho, que apesar de sua aspereza habitual, não conseguiu esquivar-se daquele gesto de carinho.

No outro dia acordaram e Thiago já era a mesma pessoa, fria e distante de seu pai:

– Bom dia, Thiago! – disse Paulo Sérgio, na esperança de que o acontecido da noite anterior tivesse mudado Thiago. Não mudou.

O rapaz simplesmente pegou uma maçã e com a mochila nas costas foi para a escola. Lá chegando viu que Angélica o aguardava ansiosa:

– Como passou de ontem para hoje, Thiago do meu coração?

As palavras de Angélica eram as únicas que tinham a capacidade de torna-lo um ser bem humorado. Ainda que por breve tempo. Era só alguém passar e olhar para sua namorada que ele já voltava ao seu estado normal. Ou trombar nele sem querer. Ou falar alguma coisa perto dele, mesmo que não lhe dissesse respeito, mas que considerasse estúpido, para ficar mal humorado.

Angélica hora ria-se de seu jeito, por saber que ninguém muda de repente. Hora o admoestava com seu jeito doce, mas firme, por amá-lo tanto que se recusava vê-lo sofrer desnecessariamente por ser um espírito totalmente revoltado, apesar das grandes possibilidades que esta reencarnação lhe oferecia. Mas acima de tudo ela o amava. Ah, como o amava!

– Hum, passei bem, meu Bem. – respondeu Thiago gracejando. – Tenho novidades que lhe contarei no intervalo. Agora preciso correr, pois tenho prova de física.

– Tudo bem, meu amor. Nos falaremos no intervalo, então.

E, depois de um beijo rápido, eles seguiram para suas respectivas salas, para encontrarem-se como combinado no intervalo.

– Conte-me tudo, Thiago de meu coração, tesouro mais precioso de minha vida. Sei que está ansioso para isto.

Angélica dizia isto acariciando o rosto de Thiago, despertando o melhor do rapaz através de sua energia que fluía em direção a ele. Era possível aquele que tem a mediunidade da vidência, se permitido fosse pelo Alto, ver

toda sua energia se projetando no rapaz, como feixes de uma luz maravilhosa e renovadora, que só conseguia este efeito pelo fato do rapaz estar totalmente receptivo a isto, pelo sentimento nobre que nutria por Angélica. É da lei que os superiores ajudem os inferiores, e o espírito que agora atendia por Angélica era imensamente superior a Thiago, espiritualmente falando, na sua capacidade de enxergar as leis divinas e segui-las. Mas principalmente na sua capacidade de amar, no sentido amplo deste termo. No entanto, é igualmente da lei que se respeite o livre-arbítrio de cada criatura. Portanto, se Thiago não permitisse a sintonia, de nada adiantaria Angélica querer ajuda-lo. Embora, devemos lembrar, que tudo isto acontecia de maneira espontânea, esta troca de energia.

– Realmente, Angélica. Estou ansioso e não dormi direito pensando sobre a descoberta de meu pai a respeito do desaparecimento de minha mãe. Descobrimos que ela não me abandonou. Ela morreu para nos salvar. Vou lhe contar tudo. Preciso desabafar...

Thiago ficou bastante emocionado enquanto narrava toda a história para sua namorada.

– Ela apenas desencarnou, querido. Você sabe disto. Como conhecedor da doutrina Espírita sabe que a separação é apenas momentânea. Que seria uma crueldade por parte do Criador a separação definitiva. E que Deus é amor e por isto suas leis visam apenas o nosso crescimento, o nosso melhor, embora em nossa condição de iniciantes na escola universal, não consigamos ainda enxergar o conjunto.

Enquanto Thiago chorava, Angélica inspirada por seu mentor espiritual, uma figura elevadíssima, aproveitava o momento de sensibilidade em que o rapaz se encontrava

para lhe passar coisas boas. Na verdade para lhe despertar estas mesmas coisas, estes conhecimento que todos nós temos, e que se encontra mais ou menos adormecido, dependendo do grau de evolução de cada um, enquanto estamos encarnados.

Neste momento específico, Angélica, que como já citamos, estava se tornando cega, mas que tinha a mediunidade da vidência, entre outras, de maneira muito desperta, conseguia ver a mãe de Thiago e a reconheceu pelas fotos que tinham na casa dele. Ela estava mais iluminada, mas não era possível enganar-se. Vinha acompanhada, como das últimas vezes que se aproximou deles, por uma senhora, sua mãe e de Jonas.

Eles sorriram para Angélica e, em pensamento, comunicaram-se com a jovem:

– Obrigado, anjo nosso, por sua grande humildade em descer a este mundo em nosso auxílio. Sua abnegação é maravilhosa aos olhos de Deus.

E, dizendo isto, eles se aproximaram de Angélica, num gesto de reverência, ajoelhando-se perto dela, mas elevando a Deus seus pensamentos em forma de gratidão e pedindo que ela recebesse do Alto forças suficientes para concluir sua missão.

Angélica, instintivamente, respondeu em pensamento:

– Agradeçam apenas a Deus.

Dizendo isto ela voltou sua atenção para Thiago, e de modo sereno, sem se deixar afetar pelos elogios recebidos, continuou a orientá-lo. Mas recebia de muitas entidades, inclusive de seus mentores espirituais, muita

luz que a deixava ainda mais bela, mais sábia. Tudo o que dizia saía de maneira muito natural.

– Sua mãe teve a coragem de mudar, meu amor. Ela mudou porque se aproximou de seu pai e por amá-lo. Mudou quando soube que estava grávida de você e teve coragem de dar sua vida para garantir que tivesse a oportunidade de aproveitar a sua. Não a desperdice com sua autopiedade.

Aproveitar significa também neste caso aprender o máximo possível, pois esta existência é apenas uma curta passagem na vida do espírito. Aprendemos aqui e voltamos para casa.

– Juntos, Angélica? Voltaremos juntos para casa? Você estará sempre comigo? – Perguntou o rapaz ainda muito emocionado.

Depois de alguns segundos de reflexão, angélica respondeu:

– Sinto que o meu coração sempre esteve junto ao seu, Thiago. Independentemente das separações momentâneas que a busca pelo crescimento espiritual, nesta ciência infinita do amor, nos impõe, nossos corações estão ligados pelas eras mais remotas e assim permanecerão.

Mas quanto a ficarmos juntos, no mesmo espaço físico, dependerá também de caminhar unidos nossos pensamentos e nossas atitudes.

Thiago não conseguia entender conscientemente, mas por um momento era como se a lembrança da separação entre ele e angélica lhe viesse na memória, ainda que de maneira vaga. Pressentia que para ficarem juntos como queria, além desta existência, se houvesse

uma, ele teria que melhorar muito. Era sua consciência, esta guardiã do certo e do errado, chamando a sua atenção para que os erros do passado não se repetissem.

Eles abraçaram-se numa cena linda envolvendo mundo dito físico e mundo dito espiritual, onde espíritos amigos apoiavam aqueles dois que de tanto amor quando juntos pareciam uma só energia.

Capítulo XIII

O anjo em sua vida

Chegava o fim do ano e Thiago e Angélica estavam animados para o baile de formatura. A jovem perdia sua visão progressivamente, mas ainda conseguia ler com dificuldades e, apesar de qualquer coisa, era muito determinada, sempre otimista e não se deixava abater.

Thiago por sua vez era a revolta em pessoa. Não aceitava o fato de, que existindo Deus, existir também tanto sofrimento.

Angélica, ao contrário, ia de encontro ao sofrimento alheio para minorá-lo. Sempre tentando ser útil, semanalmente participando de trabalho voluntário em prol de pessoas carentes. Levava junto seu namorado, com o objetivo de lhe mostrar que existem sofrimentos muito maiores que os seus por este mundo de meu Deus, como ela gostava de dizer. O rapaz ia para não contrariá-la, mas ia. Enfim, uma lição de vida aqui, outra ali, sem que ele se apercebesse iam penetrando sua alma, contribuindo para este trabalho gigantesco que é a harmonização do espírito com a Luz. Da criatura com o Criador, que não violenta nossa consciência, que usa o tempo em nosso favor, que nos respeita tanto que nos convida, até mesmo através da dor, a construir a nossa felicidade, para que sejamos dela merecedores e acima de tudo, para que saibamos valorizá-la.

A jovem estudava música desde cedo, quando seus pais foram avisados por um professor da pré-escola, quando ela sentou-se perto de uma pianista que foi fazer

uma apresentação infantil e disse que as notas musicais eram maravilhosas, belas de se ver. Dizia também, desde os quatro anos, para quem quisesse ouvir, que a melodia do vento acariciando as flores era algo magnífico. E que as notas musicais produzidas por uma discussão de baixo nível, ou ainda com as palavras rebuscadas, mas com a presença do ódio, pareciam lutar contra a energia de paz reinante num ambiente.

E quando alguém dizia alguma coisa a respeito das suas criações musicais, que eram magníficas já aos seus setes anos, mas que lá pelos doze atingiram o ápice de sua maturidade como artista, ela tinha na ponta da língua algo que encantava a todos e que ela dizia com os olhos brilhando, como que em conexão com algo superior a sua própria superioridade: "*Não, não a criamos. São todas composições do Maestro Universal. A música verdadeira vem de Deus e por isto mesmo está em tudo. Resulta da harmonia do universo, de cada dimensão, de cada mundo. É grosseira nos mundos primitivos e nos mundos superiores, nas dimensões mais sutis do universo ela se confunde com uma prece maravilhosa e leva ao êxtase aqueles que a ouvem. A música celeste fala da maneira mais eloquente possível da existência do Criador para suas criaturas. Porque fala de alma para alma. Nós, os músicos, apenas a captamos segundo o nosso grau de harmonia com a luz, com o belo universal, com o nobre. E temos a felicidade de transmiti-la àqueles que já possuem a sensibilidade necessária para senti-la.*

E quando perguntavam como ela via e sentia estas coisas? Simplesmente via e sentia. Era o que respondia, até que foi estudando e se familiarizando com a doutrina espírita que a ajudou a entender o porquê destes fenômenos.

Angélica era, sem dúvida nenhuma, uma estranha ao seu tempo, muito além dele intelectualmente e como uma sensibilidade ímpar. Ganhou bolsas de estudo no exterior, depois de compor uma linda sinfonia aos sete anos, a primeira de muitas. Estudou em Viena até os catorze, mas sempre se correspondendo com seu grande e único amor, Thiago. Lindas cartas eram trocadas por eles. E sua mãe, sua grande amiga e admiradora, viu algumas delas, não sem se emocionar. Os jovens usavam uma linguagem muito elegante e falavam como se se conhecessem de muitos séculos. Nada de vulgaridade, mas juras de amor e paciência.

Quando a menina completou quatorze anos pediu aos pais para voltar ao Brasil. Era aclamada lá fora pela crítica, mas o seu prazer maior, depois de ficar perto de Thiago, seria transmitir o que sabia sobre a música àqueles que não tinham como pagar por isto. A arte é moralizadora segundo ela, por ser divina. Tem a capacidade de penetrar os mais endurecidos corações e iluminá-los para que possam enxergar as belezas do Bem, do Belo, que é o destino de todos os filhos de Deus. E, permitindo este vislumbre, dão ao ser imortal, ao espírito viajor do universo, a oportunidade de se melhorar, de abandonar o velho e aproximarem-se de Deus.

Diante de tais argumentos, vindos de uma menina de quatorze anos, seus pais não tinham como lhe negar nada. Eles na verdade mais pareciam crianças admiradas com a sabedoria de uma jovem com uma bagagem que nunca tiveram a oportunidade de ver em nenhum adulto.

E Angélica iria usar desta sabedoria e deste magnetismo para dissuadir Thiago da ideia de ser tornar um policial. Este era o sonho do rapaz, entrar para escola

de oficiais e depois de algum tempo entrar para algum grupo de elite da polícia.

Sua namorada, no entanto, em sua sensibilidade pressentia que não seria algo benéfico para a evolução do seu espírito. Ele já tinha uma propensão muito grande à violência e não teria o discernimento necessário para agir apenas de acordo com a justiça. O que o faria contrair mais débitos perante as leis divinas e complicaria ainda mais sua situação já tão delicada perante sua consciência.

Certo dia, Angélica que tinha retinoblastoma, um câncer raro nos olhos, e que geralmente afeta crianças, mas que foi descoberto no caso dela já aos quinze, foi fazer quimioterapia num centro especializado e junto foram seus pais e também Thiago. O médico dela disse que seria uma última tentativa, mas que devido ao estado avançado o mais provável é que tivesse que retirar os olhos da jovem para impedir que o tumor se espalhasse para o cérebro. Mas Thiago somente ficou sabendo disto quando eles já estavam na sessão de químio. Sua revolta foi total.

– Cadê o suposto Deus que você serve, que você procurar agradar e respeitar, Angélica? Como ele permitiu que você passasse por este tipo de coisa? Logo você que é tão boa e que procura sempre ajudar as pessoas. Não, não, não posso crer num Deus assim.

Os pais de Angélica choravam com a situação, mas Thiago gritava, extremamente revoltado. A jovem, no entanto, sem se abalar, pegou na mão de seu namorado e disse-lhe:

– Vamos dar uma volta, meu amor.

E Angélica o levou para conhecer mais detalhadamente o hospital.

– Não entendo que pretende me mostrando isto, minha Flor de Maracujá. – disse Thiago, quase bravo. – Você acha que vou gostar mais do seu Deus desta forma?

– Não, meu Lírio do Campo. Minha esperança que entenda que não fomos privilegiados com a dor. Que muitas pessoas sofrem muito e não tem condições financeiras de gastar sequer com remédios, ao contrário de nós. Que muitas sofrem solitariamente, enquanto temos um ao outro, temos nossa família. E a maioria não perde tempo reclamando sobre o que é fato, mas tenta mudar e se adaptar da melhor maneira possível.

Quanto a gostar ou não de Deus, ou até mesmo acreditar ou não na Sua existência, é algo que não devemos tenta impor a ninguém. Seria falta de respeito. Nós que já nos beneficiamos com a questão da existência do Pai, devemos simplesmente vivenciar isto, beneficiando cada um que cruze nosso caminho sempre que possível e possível sempre será. Seja ouvindo alguém que precisa desabafar, seja com a benção do auxílio material de maneira discreta, em constranger que o recebe, seja através de um sorriso, que dependendo da situação que aquele irmão esteja pode ser a única coisa boa que ele vai receber naquele dia.

Todo aquele que quiser ser útil encontrará nos seus afazeres diários oportunidades para isto, se precisar procurar momentos especiais para este mister. A começar pela convivência familiar, nosso maior compromisso nesta existência e o maior laboratório do amor, já que a este respeito somos ainda mais ignorantes do que em todos os outros assuntos.

– Eu te amo muito, minha flor. Nunca duvide disto.

– Acredito. E você é para mim também uma joia muito rara. Com certeza pelos laços de afinidade que conquistamos através das existências passadas.

Mas e os outros, merecem menos o nosso amor? Nossa dedicação?

– Eu me preocupo com você, minha flor. Somente com você.

– Pois eu gostaria que pensasse com muito carinho na possibilidade de expandir sua capacidade de amar. Que escolhesse uma profissão, agora que vai prestar vestibular, pensando também ser útil às pessoas. Isto me faria imensamente feliz.

Isto o contrariava muito, pois o rapaz não pensava em outra coisa senão ir para o exército e posteriormente entrar para o Batalhão de Operação da Polícia Especial, o BOPE. Sua namorada e seu pai tentavam dissuadi-lo desta ideia. Sabiam, pelas suas tendências violentas, que este não seria um bom caminho para ele.

Mas as palavras doces de Angélica lhe freavam o ímpeto. Prometeu pensar. E cumpriu o prometido. Thiago ficara de fato impressionado com o que viu naquele hospital e tinha ideia de poder cuidar de sua amada sempre que ela precisasse. Sim, ele seria médico, ele seria o melhor médico que pudesse ser.

Capítulo XIV

Bem lá na frente

O relógio da vida não para e Thiago foi para faculdade de medicina e formou-se com as melhores notas da classe. Casou-se com Angélica e trabalhava na clínica da própria Universidade em que estudou.

Neste meio tempo se meteu em mais meia dúzia de brigas, o que lhe custou uma cicatriz no rosto. Sempre defendendo os mais fracos, ou seja, fazendo o certo da maneira errada. Angélica sempre esteve ao seu lado.

Thiago gostava mais do título de médico, do status e da possibilidade que tinha de cuidar de Angélica, para quem ele dedicava sua existência do que de propriamente de ser útil.

Mas como ele também era muito acima da média intelectualmente, isto aliado a seu orgulho fazia com que conseguisse desvendar os casos mais complicados. Era, portanto, em pouco tempo, aos seus trinta e cinco anos um médico respeitadíssimo. Tinha um excelente padrão de vida, mas isto não era seu foco, embora gostasse da vida tranquila que levava em relação às finanças.

Tratava os pacientes friamente, limitando-se ao contato estritamente profissional. As doenças, no entanto, intrigava-o mais do que ele mesmo gostaria. Muitas vezes chegava a sua casa e ficava se perguntando o porquê daquilo tudo. Angélica que conseguia sentir de olhar quando ele não estava bem, buscava amenizar sua revolta.

Sua frase preferida era: – *Se Deus existe, por que tanto sofrimento? E por que contigo, minha flor de Maracujá?*

A resposta saía rápido, com toda doçura do mundo, como uma melodia que o acalmava, que atenuava sua revolta, mesmo que sem curá-la de vez, até porque estas palavras eram confirmadas pelo exemplo de vida de uma jovem cega que enxergava com a alma e que louvava a Deus através de suas atitudes em prol do semelhante, que era sua filosofia de vida, aliás, e também em sua música, que era de fazer chorar de emoção:

– *A dor ensina, meu querido. Logo, abençoemos a dor. Mas sofrer em demasia é questão de não entender esta afirmação, como o aluno rebelde que precisa passar vários anos na mesma série por não aceitar que depende apenas de seus esforços chegar à série superior.*

Quanto a sua segunda pergunta, posso lhe responder com outra: por que não eu?

Esta resignação de Angélica causava um misto de ira e admiração no jovem médico. Ele não podia deixar de reconhecer a grandeza daquela alma e de outras almas que ele via no hospital, não menos sofridas, e que sabiam se comportar dignamente na companhia da dor. Na maior parte do tempo, é verdade, ele continua em sua rebeldia e prepotência.

Como um espírito muito orgulhoso que era, Thiago jamais cogitava da contribuição da espiritualidade para chegar até ali. Angélica sempre o incentivava em tudo que desejava fazer, em todos seus projetos. Mas sempre dizia a ele que deveria agradecer a Deus, inclusive antecipadamente, por tudo que havia conquistado.

Não era nada agradável a ele agradecer por coisas que julgava ter adquirido somente por sua inteligência, por seus esforços. E de fato era muito inteligente. Mas além da medicina, era apaixonado por física. E estudava esta ciência, principalmente a quântica, sempre que tinha um tempinho.

A física quântica o levou muitas vezes a considerar se o Universo é um ser vivo, se este mesmo universo é um universo de sentimentos, se nossos pensamentos atraem coisas para nossa vida, como seu pai bem gostava de citar. Mas para ele estas eram apenas investigações puramente científicas.

O casal, no entanto, conversava muito sobre tudo e sobre estas questões também:

– Você acredita que o pensamento é material, Flor de Maracujá? Que se mentalizamos algo, atraímos? Andei estudando física quântica e alguns pesquisadores acreditam nisto. Eles têm elaborado teorias muito interessantes sobre este assunto.

– Ah, claro que sim, meu Lírio! O pensamento plasma em torno de nós, através da matéria elementar do universo, o átomo original, aquilo em que pensamos. E quanto mais vezes e mais intensamente pensamos, mais forte se torna aquela criação. E esta energia cria os meios para chegarmos aonde quisermos.

Este pensamento é tão antigo, tantos filósofos estudaram esta teoria, inclusive nomeando esta matéria elementar de éter, mas é algo que foi muito desvirtuado.

– Mas então não é Deus que cura, minha flor. A cura se daria através deste fluido com propriedades muito misteriosas.

– Pois é, meu majestoso Lírio do Campo. Jesus sempre foi muito sincero, pois dizia ele: "a sua fé te curou". Nunca disse "eu te curei". Mas também disse: "e no futuro, não pequeis mais". Querendo dizer que não deveriam aqueles que foram curados rescindir no erro que lhes trouxe o desequilíbrio íntimo, causador da doença, em essência, por permitir que ela se instale, seja pelo remorso dos seus equívocos de existências anteriores, seja pela má conduta que nesta mesma existência praticavam.

– Você naturalmente está se referindo ao fato de que a doença é uma desarmonia psíquica, fato aliás que a ciência confirma.

– Sim, psique faz parte do espírito. Mas a coisa é mais transcendental. Acredite você ou não no espírito, em Deus, o importante é que está mais perto dele agora que está fazendo o bem a suas criaturas através da medicina.

– Não nego que sinto prazer em curar. Mas Deus é uma ideia muito confusa ainda para mim. Ele nos faz sofrer para nos ajudar, através do que vocês chamam de provas?

Angélica sorriu, passando a mão carinhosamente no rosto de Thiago e disse:

– Você está se contradizendo, meu Lírio. Se você concorda que Ele não cura, também não pode responsabilizá-lo pelos maus passos da humanidade. É da nossa resistência às leis naturais que advém o sofrimento. Os obstáculos fazem parte do crescimento, são um instrumento para tal. O sofrimento vem da rebeldia. De querer receber sem trabalhar.

– *Mas então qual o mérito do Todo Poderoso, minha flor? Qual o seu papel?* – Disse Thiago novamente em tom de leve ironia.

A jovem de alma iluminada pelo conato constante que tinha com o plano espiritual superior, haja vista seu grau de elevação tão além do comum neste planeta, até por seu espírito já pertencer um mundo superior, sempre conseguia amenizar a revolta de Thiago com sua presença, com sua energia maravilhosa e com suas palavras, que eram na verdade outro instrumento para transmitir esta energia ao rapaz.

Quando ela falava era possível àqueles que tem a visão espiritual desenvolvida ver como se fossem um funil de luz que ficava bem no alto de sua cabeça, como que constantemente conectada a forças sutilíssimas e construtivas, cuja origem não era dado perceber. E enquanto ela recebia luz através deste funil sua alma se iluminava ainda mais. Era um espetáculo de luz fascinante. Sua aura expandia-se para muito além do corpo denso.

– *O papel de Deus é o de um engenheiro e arquiteto perfeccionista, meu amor. Ele projeta tudo com maestria e muito amor. Já que ele é também a fonte do amor absoluto.*

Tanto o mundo material, espiritual e as leis que os regem são pré-estabelecidas por Ele. E estes rótulos existem por questão meramente didática, pela fragilidade do alcance da visão humana, já que tudo isto são partes do mundo de Deus e são solidários entre si. Todas as possibilidades estão em germe neste fluido maravilhoso, que os antigos chamavam de éter e que conhecemos na doutrina como fluido cósmico universal. Enfim, esta é

matéria elementar do Pai Celestial. Ninguém sabe como Ele a criou, mas sabe-se que ela é infinita. E tudo que existe está mergulhado neste fluido, como consta nas sagradas escrituras, em Matheus, cap. 17 vers. 28, grafado de forma até poética: "Em Deus nos movemos e existimos".

Os engenheiros celestes, espíritos do mais alto grau de elevação moral, obedecendo a estas leis trabalham como auxiliares do Criador para dar forma aos mundos que conhecemos e muitos outros que nem suspeitamos de sua existência. Mundos que duram determinado tempo de acordo com as experiências que os espíritos tenham que passar ali. Depois explodem e a matéria elementar volta para de onde saiu.

Aí, ele criou o livre-arbítrio para que possamos caminhar rumo ao amor infinito por nossas escolhas e, naturalmente, assumindo as consequências destas. São estas experiências, bem ou mal sucedidas, do nosso limitadíssimo ponto de vista, que nos faz crescer, sair da infância espiritual, e evoluir material e moralmente. A evolução não é uma lei apenas do corpo, como teorizou Charles Darwin, deixando um grande legado à humanidade. É também uma lei mais geral, abrangendo todos os setores da vida humana e porque não dizer, muito embora respeitando você e todos aqueles que ainda veem os homens apenas como um ser material, é uma lei universal.

– Mas como o livre-arbítrio...

– Já sei o que vai dizer, mas lhe adianto que nada é absoluto e não poderia ser de forma alguma, a não ser Deus. Tudo é relativo para as criaturas, como o espaço e o tempo e também o livre-arbítrio.

Existe uma ferramenta de uso do Criador para regular as relações sociais que se chama determinismo, mas que não tem alcance de tolher as decisões morais, mas apenas fazer com que sua exteriorização afete apenas que tenha o merecimento. Muitos chamam esta interação entre estas duas ferramentas de lei de ação e reação, lei de atração, causa e efeito. Mas os nomes neste caso não importam, assim como chamar uma barata de borboleta não a tornaria mais bela.

Veja, meu querido, que apesar de sua grandeza Ele não se impõe, a não ser pela imensidade de sua obra, que por si só deveria atestar sua existência, já que efeitos inteligentes só podem ser produzidos por causas inteligentes. É a mais bela lição de humildade também.

Enquanto o rapaz estava nos braços de sua amada ele se desligava, ainda que momentaneamente, dos laços com os seres que por hora pertenciam às trevas com os quais ele fez parcerias durante muito tempo no umbral e também dos perseguidores para os quais ele fez mal quando era um Senhor Feudal. E ainda, como uma criança ouvindo lições de uma experiente professora, ficava de olhinhos brilhantes e, ainda que não percebesse, as sementinhas da Luz iam aos pouco desabrochando no seu íntimo.

Aliás, a casa deles era ambiente espiritualmente protegido pelas barreiras vibratórias que eram formadas pela emissão dos pensamentos elevadíssimos de angélica, com atitudes idem, além da mais nobre companhia espiritual que a moça tinha e que contribuíam para que aquele lar não fosse corrompido pela presença das trevas.

Se por um lado não seria justo que isto como um passe de mágica mudasse Thiago, por outro ele tinha, por

questão de merecimento dos dois, um espaço de tempo para meditar e buscar sua transformação moral por si mesmo. Era um adendo da misericórdia divina para um espírito de boa vontade usando de seu merecimento para ajudar uma alma quera, mas revoltada. No entanto, se Thiago tinha aí uma grande oportunidade, tinha também uma proporcional responsabilidade da qual não se isentaria de prestar contas perante sua consciência no momento oportuno.

– É, minha Flor de Maracujá, você tem mesmo o dom de me enrolar. Estou quase convencido da existência do seu Deus. Você explana de forma tão encantadora estes assuntos que eles até se tornam interessantes.

Um dia talvez me enrole definitivamente. Um dia, talvez...

– Pois não pretendo enrolar ninguém, meu querido. A ideia é contribuir para a libertação. É fazer refletir, pensar sobre si mesmo e sobre a grandeza do universo, que são duas faces de uma mesma moeda, e que nós não cansamos de diminuir, torna-los minúsculo, pintando-o a nossa imagem e semelhança, esquecendo que nós somos a imagem e semelhança de Deus.

E, não seria demais acrescentar, que a semente, invariavelmente, poderá germinar apenas em solo fértil. As ideias que nos são oferecidas e que são aceitas por nós, somente o são pelo fato de que já estávamos em iminência de aceita-las, pelo nossa maturação espiritual.

– A senhora está muito inspirada hoje, minha Linda Flor de maracujá. A mais bela de todas as flores. – disse Thiago devolvendo as carícias ao rosto de Angélica, que rebateu de pronto em tom de provocação:

– A flor de maracujá é de fato a mais bela das flores que cintilam os jardins terrestres. Mas há mais belas em outros orbes, viu, meu Lírio?

Os dois sorriram e Thiago não deixou barato:

– A senhora disse-me certa vez que existem vidas em outros planetas e que à noite, durante o sono, é possível, embora muito raro ainda para nós, visitar estes mundos. Lembra-se disto.

– Sim, como também me lembro que ainda há pouco o senhor me serviu uma reconfortante canja, muito saborosa. É muito nítido este dia em minha memória.

– Então qualquer dia poderemos fazer uma visita a um destes mundos, o que acha? A senhora me levaria?

Depois de meditar alguns segundos, como se estivesse em prece, angélica respondeu:

– Talvez um dia, meu Lírio. Se Deus assim o permitir.

Ninguém muda

Thiago dirigiu-se para o trabalho e lá chegando foi requisitado para um caso em que um casal tinha uma filha de quinze anos com ELA, a mesma doença com a qual ele tinha sido diagnosticada há alguns meses. Mas no caso da garota a doença estava bem avançada. A menina tinha ainda um câncer que foi diagnosticado agora, mais que parecia em estado muito avançado. Não havia nada medicamente a se fazer.

Ele deu a notícia aos pais que se abraçaram e choraram muito. Desde o útero materno a ciência foi capaz de diagnosticar estas doenças, devido aos avanços tecnológicos que muito beneficiaram aquela época.

Os pais de menina Tamara, Alberto e Mara, no entanto, jamais admitiram a possibilidade de aborto. Eles já tinham a idade um pouco avançada e tentaram engravidar algumas vezes, mas como Mara já tinha uns quarenta anos, não tiveram sucesso. Desta vez não perderiam a oportunidade.

Este casal era extremamente materialista. Nasceram na pobreza, mas com seus esforços conseguiram uma confortável situação financeira, sendo ambos, advogados de prestígio e, conseqüentemente, com grande retorno financeiro.

O fato de nascerem pobres, naturalmente, por consequência de suas existências anteriores, como expiação, não foi o suficiente para que eles se lembrassem

de ajudar aqueles que necessitavam, a não ser em caso de eventos de pompa, onde se procurava mais o status da benemerência do que o prazer de serem úteis.

Eles gastavam grandes somas em convites destes mesmos eventos, mas não eram capazes de dar um bom dia aqueles que trabalham no escritório em funções consideradas mais simples, que era um belo, espaçoso e sofisticado escritório de advocacia, aliás. E desta forma deixavam de atrair para si, pela lei do auxílio, as boas energias que muito contribuiriam para a melhora da menina ou ainda para que sua caminhada fosse mais amena diante destas doenças. Já disse um pioneiro da doutrina que quando a justiça divina nos procura para o acerto de contas e nos encontra trabalhando em prol dos semelhantes manda esta mesma justiça que a cobrança seja suspensa por tempo indeterminado.

Ao invés disto eles atraíam muita energia negativa, ou muitos fluidos deletérios como preferem rotular alguns, pela sua arrogância, por tratar mal aqueles que não lhes serviam ao interesse material. A própria atmosfera da casa deles era lamentável, onde entidades vampirescas aproveitavam-se da brecha moral que o casal oferecia para sugar-lhes a energia vital.

O quarto de Tamara era o mais protegido, pelo fato de que tinham uma boa companhia espiritual. No entanto, era de seu projeto reencarnatório que o sofrimento seria seu companheiro, com o objetivo de despertar seus genitores para o caminho da luz. E por isto tinha pouca interferência do plano de Luz contra estes espíritos endurecidos.

A menina que nesta existência atendia pelo o nome de Tamara era um espírito bem mais esclarecido e

abnegado, que ligado a eles pelos laços de simpatia, cultivada em existências pretéritas, pediu então ao Plano Maior que pudesse reencarnar com eles para ser o instrumento de seu esclarecimento, tentando através da dor de ter um filho com dolorosas doenças pudessem amolecer um pouco seus corações e deixar penetrar alguma luz. Quem sabe até mesmo praticarem alguma religião sem interesses materiais, mas com o intuito de se melhorarem interiormente.

Como Alberto e Mara não melhoravam e não pretendiam de forma alguma melhorar, nem mesmo acreditavam nesta possibilidade, determinou o Plano de Luz, com a permissão de Deus, que a menina desencarnasse. Não seria justo que ela continuasse nesta luta inglória, pois era um espírito que já fez muito o bem e não teria mais nada a expiar neste sentido.

Verificada a impossibilidade da melhora da menina pelo médico Thiago, restava agora decidir se desligariam os aparelhos e aplicariam a eutanásia, prática que neste tempo era permitida, ou se a morte se daria naturalmente.

Os pais queriam a eutanásia, aconselhada pelo médico. A menina, no entanto, não admitia esta possibilidade. Foram os três então tentar convencê-la de que seria o melhor a se fazer, segundo eles, pelo fato de haveria menos sofrimento:

– Filha, sabemos de suas convicções e sempre a respeitamos muito. Mas uma menina tão inteligente deixar-se sofrer de forma desnecessária, por uns livros que leu é algo que não está a sua altura. – disse Alberto, olhando para a esposa como que pedindo um apoio que neste momento não veio. Mara apenas chorava.

Neste instante o mentor espiritual de Tamara se aproximou e influenciou-a com muita facilidade, haja vista o padrão mental elevado da menina que era um espírito nobre:

– Papai, vocês sabem também que meu amor por vocês é o que me mantém aqui neste plano. E que o respeito que lhes devoto é algo real. Ou deveriam saber.

Mas os livros não me fariam acreditar em algo que não tivesse raízes em minha alma. Pelo contrário, eles apenas me fazem recordar de lições aprendidas no passado, seja em outras existências ou no plano espiritual no intervalo entre as reencarnações, período este conhecido como erraticidade.

Conheço, aliás, filhos de espíritas que frequentam estas casas de orações, os centros espíritas, desde pequeninos e não vivenciam esta bela filosofia com a mesma certeza que me faz preferir aguardar o momento que o Plano de Luz reserva para minha volta ao mundo dos espíritos.

– Mas filha, o que alguns dias poderão influenciar na sua condição diante daquilo que acredita e que chama de mundo espiritual. – retrucou desta vez a matrona.

– Ah, mamãe, se soubesse a humanidade como estes momentos diante da morte são importantes para que possamos compreendê-la, como espírito. Como são importantes não somente alguns dias, mas os minutos diante daqueles que amamos. Quantas lições e por consequência quanto alívio estes preciosos instantes podem proporcionar ao ser imortal que somos. Jamais admitiriam a eutanásia se soubessem.

Mas é lícito que o homem escolha o caminho que prefira trilhar, já que o livre-arbítrio lhe é concedido pelo Legislador Universal.

Penso, no entanto, que este tempinho que me resta pode ainda acrescentar em vocês, também, alguma semente de Luz. Agradecemos, paizinhos queridos, por esta oportunidade, ao Pai Celestial.

Alberto e Mara choravam, é verdade. Mas diante da habitual segurança com que Tamara abordava estas questões os dois se calaram e Thiago ficou, desta forma, muito irritado. Não se contendo, pois, e dirigindo-se à menina com muita ironia:

– Ora, menina, ouça seus pais. Não me parece tão inteligente quanto dizem. Acreditar que uma força superior te faz sofrer para te alguma forma te fazer melhor, beira a presunção.

É nisto que acredita, e eu sei bem, pois tenho uma teimosa desta lá em casa que é um fenômeno musical, pois compõe desde os cinco anos, com pouquíssima ajuda dos professores, que parecem na verdade aprender com ela. Já teve a oportunidade de reger grandes orquestras pelo mundo a fora, as mais tradicionais delas, mas o fez por pouco tempo. Apesar de muito inteligente e bela, tem também suas esquisitices, pois apesar de cega e com um câncer que teimosamente a visita de tempos em tempos, forçando-a a procedimentos cirúrgicos para retiradas destes tumores, maltratada injustamente pela vida, não pensa em outra coisa a não ser em ajudar crianças carentes no projeto que enfiou todo seu dinheiro ganho com sua fama. E ainda faz músicas para Deus.

Como a menina nada disse, apenas sorria tranquilamente o médico saiu, desculpando-se com os seus pais:

– Desculpem-me, afinal não é de minha conta. O que eu poderia fazer eu fiz. Agora é com vocês.

Quando ele estava perto da porta, a menina dirigiu-lhe algumas palavras, influenciada novamente por seu mentor espiritual:

– Dr. Thiago, diga a sua Flor-de-maracujá que somos imensamente gratos por sua visita e principalmente pela sua lição de humildade.

Thiago ficou a princípio espantado, mas pensou logo que a jovem devia ter lido sobre sua esposa num jornal e com sua inteligência juntou as coisas, dando sorte no que ele julgava apenas um jogo.

Quando terminou seu turno, já pelas dez da noite, pegou sua pick-up de luxo e dirigiu-se para sua casa. No caminho ia pensando, com muita revolta, que aqueles pais eram irresponsáveis, que se fosse com ele tudo seria diferente. Que era mesmo uma idiotice deixar a religião tomar um papel deste na sua vida. Em todos seus pensamentos era auxiliado e alimentado por seus antigos desafetos desencarnados que o seguiam e que conseguiam facilmente a aproximação, já que ele mesmo nunca mantinha o seu pensamento em coisas nobres.

Mas quando se aproximava de sua casa, onde Angélica sempre o aguardava e o recebia com muito carinho, embora cega e muitas vezes com dores, devido aos tumores que a acometia de tempos em tempos e que por isto tinha que se submeter a cirurgias para retirá-los, uma coisa muito interessante acontecia. Estes espíritos

que perseguiram Thiago, seus credores, não conseguiam ir além e ficavam muito contrariados, pelo fato que uma energia misteriosa os incomodava. Era uma barreira vibratória de energias sutis que cercava a casa deles e que se irradiava pelo quarteirão todo.

Chegando a sua casa foi contar a Angélica sobre este caso, depois de tomar um banho se sentar na sala onde sua Flor-de-Maracujá tocava uma linda música, acompanhadas por um lindo coral de espíritos de luz que a acompanhavam do mundo espiritual:

– Hoje eu cuidei de uma menina que está desenganada pela medicina e que não aceita a eutanásia por causa destas ideias espíritas que você também cultiva. Lembrei-me de você, naturalmente.

Fazendo uma pausa e olhando para Thiago como quem olha para uma criança, criança espiritual, Angélica sorriu e respondeu serena:

– É uma jovem muito especial esta. Está fazendo a escolha mais acertada, embora no momento seus pais não consigam enxergar. Ela reencarnou com eles, para através desta doença lhes ensinar alguma coisa sobre a humildade, sobre o fato de que não importa o dinheiro e o status social, você pode ainda sofrer e ter que aceitar seus limites.

– Como sofrer pode ser algo acertado, Minha-Flor? – Dizia Thiago já com a alma mais tranquila, pela paz proporcionada pela energia irradiada pela própria Angélica e por seus amigos que estavam constantemente com ela.

– Como sua vida de médico bem sucedido e muito respeitado, cheia de regalias, junto da esposa que o ama, tem tornado você uma pessoa melhor, Meu Lírio?

Depois de meditar por alguns segundos ele respondeu a sua Flor que aguardava com um sorriso:

– Bem, talvez seja isto. As pessoas não mudam. Elas nascem e morrem do mesmo jeito. Seria muita ingenuidade da divindade supor que pode ensinar alguma coisa às pessoas pela dor.

– Seria muita ingenuidade nossa inferir que podemos desdenhar da divindade sem consequências dolorosas para nós mesmos, querido. Deus é amor, e não tem pressa.

Thiago calava-se contrariado, sem perceber que a situação de Angélica ao seu lado era a mesma de Tamara ao lado de seus pais. Ela continuava tocando seu piano, resignada, feliz, aguardando e confiando na lei de ação e reação, pedindo a Deus força para cumprir ali seu papel.

A magia do amor

Depois de quase meia hora de música celeste, Angélica foi novamente interrompida por Thiago, que desta vez queria falar *sobre seus sonhos*.

– Tenho tido sonhos estranhos, minha flor de maracujá. Sonho que alguém que conheço, apesar de não me recordar de seu rosto, vem me visitar com muita raiva. Estamos sempre num lugar sinistro, longe daqui, com figuras horripilantes.

E então, estranhamente, não tenho forças para revidar. É como se eu fosse abalado por suas palavras. Mas é uma lembrança bem vaga. Na verdade mais um sentimento. É muito confuso, usamos geralmente roupas incomuns para nossa época e parece que ele pratica rituais estranhos, como se fosse um bruxo.

Será que preciso de uma psicanalista?

Angélica sorriu e depois de meditar um pouco respondeu com calma:

– Não seria nada demais, procurar um psicanalista. Estamos no Século XXII, meu formoso Lírio do Campo.

Mas penso que se você procurar se harmonizar mais com a Luz, sendo uma pessoa mais generosa e tolerante, usando suas habilidades para ser útil sem esperar nada em troca, você terá sonhos melhores. Pois estará vibrando numa dimensão de energias mais sutis.

– *Você está dizendo que sou um grosseirão, então, Minha flor?* – disse Thiago num tom de chantagem emocional, ao qual Angélica respondeu com firmeza, embora suas palavras saíssem impregnadas de amor.

– *E tenho a convicção que não ousará dizer que minto ou exagero, pois sabe que sei muito bem o que passa no seu coração. Pois ele está ligado ao meu por laços inquebrantáveis do amor, com raízes profundas, tão profundas que com certeza ali germinou num tempo longínquo demais para conseguirmos contar num dia. Tão profundas são estas raízes que me permitem amá-lo como você é, Meu Lírio.*

Mas este sentimento não me impede de enxergar que você que prefere hoje dar vazão aos seus defeitos, num cultivar ainda de uma rebeldia insana, pelo fato da vida não se desdobrar aos seus caprichos.

– *Você é uma pessoa doce até quando quer chamar atenção, Minha Flor. Mas o mundo não costuma tratar bem pessoas doces.*

E você sabe bem que meu objetivo como médico e cientista que sou é encontrar a cura para sua doença. Assim como cuidar muito bem de você e minorar ao máximo sua dor, seu sofrimento.

– *Ah, sou lhe muito grata. Acredito na sua boa vontade a este respeito, embora não veja eficácia no método. Falta neste antídoto que busca acrescentar o ingrediente do amor, Meu Lírio.*

A prática do amor, meta final do espírito, atrai pela lei do auxílio, amigos invisíveis que muito poderiam ajudá-lo nos seus projetos. Cientistas e médicos da Luz que não

podem auxiliar que não consiga ao menos sintonizar com eles pelo desinteresse pessoal.

Quanto a descobertas que envolvam a melhora da população, é preciso levar em conta o merecimento coletivo. Deus não joga dados, já disse um gênio do Século XX.

Faça uma prece fervorosa antes de dormir, Meu Lírio. Com palavras simples, de todo o seu espírito, em forma de gratidão por tudo. Lembre-se que muitos espíritos iluminados velam por você. Isto também ajudará.

O jovem médico dirigiu-se para seus aposentos, sem cogitar de fato fazer uma prece. Angélica por sua vez sentiu a necessidade de pedir ajuda aos amigos desencarnados que lhes eram simpáticos, para que protegessem Thiago nesta noite de sono. Algo lhe dizia que seria uma noite difícil.

Se por um lado Thiago era ainda muito arrogante, por outro o sofrimento parecia estar dando uma grande canseira nele. Isto o tornava mais permeável às lições de Angélica, ainda que ele não admitisse e nem mesmo percebesse.

Sem aceitar a dica que sua amada lhe ofertou Thiago adormeceu e logo começou a ter crises de consciência. Seu sono era algo perturbado e chegava a transpirar, apesar do ar condicionado de sua suíte.

Angélica, vendo sua aflição, apenas deitou ao seu lado, como que pressentindo que ele teria uma dose de medicamento amargo, mas que lhe seria muito eficaz.

Ela rapidamente adormeceu e deixou seu corpo físico, logo encontrando ali ao lado, o pai de Thiago, Paulo Sérgio, que estava acompanhado de dois amigos

orientais, vestindo os três uma túnica branca, lembrando os monges tibetanos.

Depois de cumprimenta-los, com muito carinho e simplicidade, Angélica disse:

– Peço a gentileza de cuidarem de Meu Formoso Lírio. Sabem que tenho alguns afazeres esta noite, e sei que serão extremamente cuidadosos. Que Jesus os fortaleçam.

– Somos gratos pela oportunidade de sermos úteis, Angélica. A você e a Deus, sem a permissão do qual nada acontece.

E os três despediram-se ao mesmo tempo de Angélica:

– Namastê!

– *Namastê, amigos.*

A jovem de alma iluminada saiu do quarto, rumo aos seus compromissos e os três ali ficaram, aguardando Thiago, que sonhava ainda, sem sair do corpo físico.

Depois que Marina desencarnou, Paulo Sérgio dedicou-se às suas aulas, mas direcionando suas pesquisas à física quântica e fazendo um paralelo com o conhecimento oriental, atraindo, desta forma, muitos amigos vinculados a esta parte do nosso mundo.

O amor que sentiu pela mãe de Thiago lhe preencheu nesta existência, como homem, e aprendeu muito com esta experiência tão peculiar. Sua meta agora era ser útil a família humana e usava também a meditação para disciplinar seus impulsos. Não repressão, mas educação era sua filosofia de vida.

Escreveu alguns livros e todos os lucros obtidos eram revertidos para uma obra assistencial que ele criou, com o auxílio dos amigos de Luz desencarnados e encarnados que eram voluntários, e que tinha o objetivo de desenvolver a paz interior de jovens carentes, que ainda eram muitos naquela época.

Tinham moradia e educação gratuita e de qualidade. Inclusive educação espiritual, com o auxílio imprescindível das artes. Assim como buscando desenvolver o amor-próprio destes jovens. Sentimento este do qual deriva o respeito por todos os outros seres. E quando em abundância, permite que se saia de si, procurando espalhar as benesses de se estar em paz e confiante no imensurável potencial do espírito humano.

Já disse o grande pensador austríaco Sigmund Freud que os sonhos são o inconsciente vindo à tona. E de acordo com a doutrina Espírita existem três tipos de sonhos, a saber: os fisiológicos, os psicológicos e os espirituais, que nada mais é, este último, do que o desdobramento do corpo físico, o deixar momentaneamente a veste carnal, este veículo de manifestação neste plano da vida, para que ele se recupere do seu desgaste natural imposto pelo dever de trabalhar para se viver.

Thiago saia agora de seu corpo físico, dirigindo-se com seu corpo espiritual para as regiões umbralinas que ele tanto conhecia. Seus três protetores se comunicando pelo olhar, apenas o acompanhavam. Sabiam que não poderiam interferir no seu livre-arbítrio e nas consequências do que ele plantou.

O rapaz seguia, como que para um encontro marcado, com uma angústia no semblante. Logo estava num plano

mais grosseiro do que o que fica justaposto ao nosso, plano de espíritos desencanados que suportam ali as consequências de seus desatinos morais. Mas que, não obstante isto, tem a presença de benfeitores abnegados que velam por seus entes queridos, seus amigos de existências pretéritas e até cúmplices de delinquências morais. Espíritos que souberam subir na sua condição espiritual, mas que não se esqueceram, e nem poderiam fazê-lo, dos companheiros de jornadas que ainda vagam na escuridão de sua ignorância. Lembrando ali pontinhos de luz em um vale de lágrimas.

Ali chegando Thiago defrontou-se com uma figura de vestes sombrias, assim como seu próprio olhar. Era Víctor, seu comparsa de outros tempos, que castigava um rapaz que desencarnara pelo suicídio indireto, através de um fatídico acidente de carro, onde estavam mais três jovens, duas moças de dezessete anos terrestres e outro rapaz que aparentava no máximo dezoito. Victor estava com outras figuras de dar medo que lhe faziam a segurança.

Quando o Chefe daquela gangue viu Thiago seus olhos brilharam e ele até soltou o rapaz que ele segurava pelo pescoço.

– Ora, ora, já não era sem tempo. Eu não aguentava mais espancar este estúpido rapaz para sentir um pouco de prazer, enquanto o prato principal não vinha.

Sua casa é muito protegida por forças que nem mesmo consigo enxergar. Evidenciado que até aquele que chamam de Todo Poderoso comete injustiças, pois que méritos tem uma criatura infame como você para ter algum tipo de proteção?

Mas dentro de você dorme todo o lixo que vivenciou por muitos séculos, sendo possível, como algum esforço,

é verdade, me conectar contigo e arrastá-lo até aqui, onde a justiça somos nós que fazemos.

Dizendo isto Victor apontou para seus comparsas, que riram debochadamente, deixando o medo estampado nos olhos de Thiago, que chegava a tremer.

– Você é uma vergonha, meu caro Thierry. – continuou aquele impiedoso espírito que por ali estava por mais de seiscentos anos desenvolvendo habilidades que alimentavam seu orgulho e ao mesmo tempo complicava sua condição perante a Lei de Ação e Reação.

Não posso crer que um antigo aliado meu tenha se tornado este espectro de homem. Esta criatura desprezível, que agora urina na calça por medo de retaliações.

Victor num gesto característico seu, objetivando mostrar superioridade, agarrou Thiago pelo pescoço, olhando fixamente em seus olhos, buscando enxergar o que mais lhe afligia, para poder usar isto contra ele.

Os três espíritos designados para cuidar de Thiago, ali estavam esperando o momento de agir. Sua condição espiritual mais elevada permitia que vissem tudo sem serem vistos, pois vibravam numa dimensão mais sutil.

Victor conseguia visualizar as projeções dos pensamentos de Thiago e usava isto para criar imagens que para o rapaz em desespero eram reais. Ele enxergava o medo de Thiago e usava este mesmo sentimento para dominá-lo.

Neste momento Paulo Sérgio e seus amigos fizeram com que fossem vistos. Como de costume, os três ao mesmo tempo com a sua saudação oriental:

– O deus que habita em nós saúda o Deus que habita em vocês!

Quando pronunciavam estas palavras evocavam uma força muito forte do universo, torando o ambiente mais claro, e mentalmente harmonizavam ainda mais com a luz. A suas auras tornava-se linda e expandia como se fizesse parte da atmosfera ambiente só que iluminada. Os três amigos estavam tão sintonizadas entre si que parecia que eram um só espírito.

As sentinelas de Victor ficaram atordoadas com aquela luminosidade com a qual não estavam acostumados, com se ficassem cegas. Já Victor, apesar do espanto, podia vê-los.

– Ah, eu deveria prever que alguém de vocês viria. Mas não pensem que irão conseguir sair daqui tão fácil. – e olhando para o lado deu-se conta que estava só. Não poderia contar com a ajuda dos seus.

Nisto teve uma crise de ira e moldou seu perísprito como se fosse um lobo muito feroz e de aspecto medonho. Suas presas eram assustadoras e isto para Thiago tinha a dimensão muito ampliada, pelo seu estado mental de perturbação. Ele rugia para cima de Thiago, mas seu pai e seus amigos interviram.

Como que gesticulando e estendendo as mãos na direção de Thiago, com sugando um material e fazendo com este uma bola de energia, eles a seguravam como que concentrando e projetando nesta bola de energia imagens retiradas do próprio íntimo de Thiago, lá do fundo de sua alma, imagens já adormecidas, de um tempo longínquo em que ele e Angélica serviam juntos os propósitos de Deus. Com a capacidade de concentração dos três, como se fossem um, juntos, eles pareciam atrair

do fluido cósmico mais energia, tanta que a bola ia ficando cada vez mais iluminada.

Eram imagens lindas de um tempo feliz, num continente submerso, de um povo guerreiro e que tinham atingido uma evolução espiritual maravilhosa, entendendo-se por evolução espiritual o conjunto de conhecimentos científicos e morais.

Ali Thiago foi feliz através da felicidade que espalhou, antes de comprometer-se com a Lei e deixar Angélica seguir adiante. Não sem cuidar dele mesmo à distância. Mas eram dos momentos felizes que Paulo e seus amigos precisavam agora.

E quando a bola atingia uma luminosidade fantástica eles a enderençaram a Thiago novamente, que a absorveu e pode ver toda aquelas imagens lindas, lembranças que faziam com que seu perísprito ficasse mais leve, mais suave. Victor já não conseguia mais segurá-lo.

Mas apesar de ficar surpreso, ele raciocinou rápido e usou a mesma tática para plasmar uma bola escura, de uma energia que transmitia um sentimento de culpa, de momentos que viveu junto com Thiago, no umbral, torturando espíritos menos prudentes e menos habilidosos na arte da defesa.

Thiago titubeou, é verdade, com estas novas imagens. Mas era evidente que as imagens do belo, no nobre, da luz, eram mais convincentes. Elas eram mais vivas na sua mente.

Victor, no entanto, vaidoso, que era, pensou que seria mais fácil agora. Seria apenas questão de insistir. Afinal, para ele todo espírito era mau na sua essência.

– Vocês acham que somente vocês têm seus truques, seus monges de meia pataca. Ele não vai aguentar, vai mostrar o que é de verdade. Basta uma faísca para acender a chama.

– E o que somos de verdade, meu querido Victor, senão filhos do amor? Somos filhos da luz envoltos temporariamente nas trevas para dissipá-la por nossos próprios esforços e desta forma merecer viver em paz.

Dizendo isto eles manipularam o fluido cósmico com o auxílio de suas palavras carregadas de sinceridade e amor e envolveram Victor numa cena emocionante. O verdugo cruel se viu num jardim maravilhoso, perto de uma linda cachoeira, onde brincava com sua mãe.

Era uma criança alegre numa época longínqua, em que a simplicidade ainda era sua companheira. Sua mãe trabalhava no campo ao mesmo tempo em que lhe dava grandes lições sobre viver com Deus. Sempre agradecia pela vida simples que tinham.

Seu pai os abandonou e sua mãe o criou com muito trabalho e muito amor. Trabalhavam na casa de bons Senhores e estes ajudavam a manter a jovem protegida. Mas durante uma guerra a propriedade foi invadida e quase todos mortos, menos ele e sua mãe, que foi violentada por vários soldados, enquanto o menino via aquela cena bárbara, escondido atrás de um armário de mantimentos.

Depois da destruição os soldados foram embora e mais tarde expulsos daquela cidade. Pouco a pouco tudo foi voltando ao normal, e a cidade reconstruída. A mãe do menino, resignada, conseguiu trabalhar numa escola e ainda ajudou muitas crianças. O rapaz, no entanto, virou um homem ambicioso e com muito ódio dentro de si. Não

pensou duas vezes em matar um senhor que lhe ofereceu emprego, fazendo parecer um acidente, para ficar com seu armazém. Com seu talento para os negócios logo estava rico, mas não media esforços para tirar quem quer que fosse que entrasse no seu caminho.

Sua mãe e ele iam ficando cada vez mais distantes espiritualmente. Um caminhava para luz, o outro para as trevas.

Assim que sua mãe desencarnou foi muito duro para ele, mas escolheu continuar sua busca pelo poder. Mesmo quando ele que estava desencarnado esta era sua meta. Nada fazia com que enxergasse dos lados. Somente enxergava poder e poder. Vingança, pagar na mesma moeda.

Às vezes se lembrava da resposta de sua mãe, quando dizia que não acreditava em Deus e que se ele existisse, era um ser muito cruel por permitir que as pessoas sofressem nas mãos dos poderosos. Que a lei que existia e que seguiria seria a do mais forte. A do mais esperto e sagaz.

– Tudo deve ter uma razão, filho. Devemos fazer desta busca nossa oração viva. Nossos esforços diários na busca de entender a vida que tem toda uma trama e seus porquês. Nem fanatismo e nem ateísmo. Nem pena de si e nem arrogância. Apenas vivendo e aprendo com a vida. Um dia de cada vez.

Tudo isto vinha à tona agora muito forte para ele. Como se tivesse vendo aquelas cenas acontecendo ao seu redor, como se fossem reais. Aquelas imagens tinham uma energia que o paralisavam, e ele não mais conseguia manter a forma de fera. Ia ajoelhando-se agora e sua

fisionomia ia mudando para o jovem rapaz de 18 anos que ainda ajudava sua mãe.

Ele ainda tinha as vestes do verdugo, mas estava mais dócil. Mãos nos olhos, chorava copiosamente, como que lutando contra si mesmo, não querendo ceder aqueles sentimentos nobres.

– Parem! Como estão fazendo isto? Não podem usar esta ilusão para me... para me... é um jogo muito sujo.

Nisto uma luz imensamente mais forte do que as dos três espíritos que ali duelavam com Victor apareceu, denotando a chegada de um espírito de escol, e sem que fosse possível ver seu rosto saiu uma voz:

– Não é um jogo, filho meu! Como poderia uma mãe subir sem levar consigo seu maior tesouro? Aquele que não cresceu talvez por excesso de cuidados meus. Como se um filho não fosse também uma planta que entre os cuidados dispensados está o de podar.

– Mãe, eu não mereço que venha até aqui, por mim mamãe. Não aumente minha dor.

– Ah, meu filho querido. E a dor de mil anos terrenos longe de ti, mesmo te vendo de longe, tentando cuidar de ti, resoluto aos meus conselhos? Como esperar mais? Como não abraçar minha criança que errou, mas que criança não erra, filho? Deus não nos fez adultos e não espera de nós o que não podemos dar. Apenas determina que aquilo que tirarmos de alguém, a este alguém teremos que devolver. Aquilo que fazemos de bom o ruim a alguém, que é alguém como nós, que tem mãe e filhos também, aquilo é para nós mesmos que fazemos, filho. Esta é a lei que ecoa universo afora.

Os três monges amigos ajoelharam-se, mãos juntas, reverenciando aquele anjo em forma de mulher que desceu às trevas para resgatar uma criança espiritual que se perdeu na confusão do que é ser grande. E agradecendo a Deus pela ajuda que recebiam.

O rapaz, que ainda chorava, agora estava como uma criança no colo da sua mãe, abraçados, e ele dormiria, passando depois por um longo processo de recuperação, numa colônia espiritual para a qual era sua mãe grande benemérita. Ah, o bem que fazemos em qualquer tempo ecoa pelo universo iluminando os nossos caminhos e daqueles a quem amamos.

Desapego é sinônimo de amar

Mais uma vez Thiago chegava do trabalho impressionado com as lições que a vida incansavelmente lhe oferecia diariamente.

Desta vez um senhor de noventa e seis anos com um tumor na cabeça chegou desmaiado, pois foi encontrado por vizinhos que tinham fácil acesso a sua casa. Mas logo que acordou estava sorrindo e feliz, o que para Thiago era algo muito estranho.

Sr. Durval era um homem simples que nasceu na pobreza, mas soube levar sua vida sem fazer mal a ninguém. Ganhou a vida na construção civil, começando como auxiliar e tornando-se mestre de obras.

Trazia uma bagagem espiritual considerável, embora, nesta existência, lhe fora negado às facilidades para se chegar à faculdade. Era um amante da literatura, apesar de ter estudado pouco. Compunha canções populares as quais colocava melodias através de uma viola e adorava falar sobre a natureza nestas canções.

Thiago não admitia, mas pessoas destemidas o impressionavam. E ele foi levar a notícia ao Sr. Durval pessoalmente:

– *Sr. Durval, é o senhor, não?*

– *Sim, desde pequenininho.* – respondeu o homem bem humorado.

– Pois bem, Sr. Durval, lamento informa-lhe, mas o seu caso é terminal, nada mais temos a fazer.

O senhor já passou por cinco cirurgias para retirada de tumores, todas bem sucedidas, mas é comum eles aparecerem em outros lugares. Sinto muito.

O homem, com brilho no olhar, cercado por amigos espirituais que o aguardavam como quem espera por um soldado que cumpriu sua missão, percebeu que a morte era algo que assombrava o médico, e respondeu com tranquilidade:

– Agradeço sua preocupação e seu escrúpulo em me dar esta notícia, Dr., mas não lamente. Não há o que lamentar.

Eu vivi oitenta e seis anos e não houve um dia pelo qual não agradecia a Deus. Fui muito feliz.

O médico fez algo que não era habitual, perguntou sobre a vida do seu paciente:

– O Sr. Foi casado, teve filhos? O que fazia da vida profissionalmente?

– Comecei a ganhar a vida como servente de pedreiro ajudando meu pai. Casei-me cedo. Mas logo minha primeira esposa se foi, acometida também por um câncer. Ela tinha vinte e três anos.

Ela me deixou dois filhos para criar que o fiz com a ajuda de minha mãe, pessoa de extremo valor.

Nesta época fiquei muito triste, apesar de saber que a morte é o que há de mais democrática no mundo. Ela e o tempo. São destituídos de preconceitos, se fazem presente na vida de todas as classes sociais e em todas as faixas etárias.

Mas eu tinha que continuar a viver, cuidar dos filhos. Não seria justo deixá-los, indefesos, e também não seria justo com minha mãe. Só me restava seguir em frente.

– O Sr. parece ter seguido em frente com certa satisfação, Sr. Durval. Não me parece uma pessoa triste.

– Já que iria seguir em frente, meu filho, melhor fazê-lo inteligentemente. Aproveitei tudo que podia aproveitar na vida. Eu me diverti muito, e errei muito também.

Perdi algumas oportunidades, agarrei outras. Teve um tempo que me dediquei à boemia, bebia muito. Sentava num boteco com alguns colegas e ali compúnhamos algumas canções. Dedilhava-as na minha velha amiga viola. Companheira que ainda me acompanha.

Ali briguei algumas vezes, quando via algumas injustiças, como uma senhora que era explorada pelo filho. Bati algumas vezes, outras apanhei. Ganhei e perdi, como é natural. Mas sempre vivi as consequências de minhas escolhas com dignidade. Diante do que me era possível escolher.

– O senhor nunca mais se casou?

– Oh, sim. Aos trinta e cinco anos conheci uma jovem que morava do lado de uma destes bares que eu frequentava. Eu viajava muito a trabalho. Tinha que ir onde tinha oportunidades.

Certo dia, o marido que bebia conosco entrou em casa e começou a espancá-la. O filho de seis anos chorava e pedia para ele parar. Não dava ouvidos.

Chamavam-na de Lola. Uma moça linda, loira de olhos azuis, corpo formoso, vinte e cinco anos.

Quando sai do bar, encontrei a vizinha dela, Marli, que estava no portão. Era boa pessoa, doida e por isto nos dávamos tão bem. Ficava inconformada com a situação de Lola, mas a mesma pedia para que ela não interviesse.

Ela me contou que Lola não tinha parentes vivos e por isto se submetia aquele tipo de vida. Seu marido era vendedor de alimentos e viajava muito cedo todos os dias. Às vezes ficava a semana toda fora. Foi aí que Marli teve uma ideia insólita:

“– Por que você não a leva para sua terra, Durval.”

Dizem que quem muito pensa não age. Então resolvi aceitar o convite à loucura de Marli. Pedi para a minha amiga doida que dissesse a Lola que se quisesse sair desta vida, que fizesse as malas e me esperasse no dia seguinte às oito horas da manhã. Eu a levaria comigo.

– Que história, Sr. Durval! Que loucura! Aposto que não durou seis meses esta relação.

– Engano seu, Doutor. Ela me respeitou e cuidou de mim pela vida toda. Assim como eu cuidei dela também, cuidei do seu filho.

Minha querida companheira Lola faleceu aos oitenta anos, depois de ter um AVC e ficar de cama por seis meses, com paralisia lateral e sem conseguir falar.

Num manhã ensolarada ela simplesmente não acordou. Eu fui até ela para levar seu café, como de costume. Eu já aposentado me dedicava a cuidar dela ainda mais neste momento que ela estava com estas dificuldades.

Neste momento o valoroso homem deixou escorrer algumas lágrimas, denotando assim sua saudade pela

companheira de uma vida. E ao mesmo tempo sua narração fazia Thiago pensar na sua amada Angélica, cujo câncer estava cada vez mais agressivo. Ele teve medo do inevitável.

– Imagino que o Sr. sinta muita saudade de sua esposa.

Neste momento Lola adentra o recinto e cumprimenta o mentor espiritual de Sr. Durval, que corresponde elegantemente. Ela estava irradiando uma luz maravilhosa, que fazia o ambiente tornar-se ainda mais agradável.

Juntos, o mentor do mestre de obras e Lola, concentraram-se irradiando uma energia ainda mais luminosa, influenciando Sr. Durval para que este passasse uma boa mensagem ao médico.

– Sim, sim. Sinto saudade da mulher que apoiou todas minhas decisões, mesmo não entendendo algumas. Mesmo não concordando algumas vezes comigo, ela sempre me respeitou e disse que eu deveria analisar e se achar que seria viável, deveria buscar. Ao menos sairia mais experiente.

Ela me falava sobre sua resignação. Lia muito, mas muito mesmo sobre a imortalidade da alma. Acreditava que tudo deveria ter uma razão, inclusive a dor. Era fantástico ouvir aquela voz macia que nunca se impunha falar sobre coisas tão grandiosas para o ser. Coisa que o vulgo não cogita na mocidade e muitas vezes nem mesmo a beira da morte.

Lola era, no entanto uma jovem diferenciada, que soube bem sofrer, embora não fosse fanática e não buscasse o sofrimento. Pelo contrário, quando juntos e

que a vida dela já estava melhor, foi feliz conosco, sua família, aproveitando e nos ensinando a aproveitar os momentos mais singelos.

Ela também soube dedicar parte do seu tempo àqueles que precisavam mais de atenção e cuidados materiais, principalmente às crianças desamparadas pela sociedade, mas não esquecidas por Deus, como ela mesma gostava de dizer.

Formou-se aos trinta e cinco anos técnica em enfermagem e foi se dedicar esta causa com muito carinho. Levava mais que cuidados de enfermagem puramente científica. Levava amor. E recebia amor por esta razão. Era uma pessoa protegida por esta força fantástica.

Depois fui saber, estudando a doutrina Espírita, que somos auxiliados por aqueles que ajudamos pelas existências afora e que estes não nos esquecem, nos acompanhando quando possível em nossas jornadas mais difíceis. Lola tinha por esta razão uma companhia espiritual maravilhosa.

Isto era visível na sua paz interior que transparecia na sua face serena. Eu nunca a vi reclamar de nada que acontecia na sua vida. E muita coisa difícil lhe aconteceu, naturalmente. Ela dizia que era o que acontecia na vida de todo mundo.

Minha querida companheira nos momentos mais dolorosos gostava de filosofar sorrindo: "A dor não privilegia ninguém, meu querido Dudu. Pois a dor é instrumento pedagógico da vida e esta não exclui ninguém da oportunidade de aprendizado".

Aprendi com ela, Doutor, uma pessoa simples, que a morte não pode separar duas almas que se amam. Aprendi que o amor é algo maior do que supomos e está além do sexo. E que este é apenas uma de suas expressões.

Mas aprendi também, inesquecível e talvez última lição que consegui assimilar com seus exemplos, que amar é também saber renunciar no momento certo. Penso que o excesso pode aprisionar aqueles a quem amamos ao sofrimento. E por isto acho que devo continuar minha vida com tranquilidade e esperar meu momento. O momento que tenho toda convicção nos proporcionará o reencontro tão esperado para que possamos seguir juntos pela vida imortal.

O médico, segurando a emoção, ficou pensando por alguns segundos e como que não querendo entender o recado que a espiritualidade lhe dava através daquele homem simples, mas de grande bagagem, respondeu secamente e retirou-se:

– Queria muito ter a sua convicção sobre a imortalidade da alma, Sr. Durval. Queria mesmo.

Capítulo XVIII

Última conversa

Depois de exatos dez anos Thiago, já muito debilitado pela doença, mas continuava diagnosticando com a ajuda de médicos auxiliares, pois já precisava de uma cadeira de rodas e falava com muita dificuldade por um tubo que transmitia sua voz.

Embora extremamente competentes estes médicos que o auxiliavam, eram jovens e pela referência que era o médico Thiago, queriam trabalhar com ele com muito prazer. Sabiam que apesar do jeito rustico e frio do renomado médico, poderiam aprender muito com ele.

O mau humor de Thiago só aumentava com o agravamento da doença. Por outro lado tinha menos força para ser grosseiro. Ele ainda sonhava com dia que encontraria a cura do câncer. Mesmo que sua Angélica não se importasse com nada disto. O que ela mais queria é que ele encontrasse a cura para sua alma.

Ah, ele a encontraria. A cura da alma sempre chega. É sempre uma questão de tempo. Normalmente através de muitas reencarnações passando por determinadas lições até fixa-las na alma. Mas ela vem nos liberar da ignorância de acreditar que tudo sabemos.

Depois de muito tempo Thiago resolveu visitar eu pai. Até então eles só se falavam por telefone ou quando Paulo Sérgio o visitava.

O apaixonado professor de física quântica, autor de vários livros desta ciência, que sempre buscou mostrar

que é o mesmo Deus que criou céus e átomos, que é o mesmo Deus que permite a diversidade como forma de respeitar suas criaturas, que dá a cada um segundo suas obras, estava agora com x anos, cabelos já grisalhos, mas olhos muito brilhantes, mostrando como estava ativa sua alma.

Seu espírito estava sereno, resignado e com muita força. Ele tinha seus afazeres profissionais, mas não abria mão de fazer seus trabalhos voluntários sem alarde. Quando sentia saudade de sua esposa, quando sentia aquela dor que nos penetra como um golpe de faca e que chamamos de solidão, ele sabia que era hora de visitar uns enfermos na santa casa, dar uns banhos neles e emprestar seus ouvidos. Saía de lá renovado.

Thiago por outro lado parecia já um pouco cansado de brigar com a vida, com as leis naturais. Ele meditou sobre este momento por todos estes dez anos. Mas a coragem para fazer o que sabia que era certo demorou um pouco, mas chegou.

Ele chegou ao apartamento de Paulo Sérgio acompanhado por Angélica, sempre elegante e sorrindo, apesar de cega e já sem cabelos por causa da quimioterapia, na sua cadeira de rodas automatizada e encontrou seu pai sentado na sala, olhando para o quadro de sua mãe, olhos marejados, mas como a porta estava aberta ele foi entrando e se dirigindo a Paulo Sérgio:

– O Senhor gostou muito dela, não é mesmo pai? Foi umas das histórias de amor mais lindas que já ouvi falar entre um homem e uma mulher.

Os olhos daquele valente, não obstante sensível homem, tornaram-se agora como cachoeira pela emoção de ouvir depois de tanto tempo aquele homem que era

fruto de seu amor por uma valorosa ex-comerciante do sexo, chamar-lhe de pai.

Pela primeira vez Thiago também chorou de emoção. Aquele sonho que teve onde Paulo Sérgio o ajudou a se safar de seus inimigos não saía de sua mente.

Ele não sabia como, não era habitual para ele, mas sentia por seu pai uma gratidão tremenda. E então os dois se abraçaram numa cena maravilhosa. Os amigos espirituais deles estavam todos ali. Marina, sua mãe e Jonas e outros. Todos de mãos dadas agradecendo a Deus por aquele momento tão importante na jornada destes espíritos que por muito tempo foram amigos e que agora voltaria a sê-lo.

– Perdoe-me, pai. Sei que teve que trabalhar muito para cuidar de mim. Sei também que tudo que fez na vida depois que a mamãe morreu foi tentar fazer de mim uma pessoa descente. Embora não tenha certeza de seu êxito neste último item, pai.

– Ah, Thiago, eu poderia desencarnar agora com muita paz por ter tido esta e muitas outras alegrias nesta existência. Mas esta eu confesso que já não acreditava que alcançaria, meu filho.

Tenho a convicção que todas as situações que passamos de grande vulto na jornada terrestre e que influem na nossa evolução são por razões de provas para nosso crescimento ou de expiações de nossos erros do passado. Logo, sempre tive a certeza que esta sua aversão por mim não tinha outra explicação senão ter eu feito algo muito grave a você em algum momento de nossos encontros pretéritos.

Eu é que lhe peço perdão mais uma vez e lhe agradeço por me dar esta alegria. Sei que ainda teremos muitos momentos felizes. E sinto que já somos desde muito bons amigos.

Os dois abraçaram-se mais uma vez e Angélica não pode deixar de emocionar-se também.

Liberte-a, Thierry

Angélica já não tinha mais forças físicas para continuar encarnada. Mantinha-se ali com a permissão da Luz, pelo imenso amor que sentia por Thierry. Já devia ter desencarnado há dez anos, mas conseguiu todo este tempo de aditamento de seu contrato de vida graças a seus altos méritos.

Mas seu Lírio continuava reticente às lições que a vida lhe dava. E numa noite de sono a Espiritualidade Superior, realmente digna deste nome, levou Thierry para uma conversa na beira do mar daquela cidade fantástica. Dois espíritos de extensa envergadura moral o acompanharam, enquanto outro tomava conta de Angélica, depois de lhe aplicar um passe magnético, para que ela apenas relaxasse e não saísse do corpo.

Tamanha era a luz dos espíritos aos quais foi dada esta missão que um grupinho de trabalhadores do Cristo, que assistiam os encarnados e que se encontravam perto do mar neste momento, sentiram uma energia muito forte, uma paz intensa, mas não podiam ver tais espíritos. Então o mentor deles explicou:

– Esta energia e esta paz que vocês sentiram e que os impressionaram, não nos parece ser de espíritos que têm ocupações como as nossas. Mas de um alto grau de evolução moral, cuja luz permite que eles passem sem ser vistos e que só aparecem por aqui em missões muito raras.

É interessante notar que todos são auxiliados segundo o merecimento próprio. Visitas até mesmo de outros mundos podem nos acontecer quando exista a necessidade e o merecimento.

Todos estavam de fato impressionados. Mas eles passaram por ali numa velocidade muito grande elevavam com eles o nosso amigo Thierry.

Chegando no lugar escolhido, uma casinha simples perto dali, de pessoas que ganhavam a vida através do comércio beira mar, uma jovem de trinta e cinco anos, com seus dois filhos e esposo aguardavam junto aos mentores espíritos daquele lar, para receber aqueles iluminados espíritos.

Em cima da mesa da sala um exemplar do evangelho mostrava que ali vivia uma família preocupada com os valores morais. Nas paredes mensagens de espíritos missionários do mais alto grau que pela Terra passaram, impressas em papel sulfite, e deixaram sua contribuição para a iluminação da humanidade, como Francisco de Assis, Chico Xavier, Madre Teresa, Gandhi, entre muitos outros.

A luz que eles emitiam causava reverências, mas eles, naquele local tornavam-se mais visíveis, por assim dizer, humanizavam-se quanto à forma, para que não houvesse muito constrangimento. Mas ao mesmo tempo esta luz era necessária para validar o que vieram fazer.

Os espíritos mentores da casa e aquela família de encarnados que ali habitavam, mas que neste momento estava fora do corpo físico, pelo desligamento do sono, dirigiram aos Espíritos iluminados de nome não conhecido entre nós, com muita simplicidade, agradecendo pela

visita e pelos benefícios que esta causava. Mas na simplicidade de sua elevação, eles é que se diziam gratos:

– Que Jesus continue os abençoando e que vocês continuem conscientes da importância do grão de areia na constituição de uma montanha. Vossas atitudes singelas de permitir que aqui neste lar seja um posto de socorro da Luz para os necessitados deste orbe, através do evangelho no lar e de atitudes retas no dia a dia são como pontos de luz nas trevas. São como o trabalho da chamada Cruz Vermelha nas guerras devastadoras que se não podem amparar a todos, para aqueles foram amparados representam motivo muitas vezes de resignação e gratidão ao Pai Celestial. – Disse um dos espíritos que acompanhavam Thierry.

Nenhum dos espíritos aos quais foram dirigidas estas palavras conseguiu articular uma resposta, mas com lágrimas nos olhos, seguiram para a copa, para os deixarem à vontade. Thierry dormia como uma criança e quando acordado assustou-se, mas logo estava recomposto, pois o ambiente estava extremamente sereno. A paz reinava ali em absoluto e não havia motivos para pânico.

Não era o que diziam, mas o que eram, a luz que emitiam que passava a segurança a Thierry de que nada lhe aconteceria de mal.

– Muito bem, meu amigo Thierry – iniciou um deles – precisamos muito de sua atenção e agradecemos a Jesus por nos permitir estar aqui neste mundo onde ele é a luz que vos guia para um amanhã melhor. É o leme de vossa evolução. Somos gratos a você também.

Somos agraciados muitas vezes com a luz que nos protege e por estarmos focados em nosso egoísmo não

podemos enxergar esta luz, que nos é apresentada aos poucos para não nos cegar. A luz que nos impede, não obstante nosso livre-arbítrio, de caminharmos rumo ao abismo.

Toda luz, no entanto, para chegar até nós precisa também de um veículo. E no seu caso este veículo é Angélica, uma lâmpada que soube fazer brilhar sua própria luz, despertar o que tinha de melhor no espírito, centelha divina e, portanto, detentor de coisas não menos que magníficas, mas que insistimos muitas vezes em ofuscar com nossas atitudes insanas, imediatistas, como que se a fonte da vida e da inteligência não fosse suficientemente brilhante para nos dar o tempo certo para tudo.

Mas enfim, voltando especificamente a Angélica, é forçoso lembrar que este instrumento da luz também precisa de manutenção e cuidados. Precisa de descanso que é oferecido a todos, pois diz uma sabedoria de seu mundo que o sol brilha para todos, e Jesus deixou lição preciosa a respeito quando caminhou por este plano, nas sagradas escrituras, em cap. Vers., dizendo que Deus fazer o sol nascer para os bons e maus, faz chover sobre justos e injustos. Mas é necessário ainda continuar a sabedoria popular que diz que a sombra é para quem merece.

Você teve a Luz ao seu hoje e num passado distante, no qual não foi capaz de valorizá-la. Mas quem de nós não errou? Quem de nós poderia culpa-lo, Thierry? 4

Os seus desatinos, no entanto, criaram um abismo entre vocês dois, espíritos que vieram juntos por muitas e muitas existências, como esposos e irmãos, que não foi possível a você encontrá-la como espírito por um período

de mais de quatro mil anos, pois a última vez foi na perdida e lendária Atlântida.

Enquanto este espírito admoestava Thierry, o outro lhe dirigia através das mãos, principalmente, mas de todos seu ser, inclusive do coração, uma energia fantástica, que permitia também que Thierry acessasse seu arquivo de memória desta última existência e também de quando esteve junto com angélica no plano espiritual planejando esta última existência.

– Angélica durante todo este tempo trabalhou para que nesta oportunidade ela pudesse estar contigo, com o objetivo de lhe aproximar novamente da luz. E para isto dedicou as artes, a música, fez amigos e muitos deles hoje sentem a falta dela.

É da lei que o verdadeiro amor não fique restrito a dois seres que supostamente se amam. Mas este sentimento é algo maior, e crescendo para o amor no seu sentido real, Angélica assumiu novas responsabilidades dos quais se apartou ainda que momentaneamente e ainda que com a permissão de seus superiores, para lhe ajudar a enxergar aquilo que os primitivos sabem. Aquilo que o caboclo sabe, que os mais simples camponeses sabem: Que Deus é todo amor, Thierry e que se passamos pela dor é porque ele fez de nossos erros uma oportunidade para que nós mesmos resgatássemos estes erros. Para que pudéssemos crescer através de nossos próprios esforços.

Devido ao merecimento de Angélica ela aqui está dez anos a mais do que o planejado inicialmente, numa moratória em nome do amor. Mas hoje os compromissos de Angélica a chamam de volta ao seu mundo. E preciso ser firme ao dizer que ela está aqui num corpo físico

totalmente debilitado, no mais alto grau da dor física para tentar num último esforço auxiliá-lo.

Thierry recordou-se então de todos os dias que viu sua amada sofrendo e que teve medo de perdê-la. Um medo que ele agora entendia egoísta. Um medo que mais uma vez visava ele em detrimento do espírito amado. Thierry chorava um choro abençoado, embora copioso.

E o espírito continuou, aproveitando aquele momento de sensibilidade de Thierry:

– Temos autoridade suficiente para tirarmos Angélica do corpo físico ainda hoje, meu amigo. Mas gostaríamos muito, pois seria mais frutífero, que você a libertasse. O que tiver que fazer, faremos. Mas minorar a dor de nossa irmã e permitir que ela parta em paz depende de você. Esta é sem suas mãos.

Dizendo isto os iluminados espíritos despediram-se dos amigos da casa e num piscar de olhos colocavam Thiago novamente em sua cama.

Alguns segundos depois ele acorda com Angélica gemendo de dor. A dor era tamanha que ela vomitava.

Thiago a levou para o hospital que trabalhava e um de seus companheiros, Edson é quem cuidava de Angélica.

– Sinto muito, Thiago. Mas é chegado o momento da despedida, não há o que fazer. O remédio para dor vai fazer efeito por alguns minutos. Penso que será sua última oportunidade de conversar com Angélica. Sei que é o que ela espera de você.

Angélica era um espírito resignado, mas estava naturalmente triste por saber que partiria e pouco

progresso tinha visto no seu companheiro de muitas vidas. Thiago, no entanto, a surpreenderia.

Entrou no quarto de Angélica, que pegou em sua mão e perguntou-lhe o que o médico disse. Thiago demorou a responder, e Angélica, embora muito debilitada, quase sem conseguir falar, tentou consolá-lo:

– Oh, meu Lírio. Sabe que Dr. Edson é um amigo, mas que há muito vem tentando assinar meu atestado de óbito. Não se preocupe com isto...

– Não, Minha flor. Você não tem mais que cuidar de mim, que se preocupar com a falta imensa que vou sentir de você. Sei que estará sempre ao meu lado.

Angélica espantou-se com a nova postura de Thiago, mas percebia que algo tinha mudado lá no seu íntimo. E isto a deixava feliz. Thiago, que não se lembrava claramente do sonho, mas que entendeu a mensagem, continuou com lágrimas mas também com firmeza:

– É chegada a hora, meu amor. A hora de talvez fazer a que será a primeira coisa digna nesta vida, deixar-te ir em paz. Mas como você sempre me disse, e como você nunca mentiu para mim, acredito mesmo que vamos nos reencontrar logo. Pois a única coisa boa que tenho dentro de mim por muito tempo é este amor por você.

– Ah, meu Lírio, não sabe como suas palavras são melodias para meu ouvido. Não sabe com valeu cada segundo de dor para ouvir estas palavras e presenciar este momento.

As palavras não poderiam mais traduzir a grandeza e a luminosidade daquele momento. Estes dois espíritos abraçaram-se de forma admirável. Os espíritos que ali estavam garantiam a segurança contra a invasão de

espíritos vampirizadores. Aguardavam o momento final, que não tardaria, para levarem Angélica de volta ao seu mundo, depois de cuidarem do corpo, retirando devidamente o resto de fluidos vitais.

Paulo Sérgio foi avisado por Thiago que Angélica desencarnara e em questão de meia hora estava junto de seu filho, para juntos providenciarem o velório. Depois de algumas horas angélica já assistia o próprio velório, já refeita da perturbação quase que por completo, com seu corpo espiritual com sua aparência jovial, como antes de reencarnar.

Thiago estava na cadeira de rodas perto do caixão e seu pai ficava ao seu lado. Estava, apesar de triste pela desencarnação de sua esposa, sereno. Chorava de forma reflexiva e não desesperada.

Pensava que podia ter aproveitado mais o tempo. Ao invés da sua obsessão pela descoberta da cura do câncer poderia ter ficado mais ao lado de sua esposa amada. Mas vivia trancado no laboratório. Não tinha ânimo para uma jantar num bom restaurante, embora tivesse recursos.

Poderia e deveria ter curtido mais os momentos ao lado de angélica. E a ideia da reencarnação agora lhe soava extremamente agradável. Lembrava-se vagamente do sonho que teve, mas estava tudo muito confuso na sua mente. A não ser o fato de que reencontraria Angélica no mundo espiritual.

Thiago percebia agora com muito pesar que a morte tão temida por ele não foi a pior coisa que podia acontecer. O sofrimento de Angélica para ficar ao seu lado foi algo muito mais terrível. Aquilo o massacrava. Como pode ser tão insensível? Tão egoísta?

Ele se dava conta agora que lutou em vão contra a única certeza da vida, que é a morte. Lutou insanamente, perdendo os momentos valiosíssimos ao lado de sua amada. Perdendo a oportunidade de ser útil e ser feliz. De, sendo um espírito melhor, fazer Angélica mais feliz.

Percebia agora que a vida lhe dera uma grande chance que desperdiçou na sua maior parte com murmúrios e revoltas vãs, pois nada puderam alterar o curso das coisas.

Por outro lado aquelas reflexões o faziam vibrar numa sintonia diferente. Pela primeira vez em muito tempo seus pensamentos eram algo nobre. Era uma verdadeira prece.

Depois de muitas lágrimas, mas de muita alegria, pois tinha motivos para isto, Angélica foi avisada por seus amigos espirituais que tinham que partir. No que aquiesceu, não sem antes agradecer pelo corpo que lhe serviu de instrumento, de beijar o solo deste planeta e de elevar a Jesus seus pensamentos, agradecendo pela oportunidade. E como uma estrela cadente extremamente brilhante que fazia o prodígio de retroceder seu curso natural, ascenderam para Júpiter abraçados, como se fossem um só ser.

Um dia em uma noite

Thiago passou mais dez anos trabalhando como médico e agindo com mais dignidade. Continuava sério, no entanto, um ser humano mais generoso. Agia mais no diagnóstico e com sua mente brilhante, agora mais inspirada pela luz, ainda conseguiu ajudar muita gente.

Não desistiu das pesquisas, mas conseguia enxergar que se não encontrasse a cura do câncer, pode pelo caminho encontrar a cura de outras doenças e ajudar outros doentes.

Sentia muita dor devido ao estágio avançado de sua doença. Mas não se queixava e almoçava sempre que podia com seu pai. Eram novamente bons amigos.

Deitado numa cama de hospital, com a sua doença em estado muito avançado, o médico de Thiago conversava com a enfermeira sobre o paciente, que não mais o ouvia. Já estava em estado de sonolência, como que sonhando com umas das conversas que teve com sua amada Angélica:

"– A senhora disse-me certa vez que existem vidas em outros planetas e que à noite, durante o sono, é possível, embora muito raro ainda para nós, visitar estes mundos. Lembra-se disto?"

– Sim, como também me lembro de que ainda há pouco o senhor me serviu uma reconfortante canja, muito saborosa. É muito nítido este dia em minha memória.

– Então qualquer dia poderemos fazer uma visita a um destes mundos, o que acha? A senhora me levaria?

Depois de meditar alguns segundos, como se estivesse em prece, angélica respondeu:

– Talvez um dia, meu Lírio. Se Deus assim o permitir.”

Estas palavras ecoavam na mente de Thiago, como que entrando num sono suave, quando de repente ele vê ao seu lado, estendendo a mão para ele sua doce Angélica, sua Flor-de-Maracujá:

– Venha, Meu Lírio. O Criador o permitiu e este dia será nesta noite de magnífica beleza, quando apreciada da Terra. Enquanto seu corpo físico descansa, visitaremos o planeta ao qual hoje pertença.

E Thiago podia ver seu corpo adormecido naquela cama de hospital enquanto seus espíritos flutuavam de mãos dadas, numa sensação maravilhosa de liberdade, direcionando-se para o espaço. Em fração de segundos podiam ver-se mergulhados na atmosfera terrestre, abandonando nosso planeta, vendo as casas e edifícios já pequeninos.

– Para onde vamos, minha flor?

– Para Júpiter, meu Lírio. Lá é minha atual morada. Aqui ainda estou, com a permissão de Jesus e dos mentores de nosso mundo, apenas pelo amor que sinto por seu espírito. Mas por uma curta temporada.

– Pensei que tivesse me abandonado. Que não a veria mais.

– A morte física é apenas um mudar de plano. É o final de uma lição entre inúmeras que precisamos passar na escola universal. Mas o amor, ah, o amor. Este não

conhece distâncias e nem outro tipo de barreira. Ele é suave como a brisa, mas intenso como uma descarga elétrica que percorre a imensidão para iluminar diversos e distantes pontos.

É o tocar a Deus através do próximo. É a manifestação do Supremo em nós. É gigante e indefinível, com a música bela. Podemos senti-la, sem que consigamos conceituá-la.

– Minha Flor, Minha Flor! O que é isto que agora ouvimos? E parece que ouvimos com todo nosso ser e não somente com o ouvido. Estou extasiado.

– É a harmonia do mundo que habito, meu Lírio. Todo mundo tem sua própria harmonia, sua melodia, se quiser, mas nem todos os seres estão com seus sentidos desenvolvidos para ouvi-la.

Agora, fora do corpo físico, temos mais faculdades do que quando junto ao corpo físico. Aliás, o espírito ouve e vê com a totalidade de seu ser, podendo ver até mesmo em trezentos e sessenta graus. Não precisa que a luz ou o som venha até ele, mas consegue irradiar, dependendo do seu grau de evolução, até aquilo que deseja ver ou ouvir.

– A música deste lugar é maravilhosa, minha flor. É maravilhosa.

Neste momento, eles já estavam dentro do planeta Júpiter, um lugar de majestosa beleza, de uma matéria extremamente sutil, de construções magníficas que pareciam edificadas no ar, que aparentavam flutuar no ambiente. Seus habitantes pareciam deslizar pelo chão numa velocidade espantosa para nós.

Num jardim onde se reuniam inúmeros músicos, onde até as plantas e o vento pareciam emitir notas

harmoniosas, fluía uma música de uma sensação calmante, sublime, que se juntavam num unísono, direcionando-se para fora do planeta.

– Para onde vão estas músicas, minha flor de maracujá? Parecem ser enviadas com endereço determinado.

E dizendo isto, Angélica colou uma de suas mãos na cabeça de Thiago, emitindo uma energia de coloração azul celeste, ampliando desta forma sua visão:

– Sim, sim, meu Lírio do campo. Elas são enviadas para os lugares mais sombrios da Terra, onde a ignorância ainda faz morada. Para os lugares de guerras, de misérias humanas. Para as regiões umbralinas, onde os desencarnados nem se deram conta de sua condição. Onde aqueles que já sabem que vivem depois da morte continuam na busca de poder e prazeres insanos.

São pequenos bálsamos para as feridas de nossos irmãos terrestres. Ah, se eles soubessem do poder da verdadeira música, desta filha de Deus, que nós músicos apenas captamos e devolvemos ao universo, por não nos pertencer, ainda que a devolvamos deformada pela nossa imperfeição. A música é a mensageira da harmonia. Ela a leva, mas muitas vezes não conseguimos percebê-la, por estarmos com nossos sentidos entorpecidos pela ambição desmedida. Pela nossa falta de compreensão da grandeza e ao mesmo tempo da simplicidade do Pai Celestial, que jamais, em momento algum nos desampara.

Thiago podia agora visualizar o conjunto do sofrimento humano. O tamanho da sua ignorância. A fragilidade dos que se julgavam fortes. A resignação dos ditos pequenos pelo mundo. Mas também podia ver que inúmeros e abnegados servidores da Luz em todos os

graus de evolução davam sua contribuição incessante para minorar este sofrimento. Quanto mais evoluídos, mais sensibilidade e mais lágrimas no rosto por perceberem que muitos não se permitiam esta ajuda. Muitos se fechavam para a luz que não privilegia, que busca iluminar a todos, por todos serem filhos do mesmo pai. Mas estes trabalhadores do bem, muito embora sentido dificuldades e até rejeição, eram incansáveis.

Neste momento Thiago deixava escorrer algumas lágrimas de seus olhos. Ele começava a despertar novamente para a grandeza do Criador e do seu amor imensurável impresso na criação. Imensurável pelo fato de que a obra da criação desdobra-se pelo espaço universal infinito sem que seja possível encontrar barreiras.

– Mas então, minha flor de maracujá, não é ilusão...

– Ah, Meu Formoso Lírio do Campo. Será mesmo possível que entre bilhões de estrelas no espaço seja o sol que ilumina a Terra o único felizado por poder com seus raios proporcionar condições de vida? E não há ainda seres que são capazes de viver mesmo onde os raios deste maravilhoso astro não consegue penetrar, ainda neste azulado e maravilhoso planeta que pelas suas características mais justamente seria se chamado de Água? A ciência deste mundo tendo sido obrigada a reformular seus conceitos de tempos em tempos?

Sim, sim, meu Lírio. Os habitantes dos mundos superiores velam por seus irmãos de habitações menos evoluídas, desde sempre, pois esta é a lei.

– E por que somente agora, depois de tanto tempo Deus nos permitiu esta alegria, Minha Flor-de-Maracujá?

– É um bônus pelos nossos esforços, de todos nós, seus, meus e de nossos amigos que nos ajudaram nesta existência. Pois todos aqueles pacientes que lhe ensinaram alguma lição a respeito da resignação não o fizeram por acaso, já que este nem mesmo existe. São amigos de outras vidas que aceitaram passar pelo que tinham que passar, já que estamos todos longe da perfeição, e ao mesmo tempo ajudar um velho e turrão amigo a se reencontrar com Deus.

Ah, Meu Lírio, se a humanidade terrestre soubesse como dependemos uns dos outros, como estamos ligados por laços invisíveis da simpatia e antipatia. Como somos amparados pela espiritualidade que prepara nossa programação reencarnatória e nos socorre quando estamos para sucumbir diante das provas que tenhamos que passar.

– Agora eu sei, Minha flor, que se eu tivesse sido mais resignado, isto teria minorado sua dor enquanto comigo nesta última jornada. Pois sofreu para ficar o maior tempo possível naquele corpo no intuito de me fazer entender que as lições que temos que passar vamos passar de qualquer maneira. Mas quanto mais revolta, mais dor. Eu devia ter te libertado logo!

Angélica não deu continuidade a este raciocínio para não entristecer Thiago. Ela simplesmente o aconchegou ao seu peito e o deixou ali por alguns minutos.

A música que Thiago sentia agora era tão sublime que se confundia com a verdadeira prece. Ele estava admirado, extático, naquele mundo cheio de belezas tão superiores as que já conseguimos admirar na Terra, onde tudo, até as plantas balançadas pelo vento e até mesmo o próprio vento, emitiam uma melodia que embelezava

ainda mais aquele lugar. Num lugar que não havia misérias, não havia dores. Onde todos se amavam e sentiam prazer em praticar o bem, vivendo somente para o belo, para o nobre. Onde o amor era tão abundante que não podiam limitá-lo ao mundo em que viviam, mas, como se esta nobre energia transbordasse, de muitas formas eles o emitiam aos mundos menos felizes.

A sublimidade da música de caráter celestial o entorpecera de tal modo que o brilhante médico dos corpos físicos na Terra adormecera nos braços de sua amada Angélica. Sua flor de Maracujá, a mais bela dos jardins terrestres, com ele mesmo gostava de chamá-la. Como uma criança adentrando um lindo sonho, ele apenas sorria.

Com extrema humildade, Angélica o entregava mais uma vez aos cuidados de amigos queridos. Já de volta à colônia espiritual da Terra, a qual eram ligados Paulo Sérgio, Marina, sua mãe, Jonas e o próprio Thiago, Angélica, depois de alguns afagos em seu rosto, de deixar também escorrer algumas lágrimas de seu rosto, entregou o rapaz a Paulo Sérgio, e aos seus amigos citados que ali o esperavam, entre inúmeros outros deste plano que também contribuíram muito para que o projeto de vida de Thiago acontecesse da melhor maneira possível, desde o seu resgate quando ainda nas regiões umbralinas. Desde os enfermeiros que cuidaram dele ali aos protetores que se revezavam para auxiliá-los quando encarnados, os mentores que endossaram aquela reencarnação. Todos queriam de alguma forma participar daquele momento sublime para a evolução de um espírito. Todos, sem exceção choravam comovidos pela grandeza do amor que os uniam, que fez um anjo descer à Terra para ajudar uma alma querida, que, pelos seus erros de muitas existências,

não conseguiu lhe acompanhar até aos Céus. E de forma humilíssima, característica das grandes almas, Angélica se despediu:

– Cuidem bem deste Meu Formoso Lírio do Campo, meus amigos e por isto recebam pela eternidade toda minha gratidão! É-me uma joia muito cara.

E como uma estrela cadente extremamente brilhante, que ao invés de cair aqui levantava voo, atravessou o espaço rumo a sua morada, deixando saudade e aprendizado sublime e imperecível aos amigos que ficavam.

No plano físico a enfermeira percebeu que o aparelho que o mantinha vivo parava de funcionar e dirigiu seu olhar para médico, que lhe instruiu:

– Hora do óbito, Eliza, 00 horas.

Gosto muito deste horário, pois marca ao mesmo instante o fim de uma jornada e o início de outra. É simbólico, claro.

– Bem, parece que ele está de certa forma feliz, Dr. Será que foi para um lugar bom, ele está sorrindo, parece num lindo sonho.

– Bem, desta ciência não entendo nada, minha querida. Não tenho nada a declarar. Mas o conheço há algum tempo e me parece que esta é uma questão cuja resposta ele vinha perseguindo.

– Tomara que ele tenha encontrado o que buscava, Doutor. De uns tempos para cá ele estava muito diferente. Mais flexível, mais respeitoso e conseqüentemente uma pessoa mais fácil de se conviver.

A enfermeira, de forma respeitosa, cobriu aquele corpo que por sessenta e cinco anos serviu de veículo ao nosso amigo neste plano e saíram ambos da sala para dar continuidade em seus afazeres.

Fim